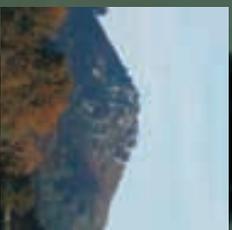


Património Arqueológico e Arquitectónico de Vieira do Minho

Luis Fontes e Ana Roriz





Património Arqueológico e Arquitectónico de Vieira do Minho

Luis Fontes e Ana Roriz

Município de Vieira do Minho
2007

Título
PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO E ARQUITECTÓNICO DE VIEIRA DO MINHO

Autores
Luis Fontes e Ana Roriz

Produção
Luis Fontes, Ana Roriz e Clara Rodrigues / Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

Fotografias
Ana Roriz e Luis Fontes / Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

Mapas
Luis Fontes, Ana Roriz e Clara Rodrigues / Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

Editor
Município de Vieira do Minho

ISBN: 978-989-95595-0-9

Impressão e acabamentos
Oficina São José - Braga

Exemplares
2000

Depósito legal
267228/07

Co-financiado



Proibida a reprodução, divulgação ou cópia, no todo ou em parte, sem autorização expressa dos autores. Reservados todos os direitos pela legislação em vigor (DEC-LEI 332/97 e 334/97, de 27 de Novembro).

Apresentação	004
1. Introdução	005
2. Aproximação ao quadro geográfico	006
3. Breve síntese historiográfica	008
4. Do património arqueológico e arquitectónico	009
4.1. Pré-História Recente	009
4.2. Proto-História	011
4.3. Antiguidade (romano e suevo-visigótico)	013
4.4. Idade Média	015
4.5. Idade Moderna e Contemporânea	018
5. Inventário	027
6. Bibliografia	167

1. Introdução

O trabalho que aqui se apresenta é o culminar do projecto de 'Inventário do Património Arqueológico e Arqueotónico do Município de Vieira do Minho', projecto cuja execução foi cometida à Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, sob a responsabilidade dos signatários e ao abrigo de um protocolo específico celebrado entre o Município de Vieira do Minho e a Universidade do Minho.

Ao longo de 3 anos, entre Janeiro de 2004 e Janeiro de 2007, percorreu-se o território de Vieira do Minho de Iês-a-Iês, desceram-se as margens dos seus rios e ribeiras, subiram-se as encostas dos seus montes e percorreram-se as cumeadas das suas serras, visitaram-se as igrejas e capelas de todas as freguesias, descobriram-se sítios arqueológicos inéditos e registaram-se centenas de espigueiros e de moinhos.

Nestas tarefas participou, com um empenho, gosto e conhecimento ímpares, Manuel Abraão Pires, o mais qualificado *prosector arqueológico* com que podíamos contar. Aqui ficam os nossos conhecimentos e agradecimentos públicos.

Do contacto frequente com o território de Vieira do Minho guardam-se também lembranças de deslumbramento pelas paisagens vistas, de acolhimento franco e incentivador por parte das populações, de emoções únicas que construíram amizades sólidas, da fruição de sabores gastronómicos de excelência.

O projecto de inventário protocolado entre o Município de Vieira do Minho e a Universidade do Minho contemplou, tal como explicita o título, o património arqueológico e arqueotónico, entendido o primeiro de modo mais restrito (sítios com ruínas, anteriores ao século XX, pois as balizas cronológicas da área disciplinar de Arqueologia estendem-se, actualmente, da Pré-História até à Contemporaneidade, abarcando todas as manifestações materiais da actividade humana), e o segundo na sua aceção mais comum de construções a que

se reconheceu valor arquitectónico vernacular (tradicional) e/ou de estilo. Excepcionalmente, registaram-se valores patrimoniais posteriores, isto é, já do século XX, como aconteceu com alguns espigueiros, pois revelaram a permanência de gostos estéticos e de um 'saber fazer' muito característico da arquitectura vernacular regional.

O presente trabalho constitui o primeiro inventário sistemático do património arqueológico e arquitectónico da totalidade do município de Vieira do Minho, com um total de 1491 registos, acrescentando-se significativamente o conhecimento sobre as existências arqueológicas e valorizando-se um património arquitectónico que até agora terá passado despercebido.

De facto, aos 14 sítios arqueológicos registados conjuntamente pelo IPA (Instituto Português de Arqueologia) e pelo IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico), juntam-se agora mais 130, somando um total de 144 sítios (10 % dos sítios inventariados neste trabalho).

Relativamente ao património arquitectónico, a diferença é ainda mais expressiva: registaram-se 1347 edifícios a que se reconheceu valor patrimonial (90 % dos sítios inventariados neste trabalho), a maior parte dos quais relacionados com expressões vernaculares da arquitectura, isto é, arquitectura tradicional ou popular, com particular destaque para os moinhos e espigueiros (que no conjunto somam mais de 70 % dos registos de património arquitectónico).

É toda essa informação que agora se disponibiliza ao público na forma impressa, depois de já se ter assegurado a sua divulgação na Internet, através do site do Município de Vieira do Minho, dando visibilidade a um património ainda pouco conhecido.

Nas páginas que se seguem começamos por fazer breves aproximações ao quadro geográfico e à historiografia do município de Vieira do Minho, como introdução ao capítulo em que se ensaia uma leitura de síntese do

conjunto do património, numa abordagem diacrónica de caracterização da sequência longa de ocupação do território de Vieira do Minho. Segue-se a apresentação dos valores patrimoniais inventariados, por freguesias, com listagem de todos os registos e uma descrição mais desenvolvida de sítios e/ou monumentos seleccionados, concluindo-se este trabalho com a indicação de toda a bibliografia consultada, na qual o leitor poderá encontrar informação complementar.

2. Aproximação ao quadro geográfico



Panorâmica sobre o vale de Vieira do Minho

elevação das vertentes, até se concentrarem em aglomerados compactos nas vertentes altas ou nas zonas planálticas. A humanização é hoje significativamente mais intensa na vertente SO da Cabreira e no vale inicial do Ave e menor na vertente virada ao rio Cávado.

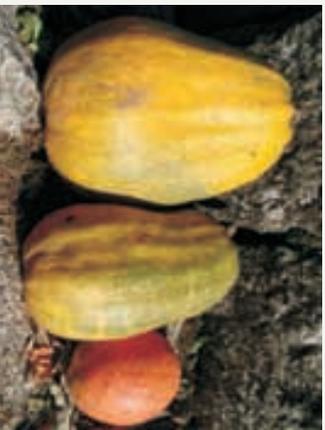
A paisagem dominante é a paisagem de minifúndio ou de *bocage*, reflexo da antiga economia de base agrícola, com campos que retalham o espaço dividindo-o com sebes de arbustos ou alinhamentos de árvores de fruto e que sobem as encostas armando-se em socacos sustentados por muros de mamposteria. É o espaço da policultura

intensiva, em regime de exploração familiar, ainda dominada pelos cultivos de leguminosas, forragens para o gado e milho grosso ou milho.

Nas encostas superiores e nas cumeadas das serras, dominam os prados também armados em socacos ou os mais extensos prados naturais das chãs. É o espaço da pastorícia, actualmente dominada pela criação de gado bovino e equino.

A população, contudo, conhece um processo de redução e envelhecimento progressivos, constituindo a sua fixação nos lugares de origem um dos maiores desafios que actualmente se coloca ao fomento do

desenvolvimento municipal, tanto mais quanto são os sectores tradicionais de baixa produção que ainda dominam a estrutura produtiva.



Prados de lima na zona de Campos

3. Breve síntese historiográfica

Do conhecimento da história da ocupação humana antiga do território de Vieira do Minho, não se pode dizer o mesmo que relativamente ao conhecimento geográfico, com excepção dos recentes contributos da publicação, historicamente contextualizada, das *Memórias Paroquiais de 1758* (Capela e Borralheiro 2000; Capela 2003).

Efectivamente, antes de 1998, quando foi efectuado o primeiro inventário arqueológico da vertente alta da Serra da Cabreira, nunca se efectuaram quaisquer estudos arqueológicos planeados e mesmo as referências avulsas a vestígios arqueológicos são escassas.

Para a área do município de Vieira do Minho, as primeiras referências datam do século XVIII e devem-se a Jerónimo Contador de Argote, que a propósito do traçado da via romana que ligava Braga a Chaves, refere a existência de vestígios de calçada e fragmentos de milhários em Salamonde e em Ruivães (Argote 1732 e 1734).

Já em finais do século passado, em 1895, Martins Capela assinala o achado de um milhário anepígrafe na extrema setentrional da freguesia de Ruivães, monumento hoje desaparecido, e a existência da ponte do Arco (a ponte de Saltadouro, actualmente submersa pelas águas da albufeira de Salamonde), que classifica de romana (Capela 1987, 56).

Em 1906, Rocha Peixoto noticia na revista *Portugalia* a existência de sepulchras escavadas na rocha em S. Cristóvão, Ruivães (Peixoto 1967, 366-371).

Em 1925 José Alves Vieira escreve a primeira, e até hoje única, monografia do concelho de Vieira do Minho, que intitulou *Vieira do Minho. Notícia Histórica e Descritiva* (Vieira 2000), valorizando os tópicos que, na época, constituíam os elementos considerados fundamentais da identidade de Vieira do Minho, desde descrições detalhadas dos valores naturais, em que dominava a Serra da Cabreira, até ao relato laudatório e comprometido da

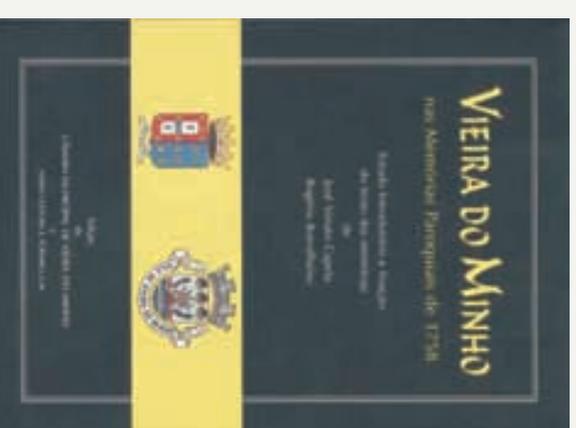
história das principais famílias de Vieira. No que respeita à arqueologia, incorpora os elementos referidos pelos autores anteriores e dá pela primeira vez notícia dos povoados medievais abandonados de S. Bento e de Arandosa.

Em 1947 Carlos Teixeira publica um artigo mais desenvolvido e ilustrado sobre os povoados abandonados da Serra da Cabreira, aludindo marginalmente à existência de monumentos tipo megalítico dispersos pelos montes envolventes de Rossas (Teixeira 1947).

Os estudos posteriores pouco acrescentaram, destacando-se apenas a notícia, dada por Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1970), de importantes achados correlacionados com o castro romanizado de Rossas e o contributo de Arlindo Ribeiro da Cunha (1975), sobre os castros de Rossas e de Vila Seca (agora chamado correctamente de Vieira) e sobre o castelo de Penafiel de Soás (monte de São Mamede).

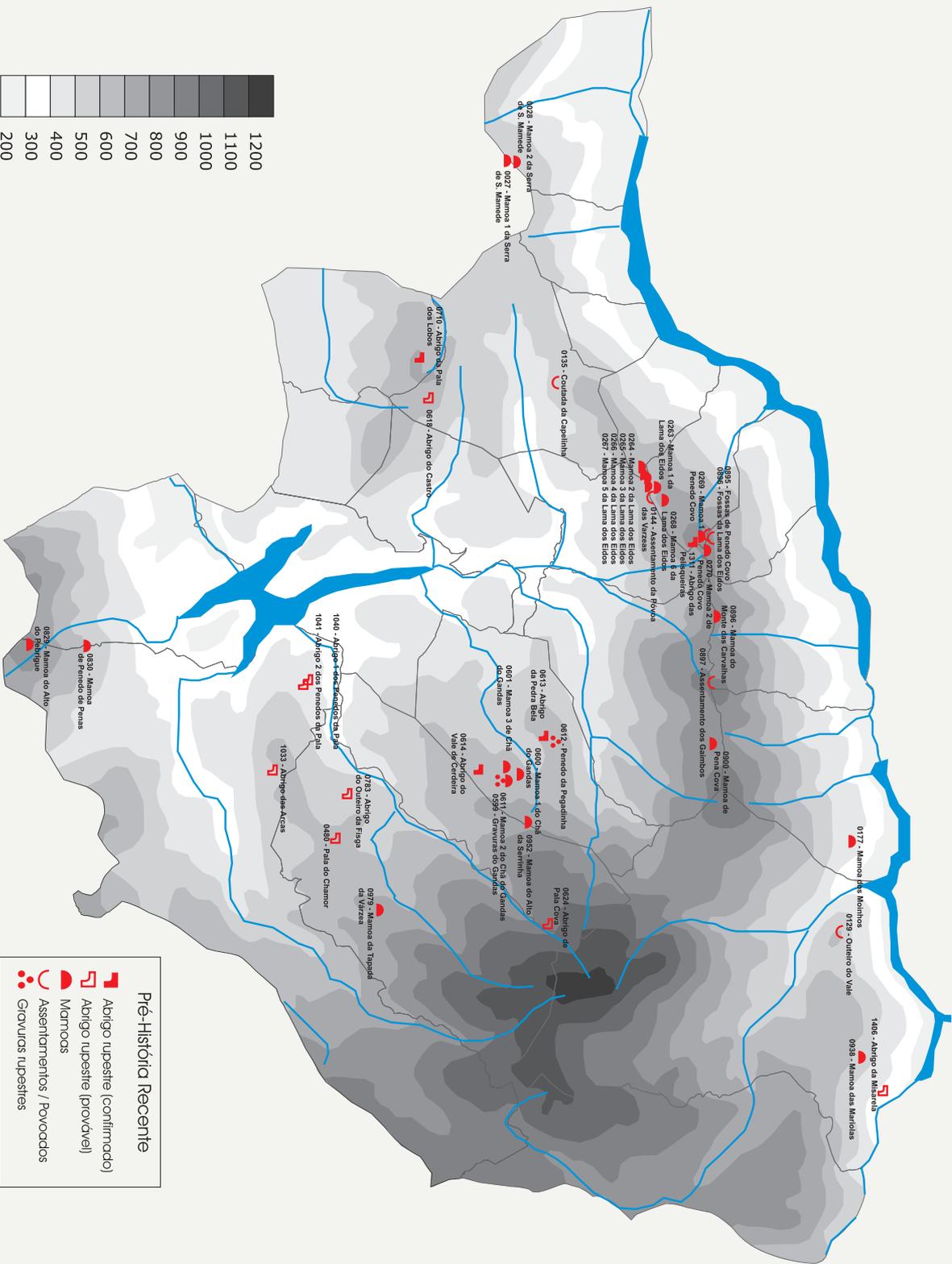
Com o inventário da vertente alta da Serra da Cabreira, realizado em 1998 e que abarcou então os concelhos de Vieira do Minho e de Cabeceiras de Basto, mas restringido ao espaço acima da cota dos 600 metros de altitude, deu-se um primeiro passo para o conhecimento sistemático da realidade arqueológica do município, inventariando-se então em Vieira do Minho 24 arqueossítios (Fontes 1998; Fontes 1999).

Na ausência de novos e mais desenvolvidos estudos, reedita-se em 2000 a monografia de José Alves Vieira e publicam-se, pouco depois, as já referidas *Memórias Paroquiais*.



4. Do património arqueológico e arquitectónico

4.1. Pré-História Recente



4. Do património arqueológico e arquitectónico

estudos arqueológicos, podendo não ter conhecido uma ocupação tão antiga.

Mais abundantes são os enterramentos sob *tumuli* (ou tumulações com 'mamoa' - por serem especialmente visíveis os amontoados de terra e calhaus que recobriram outrora as câmaras sepulcrais), dos quais se identificaram 21, distribuídos pelas chãs e portelas dos relevos que enformam a cabeceira do rio Ave, distinguindo-se dois conjuntos maiores, verdadeiras necrópoles, no Chão do Gandas e na Lama dos Eidos, ocupando amplas e bem expostas chãs de maia encosta.

Trata-se de testemunhos de ocupação humana com uma cronologia alargada, que geralmente se situam entre os 3.º e 1.º milénio a.C., vinculando-se aos períodos culturais do Neolítico, Calcolítico e Idade do Bronze. Sendo, na sua maior parte, estruturas funerárias, admite-se que os assentamentos das populações que os usaram se localizariam nas proximidades.

Este conjunto de monumentos vem preencher uma lacuna nas manchas de distribuição conhecidas e, embora possa corresponder a uma baixa densidade de ocupação do território, revela uma clara penetração do megalitismo no vale superior do rio Ave.

Adentro deste período da Pré-História Recente, registaram-se 6 assentamentos / povoados e dois conjuntos de gravuras rupestres, a maior parte dos primeiros correlacionados espacialmente com a necrópole de Lamas dos Eidos e os segundos com a necrópole do Chão do Gandas.

4.2. Proto-História

No noroeste peninsular a proto-história é geralmente associada aos "castros", designação habitual dos inúmeros povoados fortificados que coroam os principais montes e que são a expressão monumental da chamada "cultura castreja".

Muitas vezes de fundação mais remota, que pode recuar à Idade do Bronze e com

ocupações que, por vezes, se prolongaram até à Baixa Idade Média, a maior parte destes povoados fortificados parece ter-se desenvolvido no decurso da Idade do Ferro, ocorrendo o seu apogeu entre os séculos II a.C e II d.C..

No actual território do município de Vieira do Minho registaram-se 6 povoados fortificados, todos com vestígios de muralhas, ruínas de edificações nas plataformas interiores e espólio cerâmico; 2 sem evidências de amuralhamento; e 1 ocorrência que poderá corresponder a uma necrópole.

Embora se dispersem por quase todo o território do actual município de Vieira do Minho, a análise atenta da sua distribuição revela dois conjuntos distintos: um na margem esquerda do rio Cávado, com os povoados implantados em cabeços e promontórios a meio da vertente Norte da serra da Cabeira / Cantelães; e outro vinculado à bacia inicial do rio Ave, localizados em relevos proeminentes que dominam os inúmeros vales interiores da cabeceira do rio.

Estes são os de maiores dimensões, destacando-se entre todos o Castro de Vieira / Cantelães, com uma área aproximada de 10 hectares e um complexo sistema defensivo de muralhas concêntricas, com cerca de 3500 metros de perímetro total. Trata-se, portanto, de um povoado fortificado que, pela sua dimensão e implantação estratégica ao centro do vale inicial do rio Ave, terá sido um lugar central do povoamento pré-romano, inscrevendo-se bem no centro do território dos *Callaeci Bracari*.

O reconhecimento do valor histórico, cultural e científico do monumento, a par da percepção do seu elevado potencial de valorização, conduziram o Município de Vieira do Minho a promover, em parceria com a Universidade do Minho, um projecto de estudo, de valorização e de divulgação do Castro-Castelo de Vieira, com o objectivo de garantir a sua conservação e de o tornar acessível ao público, satisfazendo as

condições para que seja integrado na rede de Castros que a Sociedade Martins Sarmento e o Centro de Arqueologia Castreja e Estudos Célticos pretendem candidatar a Património da Humanidade. O primeiro passo do projecto já se concretizou com o envio ao IPPAR de uma proposta de classificação como Imóvel de Interesse Público.

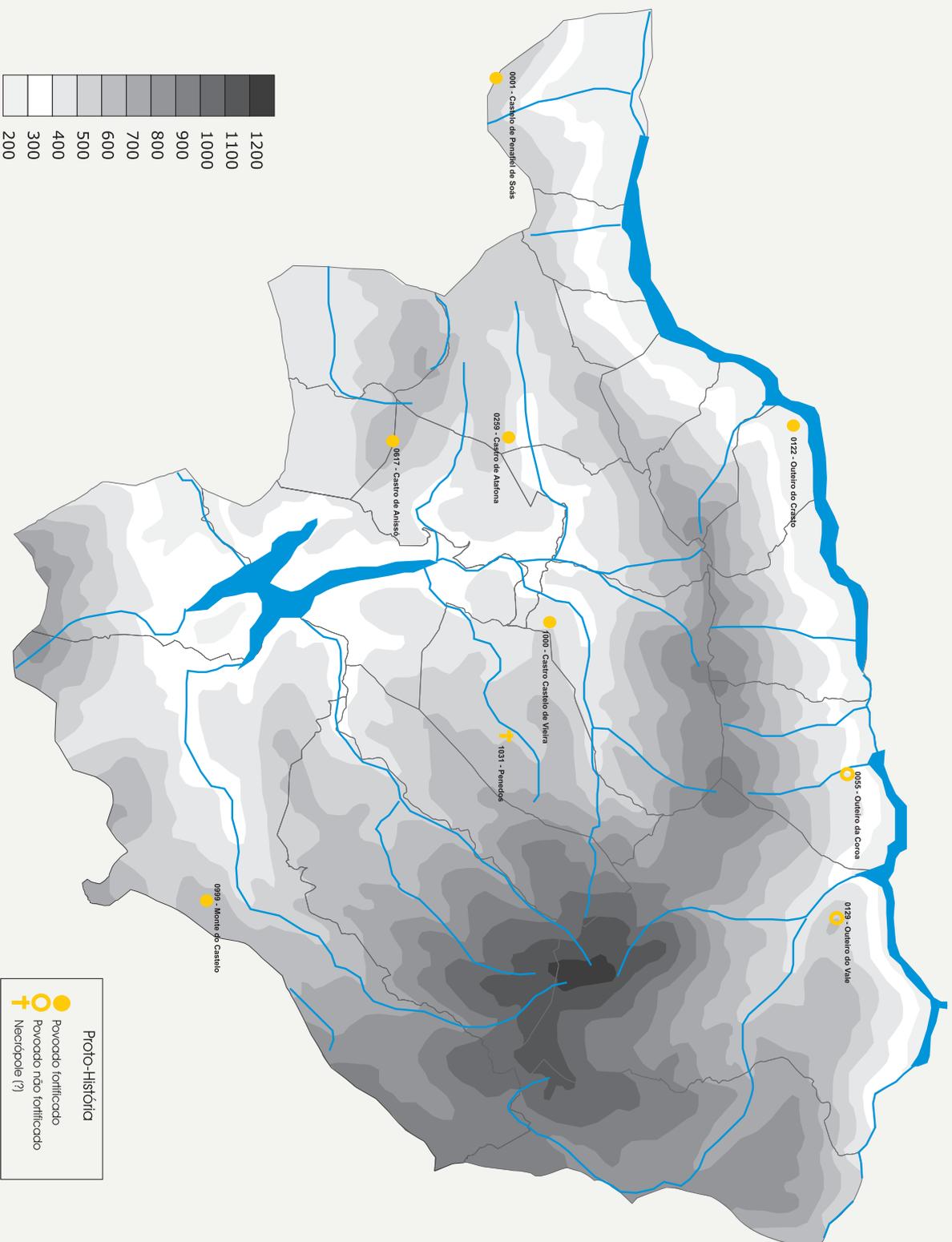
Com excepção dos castros de Atafona e de Outeiro do Vale, todos os restantes povoados foram romanizados, sendo que dois conheceram também ocupação durante o domínio suavo-visigótico e um continuou ocupado na Idade Média, recebendo um castelo na sua plataforma superior (Castro / castelo de Vieira).



Panorâmica do Castro de Vieira / Cantelães

4. Do património arqueológico e arquitectónico

4.2. Proto-História



4. Do património arqueológico e arquitectónico

4.3. Antiguidade (romano e suevo-visigótico)

A Antiguidade aparece representada por 27 sítios e achados arqueológicos, praticamente todos relativos a ocupações romanas e suevo-visigóticas.

Cinco dos sítios correspondem a povoados fortificados proto-históricos que apresentam vestígios materiais de época romana e suevo-visigótica. Os castros de Vieira / Cantelães e de Rossas parecem ter mantido importância, pois aí se recolheram inúmeros materiais, incluindo moedas, uma átrula e uma cabeça de Júpiter.

Identificaram-se também seis povoados abertos, entre os quais se destacam, pela grande área de dispersão dos vestígios, S. Cristóvão e Vila Monteira.

As necrópoles correlacionadas com estes povoados estão praticamente todas por descobrir, referenciando-se apenas dois sítios que poderão corresponder a essa função.

Refira-se ainda um achado isolado, a ara de Louredo, que poderá ser proveniente de um dos povoados próximos.

Mas os vestígios mais numerosos respeitam à passagem da importante via militar romana que ligava *Bracara Augusta* (Braga) a *Asturica Augusta* (Astorga), por *Aquae Flaviae* (Chaves), atravessando o espaço do actual município de Vieira do Minho, que então se integrava o conventus bracarensis. O estudo do seu traçado mereceu especial atenção, tendo-se identificado onze troços e dois miliários correlacionados com a sua passagem.

Estruturada ao tempo do imperador Augusto (séc. I), esta ligação viária, que atravessava a rica região mineira do Barroso, aparece registada no *Itinerarium Antonini*, do século III.

O seu traçado no território do Município de Vieira do Minho é bem conhecido, correndo pela vertente setentrional das Serras de Cantelães e da Cabreira, virado ao rio Cávado, servindo diversos povoados 'castrejos' romanizados e outros povoados

abertos de fundação romana. Na sua passagem por esta região era servido por uma estalagem, a *mansio Salata*, cuja localização exacta permanece desconhecida.

Desde Pousadouro (Tabuaças) até Cambedo (Campos), o seu traçado pouco variava de cota, serpenteando a meia encosta acompanhando sensivelmente o actual traçado da estrada nacional 103. No Outeiro dos Púcaros, (entre Salamonde e Ruivães), em Ruivães, e no Monte de Cambedo, em Campos, conservam-se bons troços do caminho antigo, podendo ser percorridos a pé.

Em 2005, o traçado da via romana no município de Vieira do Minho foi integrado no "Projecto das Vias Augustas", estando devidamente sinalizado.

Do ponto de vista da sua distribuição global, ressalta a especial concentração de vestígios na margem esquerda do rio Cávado, associando-se um maior número de povoados com o traçado da via que ligava Braga a Astorga por Chaves.

Sobre as cronologias dos sítios romanos, os únicos elementos susceptíveis de proporcionar referências cronológicas, são a via *Bracara Asturica*, aberta ao tempo de Augusto, alguns materiais do castro de Rossas, designadamente uma moeda de Carisius, legado de Augusto (séc. I), uma cabeça de Júpiter datável de finais do século II inícios do século III, sigillatas hispânicas e vidros tardios (século V), sugerindo portanto uma ocupação continuada desde a transição da era até ao fim do Império.

Para o período suevo-visigótico (séculos V-VIII), confirma-se, pelo espólio cerâmico, a continuidade de ocupação em vários dos povoados fortificados, os *castra*, ocupação igualmente confirmada, ainda que indirectamente, pelas fontes documentais coevas, designadamente a crónica de Idácio, bispo de Chaves, escrita cerca do ano 469, e a *Divisio Theodomiri* ou 'Paroquial Suevo', elaborada cerca do ano 572. Nesta última referem-se as 'paróquias' de Palantucio e de Lameto, que os especialistas

localizam em Pandoses (Parada de Bourro) e Lamedo (Rossas), respectivamente.



Cabeça de Júpiter(?), em bronze



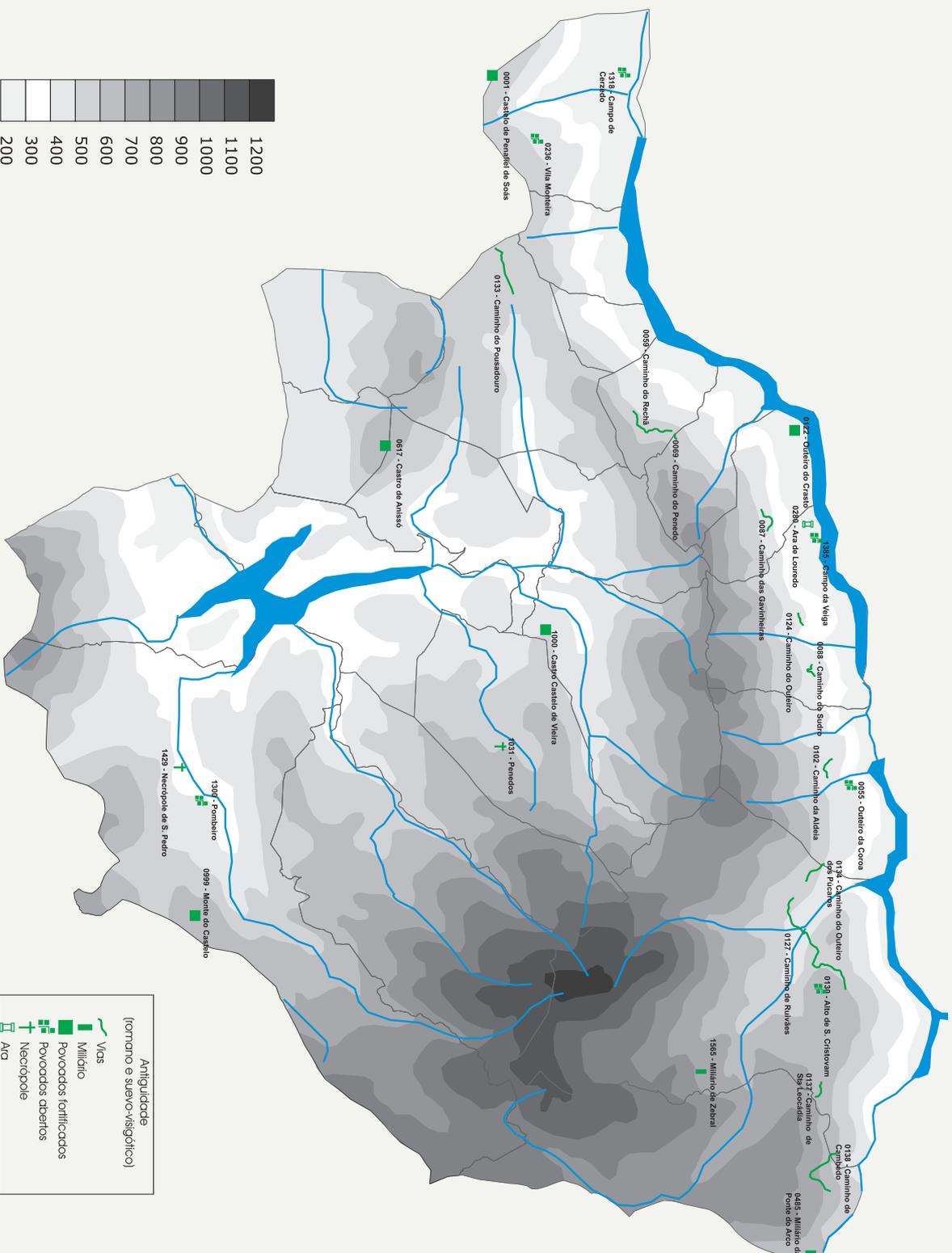
Miliário de Zebrai



Troço de via antiga, entre Salamonde e Ruivães

4. Do património arqueológico e arquitectónico

4.3. Antiguidade (romano e suevo-visigótico)



4. Do património arqueológico e arquitectónico

4.4. Idade Média

Da Idade Média, período em que se configurou um novo modelo de povoamento, primeiro decorrente do processo de expansão asturiano-leonês e da definição do Condado Portucalense e depois com a afirmação do Reino de Portugal, identificaram-se relativamente poucos sítios arqueológicos, apenas 20, a que se poderão acrescentar os testemunhos arquitectónicos de traça românica da igreja de São João da Cova.

Esta pouca frequência de registos não significa ausência de povoamento medieval, explicando-se antes pelo facto de a estrutura actual de povoamento corresponder à matriz gerada no decurso dos séculos medievais, documentando-se em meados do século XIII quase todas as sedes paroquiais que hoje existem. Portanto, o modelo de povoamento medieval permanece activo, conhecendo actualmente um processo acelerado de transformação, ainda indefinido.

Castelos, igrejas e pontes são as mais comuns expressões arquitectónicas da Idade Média, ocupando um lugar especial no imaginário popular. No conjunto de sítios e achados registados sobressaem precisamente os castelos de São Mamede (Parada de Bouro) e o de Vieira (Canteiães). O primeiro foi cabeça da *Terra de Penafiel* de Soás e o segundo, construído sobre um grande povoado ‘castrejo’, sede da Terra de Vieira, território no qual tem origem o Município de Vieira do Minho.

Das igrejas paroquiais de Vieira do Minho, todas já referenciadas pelo menos desde o século XI, nenhuma manteve a sua arquitectura original e são raros os testemunhos das edificações de estilo românico, que aqui conheceu uma expressão marginal. Distingue-se entre todas a igreja de São João da Cova, que conserva parte significativa da fábrica românica, datável do século XIII, sobressaindo as suas cachorradas esculpturadas e o portal lateral sul com tímpano ornamentado com cruz vazada, de

clara filiação estilística bracarense, bem como a utilização de silhares de granito rosado.

Relevo especial para os 5 povoados medievais abandonados, quatro na vertente alta da serra da Cabreira, vinculando-se claramente a uma mais intensa exploração dos recursos pastoris da serra e um outro na vertente baixa, nas proximidades de Ruivães. Este último é particularmente importante porque corresponde à antiga sede de freguesia de São Martinho de Vilar de Vacas, mencionada nas Inquirições de 1258, povoação que esteve na origem de Ruivães.

Destaque igualmente para as 4 pontes e 3 troços de via, testemunhando a importância da rede viária local e regional. Efectivamente, as pontes foram obras que na Idade Média mereceram especial atenção dos senhores das terras, dos abades de mosteiros e da coroa, porque serviam as ligações viárias que estruturavam o território, aqui em Vieira do Minho servindo as mais importantes ligações regionais ao Barroso, Rossas e Basto, avultando entre todas a Ponte da Mizarela, notável tanto pelo engenho revelado na sua construção como pela implantação espectacular sobre as escarpas do rio Rabação, servindo a via medieval que acompanhava o vale do rio Cávado em direcção ao interior galego.

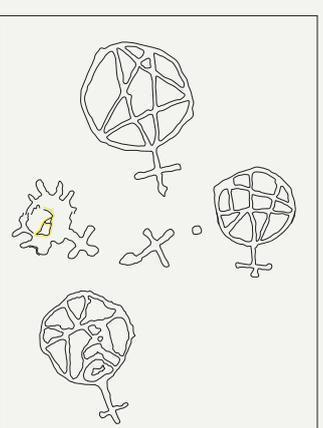
Refiram-se por último os 4 complexos de gravuras rupestres, que monumentalizam a paisagem com símbolos que parecem relacionar-se com marcação de termos, sucessivamente repetidos.



Ponte de Agra



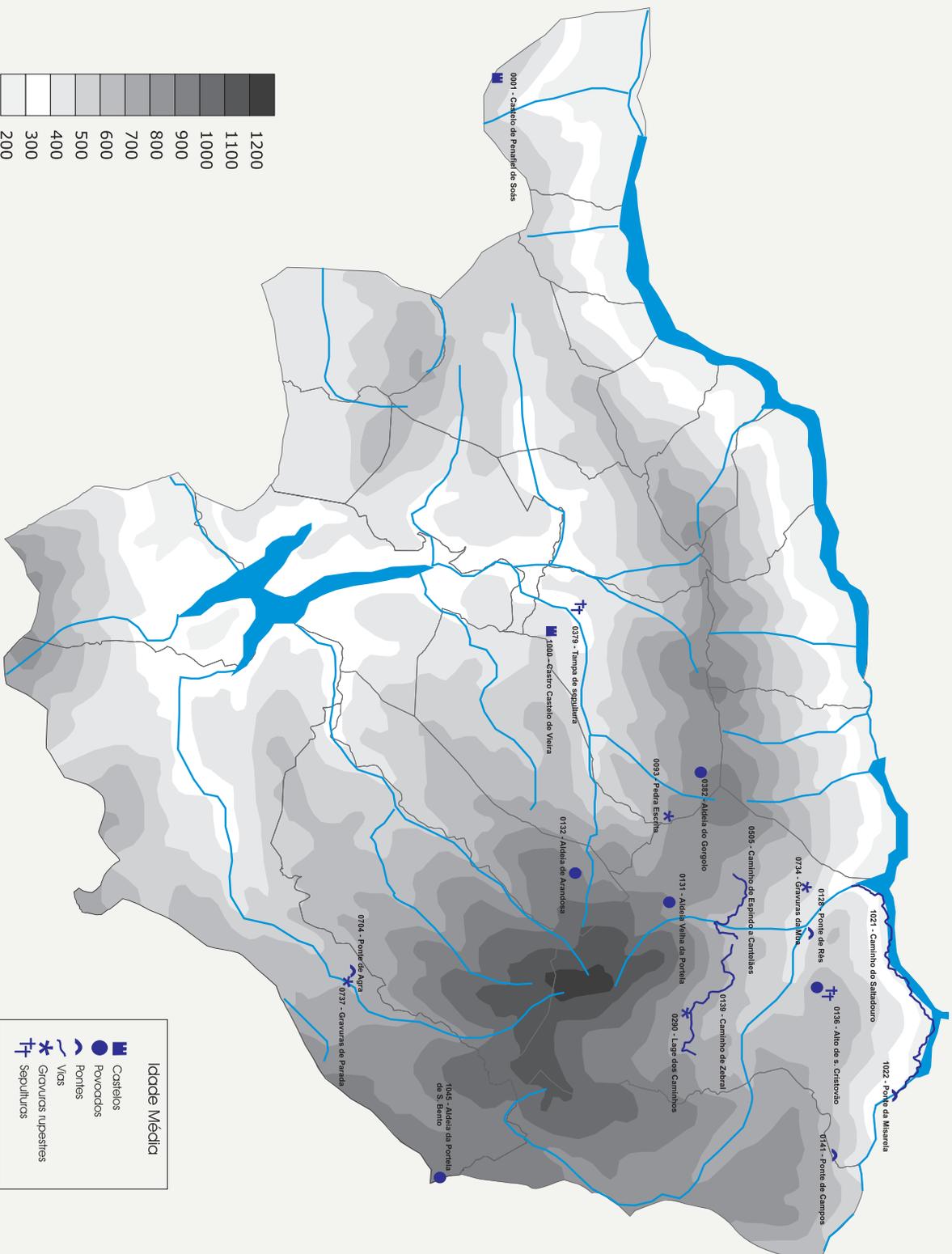
Castelo de Vieira



Gravuras da Laje dos Cantinhos

4. Do património arqueológico e arquitectónico

4.4. Idade Média



4.5. Idade Moderna e Contemporânea

Ao contrário do que foi habitual nos levantamentos arqueológicos tradicionais, entendeu-se considerar também como vestígios arqueológicos as ruínas de construções que, não sendo susceptíveis de ser recuperadas para a sua função original, se configuraram como testemunhos materiais importantes para a compreensão das paisagens moderna e contemporânea e ainda aquelas construções que, conhecendo um uso episódico, se vinculiam estritamente a vestígios arqueológicos de épocas anteriores. Assim, registaram-se para este período um total de 69 arqueossítios, a maioria de época moderna.

A estes sítios arqueológicos haverá que acrescentar os 1347 (90 % do total de registos patrimoniais) que foram classificados na categoria de património arquitectónico. A maior parte corresponde a

expressões de arquitectura vernácula, ainda há poucos anos dita arquitectura tradicional ou popular, destacando-se entre todos os moinhos e espigueiros (que no conjunto somam mais de 70 % dos registos).

Tal como ilustra o gráfico abaixo, menos de 10 % dos bens arquitectónicos registados correspondem a construções de funcionalidade religiosa, como sejam capelas, igrejas e alminhas. É nos dois primeiros tipos, a que se devem juntar os solares e paços rurais, que se revelam algumas soluções construtivas mais elaboradas, que aceitam a sua classificação adentro dos mais diversos estilos arquitectónicos que se desenvolveram entre os séculos XVII e XIX.

O património arquitectónico inventariado reporta-se, quase na totalidade, a uma época balizada entre os séculos XVI e XIX, correspondente à Idade Moderna e Contemporânea e revela um forte incremento do povoamento,

particularmente notório a partir do século XVIII, acompanhando a larga difusão e ampla aceitação do cultivo do milho grosso ou *maiz*.

A matriz do povoamento do município de Vieira do Minho, na qual se distingue um povoamento disperso nos vales baixos e um povoamento concentrado na vertente inferior das serras ou na bordadura do planalto de Barroso, tem origem no povoamento medieval fixado nos séculos XII e XIII, então como hoje orientado para uma economia de base agro-silvo-pastoril.

Essa estrutura de povoamento ainda se reconhece na distribuição actual dos aglomerados populacionais, apesar das mudanças registadas a partir do último terço do século XX, as quais se traduziram na diminuição da população nos núcleos rurais mais isolados e aumento de construção nas zonas de vale melhor servidas por equipamentos sociais e port transportes.

Reconhecendo que a análise da sua distribuição espacial poderá fornecer elementos interessantes para a compreensão do modelo de povoamento que se consolidou nos finais do século XIX, bem como para a compreensão da organização sócio-económica subjacente, limitamo-nos aqui a uma breve caracterização do património arquitectónico inventariado dividindo-o entre 'arquitecturas vernáculas' e 'arquitecturas de estilo' - nas primeiras distinguiram-se as aldeias, espigueiros e moinhos, e nas segundas os santuários de peregrinação e os solares.

Também nesta matéria, o trabalho que origina o presente trabalho constituiu o mais recente contributo para o conhecimento dos valores arquitectónicos do território do município de Vieira do Minho, revelando uma riqueza patrimonial até agora insuspeita, constituindo-se como um recurso com elevado potencial de exploração.

Sítios Arquitectónicos por Tipo

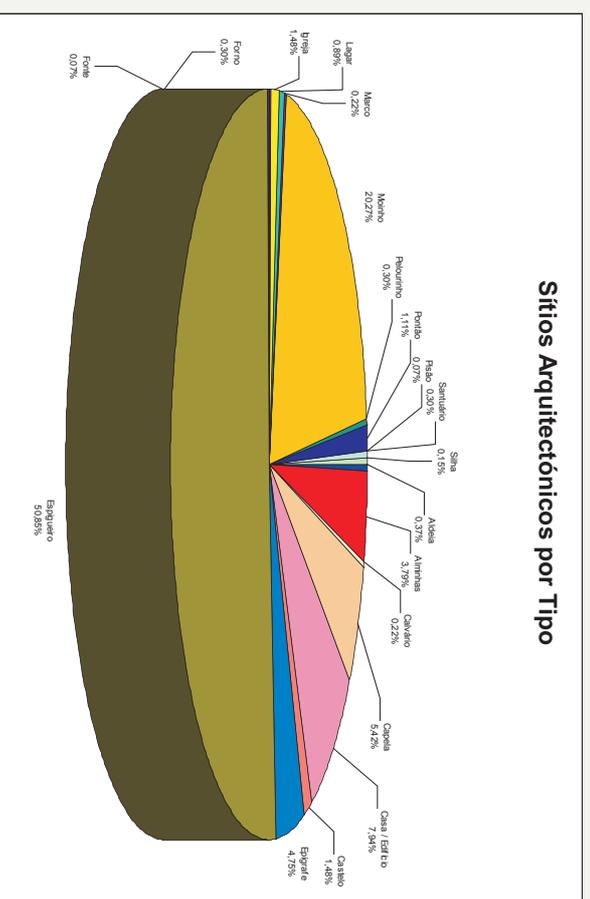


Gráfico de distribuição de sítios arquitectónicos por tipo

4. Do património arqueológico e arquitectónico

Destaca-se de modo significativo o conjunto das 38 cabanas de pastor e das 4 brandas pastoris (grupos de cabanas menores, juntas, com rediz individuais), que se concentram na vertente alta da serra da Cabreira, revelando uma intensa actividade de pastoreio, cujo incremento se documenta a partir do século XVI. São construções modestas, quase sempre de planta circular, com paredes de simples pedras sobrepostas, com cobertura em falsa cúpula de lajes graníticas, exteriormente recobertas com torções de terra.

Correlacionados com a actividade pastoril estão também os 4 fojos de lobo, todos no início da vertente sul da serra da Cabreira, 3 dos quais se encontram em vias de classificação como Imóvel de Interesse Público. Apresentam a típica planta em V descendo da cumeeira para as linhas de água, aí se localizando o poço circular e profundo, onde os animais afungentados calam. São obras monumentais, com paredes com cerca de 2,5 metros de altura e que no conjunto se estendem por cerca de 2,5 quilómetros.

Servidas por caminhos de pé posto, que prolongavam, acima dos 600 - 700 metros de altitude, os caminhos carreteiros que serviam as vertentes inferiores, as cabanas e currais e os fojos eram objecto de manutenção periódica, assegurada pelas populações do vale, constituindo uma importante expressão de arquitectura vernácula.

Já referenciadas nas 'Memórias Paroquiais' de 1758, muitas destas construções deverão datar dos séculos XVI-XVII, admitindo-se para algumas uma cronologia mais recuada, sendo certo que o máximo desenvolvimento das actividades agro-silvo-pastoris em torno da Serra da Cabreira se verificou entre meados do século XIX e meados do século XX.

A rede viária conheceu também um significativo reforço, patente no maior número de pontes edificadas ou reparadas neste período, num total de 8. Registaram-se também 4 troços de via lajeada.

Finalmente, refirmam-se os marcadores administrativos e simbólicos do território, expressos em 7 conjuntos de gravuras rupestres e 3 marcos de limites.

A maior parte dos conjuntos parecem vincular-se a marcação de termos, sucessivamente repetidos, em que a cronologia mais antiga se poderá recuar ao fim da Idade Média ou princípios da Idade Moderna e a mais recente já do último terço do século XX.

As técnicas de gravação variam entre a martelagem, o picotado e o abrasão e as gramáticas figurativas centram-se em torno dos quadrados, reticulados ou não, nas covinhas, nas cruzes ou em desenhos compostos de círculos, estrelas e cruzes. Mais raros são os motivos antropomórficos e zoomórficos. As gravuras apresentam-se tanto em painéis verticais como horizontais.

No que respeita especificamente à arquitectura vernácula em Vieira do Minho, as soluções construídas e mesmo estéticas que a caracterizam manifestam-se no mais variado tipo de construções, desde as alminhas às cabanas de pastor e das casas aos pontões. Distinguem-se entre todos os núcleos bem conservados de algumas aldeias, onde se congregam múltiplas expressões construídas vernaculares, destacando-se o conjunto dos espigueiros e moinhos, quase sempre espacialmente muito distantes mas umbilicalmente ligados pelo mais importante sustento, o pão, neste caso o milho grosso ou *maiz*, cujas espigas se guardam nos espigueiros, até serem levadas para os moinhos a moer.

Em praticamente todas as cerca de 150 aldeias do município de Vieira do Minho se identificam edificações de arquitectura tradicional, mas frequentemente já desenhadas da antiga malha urbana, que se apresenta alterada.

Contudo, alguns núcleos populacionais rurais serranos ainda conservam a sua estrutura urbana antiga, não se tendo alterado a íntima relação com os espaços agrários envolventes - as veigas profusamente irrigadas, onde se cultiva



Cabana de pastor do Toco, Ruiães



Fojo grande, Anjos



Ponte da Candosa, Rossas

4. Do património arqueológico e arquitectónico



Panorâmica da aldeia de Lamalonga

tudo o que é necessário ao sustento das famílias (hortícolas, milho, batata); mais afastados, pequenos bosques e zonas de matos continuam a fornecer material para a cama dos gados; na serra alta, pastam os rebanhos e manadas (cabras, bovinos e equinos), em algumas localidades ainda em regime de vezeira. Estão neste caso as aldeias de Lamalonga, Campos, Espindo e Agra e com menos expressão as de Zebrai, Vilar Chão e Anjos.

Aí, podem encontrar-se bons exemplares de arquitectura vernácula, desde as habitações (casas de lavoura simples, com duas divisões, ou casas de lavoura grandes, com pátio interior, para onde abrem as cortes, adegas e a habitação, esta frequentemente alpendrada) aos espigueiros, pode ainda fruir-se paisagens equilibradas, bem como tomar contacto com práticas de trabalho tradicionais e perceber o notável esforço das populações na construção e manutenção da paisagem.

Foi nesta categoria de arquitectura vernácula que se incluíram as edificações relacionadas com as primeiras expressões da indústria, como lagares e engenhos de

serra, alguns dos quais já integrados na "Rota do Património Industrial do Vale do Ave" (VV/AA, 2002).

Porque constituem recursos patrimoniais e culturais importantes, algumas destas aldeias têm vindo a ser objecto de programas de conservação e requalificação, existindo já uma razoável oferta de alojamento turístico que aproveita edifícios recuperados, facultando assim ao visitante um contacto mais duraduro e directo com as populações e com o território.

Os espigueiros são uma reconhecida 'imagem de marca' do Minho. Elevados do solo, marcam as paisagens das aldeias como uma espécie de sentinelas ou cavaleiros, guardando no seu interior algo de precioso, pelo que também se configuram como uma espécie de 'guarda-jóias' (que o eram as espigas de milho - sustento básico dos seres humanos e dos animais), justificando por isso requintes construtivos de valor arquitectónico por vezes superior ao das habitações.

Os espigueiros localizam-se geralmente junto das habitações ou nas

suas proximidades imediatas, sendo menos frequente uma localização isolada, associada aos campos de cultivo do milho. Datam na sua maioria dos séculos XVIII e XIX, época de mais ampla difusão do cultivo do milho grosso.

É também frequente possuírem uma eira, quase sempre bem lajeada, junto do espigueiro, registando-se alguns casos, poucos, de uma eira servir vários espigueiros.

Do ponto de vista tipológico, identificaram-se praticamente todos os tipos de espigueiros comuns à região do Minho, como sejam os 'canastros' todos de madeira sobre pés de granito, os de estrutura de granito (pés, mós, padleiras, ombreiras e cabeas das empenas) e balaustras de madeira e cobertura telhada e ainda aqueles integralmente de granito, incluindo os balaustras e a cobertura capeada com lajes. Refira-se a identificação de um único espigueiro com balaustras horizontais de granito, solução de influência galega.

Ao nível da decoração arquitectónica, os espigueiros inventariados enquadraram-se também nas tipologias decorativas que



Inscrição na casa paroquial de Louredo



Relógio de sol da Igreja de Campos



Casa de Faldrem

4. Do património arqueológico e arquitectónico

caracterizam a generalidade dos espigueiros minhotos. Dominam aqui as cruzes e pináculos a coroar as empenas, os letreiros epigrafados nas padieiras (enquadrados em cartelas mais ou menos rebuscadas, com predomínio de ramagens, meandros e cruzes), as portas de madeira entalhadas e mais raramente ombreiras esculpturadas.

Os moinhos de rodízio horizontal, movimentados pela força da água aduzida por caleira e cubo, marginando as inúmeras linhas de água que recortam os vales e encostas minhotos, são uma das mais características expressões arquitectónicas do Entre Douro e Minho.

Documentados já nos séculos anteriores à formação do reino de Portugal, os moinhos de água são pequenos edifícios de planta rectangular e cobertura telhada de duas águas, frequentemente construídos com rude aparelho granítico, possuindo geralmente uma só moenda, sendo raras instalações com duas moendas. Proliferaram a partir dos séculos XVII-XVIII, com a difusão do cultivo do milho mais ou milho grosso, o cereal que passou a constituir a principal produção agrícola.

Os moinhos inventariados em Vieira do Minho inscrevem-se quase na sua totalidade no tipo de 'moinho de rodízio horizontal com penas, de propulsão inferior', aduzindo-se a água através de levadas e caleiras mais ou menos estruturadas, por vezes recolhendo a água a várias centenas de metros ou mesmo quilómetros. Junto ao moinho a água adquire 'peso' e velocidade precipitando-se por uma caleira em rampa ou num cubo (espécie de pequeno poço) vertical e embute nas penas do rodízio, localizado na 'cave' do edifício. O rodízio roda fixo a um eixo vertical, que por sua vez faz movimentar a mó superior (movente), que tritura o grão esmagando-o contra a mó inferior, fixa (dormente ou pouso). As mós são circulares, com cerca de 1 m de diâmetro, em granito.

No conjunto dos moinhos inventariados destacam-se os do rio Ave, os moinhos de Cantelães, os moinhos de Bótica e os de Espinho.



Espigueiro da Casa de Ortezelo



Espigueiro da Casa Grande de Nogueiras



O moinho da Ribeira de Chedas

O município de Vieira do Minho não é particularmente rico em edifícios de vulto representativos dos grandes estilos artísticos que se desenvolveram e difundiram pela Europa e em Portugal. Tal facto dever-se-á, seguramente, não só ao carácter rural interior do território mas, sobretudo, ao baixo nível de rendimentos das suas populações, não gerando os avultados recursos financeiros necessários à edificação de obras de maior dimensão riqueza arquitectónica.

Só na segunda metade do século XVII e praticamente durante todo o século XVIII é que, acompanhando o enriquecimento geral do país, em parte correlacionado com os rendimentos do Brasil, se regista uma elevação dos padrões arquitectónicos, aqui manifesta na renovação de muitas igrejas e capelas e na edificação de paços ou solares rurais.

Domina o chamado Estilo Chão nacional, solução arquitectónica onde se cruzam influências de vários estilos, do Maneirismo ao Neoclássico, com evidentes preferências por traços barrocos, bem ao gosto minhoto.

Também não cabe aqui desenvolver qualquer análise sobre os estilos dominantes, mais do âmbito da história da arte ou da arquitectura. Mas justifica-se apresentar alguns comentários sobre dois dos conjuntos mais significativos, a saber: as igrejas, com especial destaque para os santuários e os solares.

A generalidade das igrejas paroquiais de Vieira do Minho conheceu remodelações ou mesmo reconstruções durante os séculos XVII e XVIII, acompanhando os impulsos reformistas pós-tridentinos da Igreja Católica.

Muito poucas conservaram a igreja medieval ou partes da edificação medieval. Entre estas, o destaque vai para a Igreja de São João da Cova, que conserva partes significativas da igreja românica e que já se referiu acima.

Nas igrejas modernas, frequentemente de maior dimensão que as

4. Do património arqueológico e arquitectónico



Santuário de Nossa Senhora da Lapa, Soutelo



Retábulo-mor da Igreja de Mosteiro

anteriores, dominam as naves rectangulares e capelas-mores também rectangulares mas alongadas, coros altos e uma maior profusão de altares colaterais, em concorrência com o altar-mor, geralmente enquadrado por tribunas ou retábulos de talha dourada, merecendo destaque os das igrejas de Mosteiro, Soengas, Soutelo e Ventosa.

Os séculos XVII e XVIII foram igualmente uma época de florescimento do culto mariano, materializado na reconstrução ou edificação nova de santuários de peregrinação dedicados ao culto da Virgem, de quem se espera uma protecção alargada. Assim aconteceu também em Vieira do Minho, com inúmeros santuários dispersos pelo seu vasto território, servindo uma população de grande fervor religioso. Entre todos destacam-se os santuários de Nossa Senhora da Orada, Nossa Senhora da Lapa, Nossa Senhora dos Remédios e Nossa Senhora da Fé, convergindo neste último a grande peregrinação anual do arcepovoado de Vieira do Minho.

Construídos quase sempre em lugares proeminentes da serra, são bem o testemunho da definitiva apropriação dos montes pelas populações dos vales, sacralizando espaços até então dominados por medos e superstições.

Os solares ou casas senhorais rurais são uma das mais expressivas modalidades arquitectónicas do Minho setecentista. Vinculadas a domínios agrários mais ou menos extensos, a sua edificação foi possível graças ao aumento da riqueza dos seus proprietários, proporcionada tanto pelo maior rendimento do milho *mais* ou milho grosso, que conheceu então uma larga aceitação e difusão, como pelos proventos do ouro e dos diamantes do Brasil, que a nobreza rural soube aproveitar para acrescentar as suas propriedades e influência.

Sem grandes variações na tipologia das edificações, que se caracterizam basicamente pela disposição de corpos rectangulares em torno de um pátio central,

4. Do património arqueológico e arquitectónico

desenhando plantas em “U” ou em “L” tal qual as grandes casas de lavoura, os solares são construções de grande sobriedade arquitectónica, limitando-se as expressões artísticas, de sabor barroquizante, à decoração arquitectónica dos vãos de portas e de janelas, às empenas, às capelas anexas e, principalmente, aos portais de aparato, onde quase sempre foi mandada colocar a pedra de armas da família proprietária.

Assim foi também no território do actual município de Vieira do Minho, onde se registam dez solares (Casa de Lamas, Casa da Laje e Casa da Cuqueira, em Vieira do Minho; Casa da Pena, em Mosteiro; Casa de Dentro, em Ruivães; Casa de Cibrão, em Caniçada; Casa do Vale e Casa de Senrela, em Parada de Bouro; Casa do Bairral e Casa do Lodeiró, em Rossas), uns ainda propriedade das famílias originais, outros já não, alguns bem conservados e habitados, outros encerrados ou já abandonados e raros em estado de franco abandono e ruína.

Com excepção da Casa de Lamas, propriedade do Município de Vieira do Minho, que o pretende adaptar a equipamento cultural, todos os outros são propriedade privada, de acesso reservado.



Casa da Laje, Vieira do Minho



Casa de Lodeiró, Rossas

Anissó



355; Costa 2000, 116; Oliveira 2005, 21-26.

Localizada na bordadura Sudoeste do concelho de Vieira do Minho, Anissó confronta a Oeste com a freguesia de Soutelo, a Nordeste com Tabuagas, a Norte e Nordeste com a freguesia de Vieira do Minho, a Este com Mosteiro e a Sul com o concelho de Póvoa de Lanhoso.

Embora em 1059 se documente já uma povoação chamada "Villa Nizolia", a freguesia de Anissó não aparece referenciada nas Inquirições do século XIII e é omitida no Catálogo das igrejas de 1320.

Autonomizou-se como freguesia apenas em 1722, consagrando-se então a sua igreja

a Nossa Senhora da Esperança, cuja festa se celebra no segundo domingo de Agosto.

Com uma população residente que tem vindo a decrescer, em 2001 Anissó registava apenas 263 habitantes, distribuídos pelos lugares de Povoinha, Anissó, Carvoeiras e Maceira, dedicando-se à agricultura e ao pequeno comércio.

No que respeita ao património, registaram-se aqui 17 sítios, 16 dos quais são de interesse arquitectónico e apenas um com interesse arqueológico.

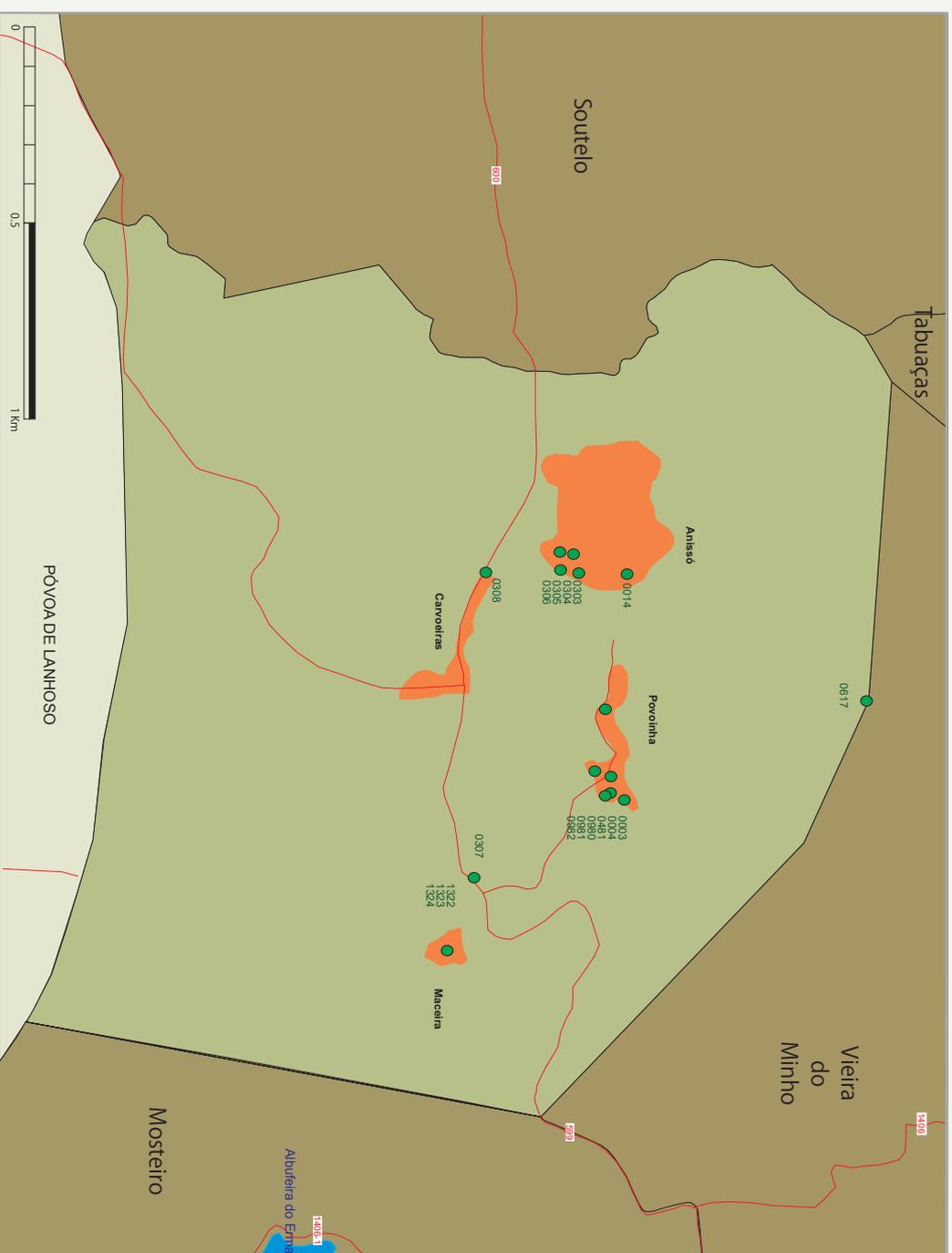
Referências bibliográficas:
Capela 2003, 441-442; Costa 1997,

Inventário de património

Anissó

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- 0003 - Espigueiro 4 da Povoinha
- 0004 - Espigueiro 5 da Povoinha
- 0014 - Cruzeiro de Anissó
- 0303 - Igreja de Santa Maria da Esperança de Anissó
- 0304 - Espigueiro 1 da Povoinha
- 0305 - Espigueiro 2 da Povoinha
- 0306 - Espigueiro 3 da Povoinha
- 0307 - Alminhas de Maceira
- 0308 - Alminhas de Anissó
- 0481 - Espigueiro 6 da Povoinha
- 0617 - Castro de Anissó
- 0980 - Espigueiro 7 da Povoinha
- 0981 - Espigueiro 8 da Povoinha
- 0982 - Espigueiro 9 da Povoinha
- 1322 - Casa de Maceira
- 1323 - Espigueiro 1 da Casa de Maceira
- 1324 - Espigueiro 2 da Casa de Maceira



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da
freguesia de Anissó

Inventário de património

Anissó

Castro de Anissó

Trata-se de um povoado fortificado que coroa o relevo denominado Crasto, elevação que, com os seus 732 metros de altitude, domina a bordadura poente do alvéolo que configura as nascentes do rio Ave.

Ocupando uma área aproximada de 4 hectares, circunscrita por três poderosas linhas de muralhas construídas em alvenaria granítica de aparelho regular, este povoado terá tido uma ocupação compreendida entre os primeiros séculos a.C. e a Alta Idade Média, como testemunham os fragmentos de cerâmicas de várias tipologias que se recolhem à superfície.

Referências bibliográficas: Almeida 1978, 35; Guia de Portugal 1986, 869; Silva 1986, 79; Vieira 2000, 359.

URL - <http://www.ipa.min-cultura.pt>



Igreja paróquial de Anissó

Dedicada a Santa Maria da Esperança, a igreja de Anissó é uma construção em alvenaria granítica de aparelho irregular, com nave e capela-mor retangulares, com coberturas telhadas independentes, de duas águas, sobre cornija. Os cumhais e empenas, com aparelho de cantaria mais perfeito, são coroadas por pináculos e cruzeiros.

A torre sineira, de construção mais recente, situa-se frente à fachada ocidental da Igreja, onde se rasga a porta axial, despida de qualquer decoração arquitectónica. No interior, modesto, destaca-se o retábulo em talha dourada do altar-mor.

As Inquirições e o Catálogo das Igrejas de 1320 omitem a Igreja de Anissó, pois esta

freguesia só foi criada em 1722, por desanexação da freguesia de Mosteiro, embora já existisse povoação em 1059. A igreja acabou de se construir em 1724, substituindo uma antiga capela com a mesma invocação.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 441; Costa 1997, 355; Craesbeek 1992, 183, 185; Oliveira 2005, 70-71; Vieira 2000, 364



Anjos



A freguesia e Anjos localiza-se na zona sudeste do município de Vieira do Minho, estendendo-se da margem direita do Rio Ave até à cumeeada da Serra da Cabreira, confrontando a Oeste com a freguesia de Vilar Chão, a Norte com Ruivães e a Este de Sui com Rossas. Até 1836 pertenceu ao extinto concelho de Rossas.

A paróquia de Santa Maria dos Anjos está documentada desde o século XI, designando-se então como *Sancta Maria de Latrones*, nome que mudou para Santa Maria dos Anjos depois de 1551. Nas festividades religiosas destaca-se a festa em

honra de Santa Luzia, no dia 13 de Dezembro, a do Sagrado Coração de Jesus no mês de Agosto e a festa de Nossa Senhora do Socorro a 15 de Agosto.

Em 2001 registaram-se 415 habitantes, distribuídos pelos lugares de Souto, Outeiro, Pomar Grande, Portela, Fundo de Vila, Cernadas, Carude e Cabo, dedicando-se predominantemente à agricultura, embora exista também alguma actividade de pequeno comércio, indústria e serviços.

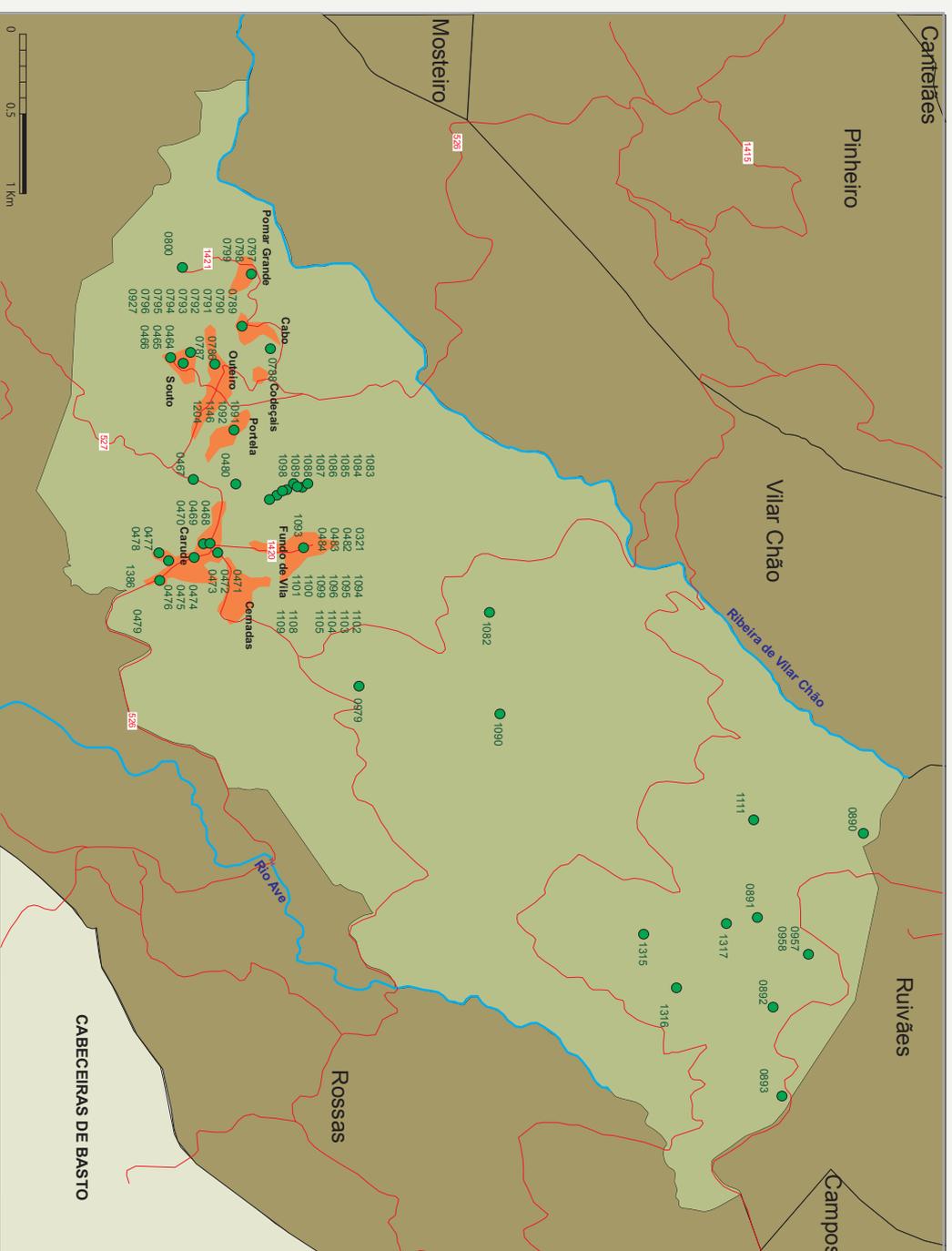
No inventário do património registaram-se 76 sítios com interesse, sendo 15 sítios arqueológicos e 61 arquitectónicos.

Referências bibliográficas:

Costa 1868-1869,137; Costa 1997, 156; Costa 2000, 122 e 309.

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

0321 - Epigrafe de Fundo de Vila	1083 - Moinho 1 de Fundo de Vila
0464 - Capela Na Sra do Socorro	1084 - Moinho 2 de Fundo de Vila
0465 - Casa do Pedra	1085 - Moinho 3 de Fundo de Vila
0466 - Espigueiro do Souto	1086 - Moinho 4 de Fundo de Vila
0467 - Capela de Na Sra da Boa Morte	1087 - Moinho 5 de Fundo de Vila
0468 - Igreja de Santa Maria de Anjos	1088 - Moinho 6 de Fundo de Vila
0469 - Casa do Cancela	1089 - Moinho 7 de Fundo de Vila
0470 - Alminhas 1 de Carude	1090 - Branda das Tapadas da Várzea
0471 - Espigueiro 1 de Carude	1091 - Espigueiro 1 de Portela
0472 - Espigueiro 2 de Carude	1092 - Espigueiro 2 de Portela
0473 - Espigueiro 3 de Carude	1093 - Espigueiro 3 de Fundo de Vila
0474 - Casa do Coitrado	1094 - Epigrafe de Anjos
0475 - Alminhas 2 de Carude	1095 - Espigueiro 5 de Fundo de Vila
0476 - Espigueiro 4 de Carude	1096 - Espigueiro 6 de Fundo de Vila
0477 - Casa do Barroso	1098 - Moinho 8 de Fundo de Vila
0478 - Espigueiro 1 da Casa do Barroso	1099 - Espigueiro 7 de Fundo de Vila
0479 - Casa da Fonte	1100 - Espigueiro 8 de Fundo de Vila
0480 - Pala do Chamor	1101 - Espigueiro 9 de Fundo de Vila
0482 - Epigrafe da casa de Riba	1102 - Espigueiro 10 de Fundo de Vila
0483 - Espigueiro 1 de Fundo de Vila	1103 - Moinho 9 de Fundo de Vila
0484 - Espigueiro 2 de Fundo de Vila	1104 - Espigueiro 11 de Fundo de Vila
0786 - Espigueiro 1 do Outeiro	1105 - Espigueiro 12 de Fundo de Vila
0787 - Espigueiro 2 do Outeiro	1108 - Espigueiro 13 de Fundo de Vila
0788 - Abrigo do Outeiro da Figma	1109 - Espigueiro 4 de Fundo de Vila
0789 - Epigrafe da casa do Cabo	1111 - Cabana do Chão da Asna
0790 - Espigueiro 1 da Casa do Cabo	1146 - Espigueiro 3 de Portela
0791 - Espigueiro 2 da Casa do Cabo	1204 - Espigueiro 4 de Portela
0792 - Espigueiro 1 do Cabo	1315 - Cabana 1 do Alto dos Seixos
0793 - Moinho de Cabo	1316 - Cabana 2 do Alto dos Seixos
0794 - Espigueiro 2 do Cabo	1317 - Cabana 3 do Alto dos Seixos
0795 - Espigueiro 3 do Cabo	1386 - Espigueiro 5 de Carude
0796 - Espigueiro 4 do Cabo	
0797 - Espigueiro 1 de Pomar Grande	
0798 - Espigueiro 2 de Pomar Grande	
0799 - Espigueiro 3 de Pomar Grande	
0800 - Espigueiro 4 de Pomar Grande	
0890 - Cabana dos Pogos	
0891 - Fojo Novo	
0892 - Fojo do Meio	
0893 - Fojo Grande	
0927 - Espigueiro 5 do Cabo	
0957 - Cabana 1 de Entre os Fojos	
0958 - Cabana 2 de Entre os Fojos	
0979 - Mamoa de Tapadas da Várzea	
1082 - Branda das Tapadas do Lameiro Velho	



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da
Freguesia de Anjos



Igreja paroquial de Anjos

Dedicada a Santa Maria, a igreja de Anjos é um edifício setecentista composto por nave e capela-mor retangulares, orientadas Este-Oeste mas com fachada principal virada a nascente, ao contrário do que é comum. A construção é de cantaria granítica de blocos bem esquadreados mas montados em fiadas irregulares.

A fachada principal apresenta desenho mais cuidado, com cunhais apilistrados, empena de desenho barroco coroada por coruchêus e cruz ao centro. Possui um portal de aparato também de traço barroco. No enfiamento da fachada, no lado Norte, foi adossada uma torre campanário que suporta dois sinos.

A paróquia de Santa Maria dos Anjos documenta-se já desde o século XI, designando-se então Santa Maria de Ladrões.

Referências bibliográficas: Costa 1868-1869, 137; Costa 1997, 156; Costa 2000, 122, 309; Craesbeek 1992, 144; INQ 1220; INQ 1258; Vieira 2000, 414.



Capela de Nossa Senhora do Socorro

Capela construída no meio do lugar de Souto. De planta rectangular, está orientada a NE e construída em alvenaria granítica de aparelho irregular, com cobertura telhada de duas águas, sobre cornija, com empenas coroadas por cruzeiros e pináculos nos cunhais. Na empena da fachada existe um pequeno sino suportado por uma armação em ferro.

Na fachada principal gravaram-se duas inscrições, onde parece ler-se, reforçado com tinta branca, a data de 1850 e a invocação "Mater".



Fojos de lobo da Cabreira

O conjunto monumental designado por fojos de lobo da Cabreira, em vias de classificação como Imóvel de Interesse Público e recentemente objecto de uma intervenção de limpeza e restauro, por iniciativa do Município de Vieira do Minho, é constituído por três construções independentes, formada cada uma por dois paredões que convergem num poço desenhando uma planta em "V".

O monumento localizado a Este é conhecido simplesmente por Fojo do Ribeiro do Fojo, Fojo de Pau da Bela ou Fojo Grande, como também se designa neste texto; o monumento central é conhecido por Fojo do Ribeiro das Figueiras Bravas ou Fojo do Meio; o monumento localizado a Oeste do conjunto é nomeado Fojo Novo. Os terrenos onde se implantam os monumentos são baldios das freguesias de Agra, Ruiães, Vilar Chão e Anjos, administrados pelos respectivos conselhos directivos.

Fojo Grande

Fojo situado na cabeceira do ribeiro do Fojo. Na margem esquerda deste, junto da linha de água, a uma altitude aproximada de 1100 metros, implanta-se um poço de planta sub-circular com cerca de 6 metros de diâmetro e profundidade aproximada de 3,5



metros. Na parte superior do poço abre-se um vão, delimitado pelos arranques de dois paredões com cerca de 2,5 metros de altura média e 0,80 metros de espessura, que divergem subindo pelas encostas. O paredão Este estende-se por cerca de 380 metros subindo até ao Pau da Bela, onde atinge os 1200 metros de altitude. O paredão Oeste, que nas proximidades do poço incorpora uma laje onde foi epigrafada, em letra cursiva dos séculos XVIII-XIX, o antroponímico João Mário (?), prolonga-se por 520 metros subindo a encosta oposta até aos 1180 metros. Os dois extremos superiores dos paredões ficam distantes entre si cerca de 650 metros. A altitude aproximada de 1130 metros e numa extensão de 160 metros, um paredão une transversalmente, em arco de círculo, os dois paredões laterais, modelando na encosta um socalco e desenhando em planta uma espéde de "A" invertido. Sensivelmente ao centro do comprimento deste paredão, num afloramento granítico, foi gravado o topónimo Campos, também em letra cursiva dos séculos XVIII-XIX. O poço e os paredões são constituídos com blocos de granito não afeiçoado, tipo laje, de tamanho médio e grande, montados em bom aparelho de mamposteria ou alvenaria insossa. A face externa dos paredões eleva-se em rampa, induzindo uma ligeira inclinação para dentro da face interna, que é acentuada pelo

remate capeado da parede, nesse lado. Entre o poço e o muro do meio, os paredões laterais foram desmantelados pela abertura do estradão florestal, encontrando-se grande parte das lajes de pedra amontoadas nas proximidades ao longo das bermas. Admite-se que a sua construção possa recuar ao século XVI.

Fojo do Meio

Fojo localizado na cabeceira da ribeira das Figueiras Bravas. Na margem esquerda desta, à altitude aproximada de 1090 metros, localiza-se um poço de planta circular com 6 metros de diâmetro e cerca de 4 metros de profundidade. Na parte superior do poço conserva-se uma porta, de cujos lados arrancam dois paredões com cerca de 2,5 metros de altura e 0,80 metros de espessura média, que divergem subindo pelas encostas de acentuado declive que margina a linha de água. O paredão Oeste sobe, ao longo de mais de 200 metros, até ao topo da vertente Norte do Alto dos Seixos, onde atinge os 1160 metros de altitude. Os dois extremos superiores dos paredões ficam distantes entre si cerca de 450 metros, desenhando o conjunto de planta em "V" de lados simétricos. Com as mesmas características técnicas do Fojo Grande e provavelmente com a mesma cronologia, esta construção apresenta-se praticamente intacta, incluindo o poço, tendo sido rompida pelo estradão florestal mais ou menos à cota dos 1125 metros de altitude.



Fojo Novo

O fojo implanta-se na vertente superior do talvegue do Ribeiro do Fojo Novo. Na margem esquerda deste, à altitude aproximada de 1110 metros, localiza-se um poço de planta circular com 6,5 metros de diâmetro. Com cerca de 225 metros de comprimento, o paredão Este sobe até ao topo NO do Alto dos Seixos, onde atinge os 1159 metros de altitude. O paredão Oeste estende-se por cerca de 225 metros subindo pela encosta de Cortegachinhas até cerca de 1140 metros. Os dois extremos superiores dos paredões ficam distantes entre si cerca de 450 metros, desenhando no conjunto uma planta em "Y" com lados abertos em arco de círculo. Esta construção é, comparada com o Fojo do Meio e o Fojo Grande, de menor qualidade técnica, tendo-se recorrido predominantemente a blocos e lajes de granito de grande dimensão, montadas em aparelho ciclópico. Mais baixas, nunca ultrapassando os 2 metros de altura, as paredes apresentam um alinhamento irregular, particularmente notório no paredão poente. Como elemento

adicional, esta construção apresenta, sensivelmente a meio do comprimento do paredão Oeste, adossadas à face interna da parede, 11 pequenos abrigos de planta sub-circular e cobertura em falsa cúpula, integralmente construídos com lajes graníticas, numa solução arquitectónica que tem paralelos nas inúmeras cabanas-abrigo de pastores que se dispersam pelas serras do Minho. Estes pequenos abrigos, com cerca de 1,5 metros de diâmetro e menos de 1 metro de altura, medidas interiores, distribuem-se ao longo da parede a espaços regulares, distando entre si cerca de 6 metros. Apresentam toda uma estreita "porta", ligeiramente dissimulada através do rebaixamento do terreno junto à entrada, virada para o topo da encosta. Foi construído na segunda década do século XX.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 443, 453, 455; Craesbeek 1992, 185; Fontes 1998, VM 02; Guia de Portugal 1986, 868; Vieira 2000, 144-147, 486

URL: <http://www.ippar.pt>

Em Vias de Classificação com Despacho de Abertura



Branda das Tapadas do Lameiro Velho

Conjunto de "tapados" de planta sub-retangular, contíguos, formando uma espécie de favo, em muro de mamposteria. Estes "tapados" correspondem a rediis, no interior dos quais se recolhia o gado.

Em cada um dos "tapados" existia uma cabana abrigo, para o pastor, conservando-se apenas oito. De planta circular e sub-circular, nunca ultrapassando os dois metros de diâmetro, estes abrigos são construídos em mamposteria granítica e teriam cobertura em falsa cúpula, como se observa em alguns dos abrigos conservados.

Trata-se de um conjunto de rediis e cabanas abrigo correspondente a uma branda tipo pastoril, com paralelos em conjuntos semelhantes existentes na vertente poente da serra da Peneda - Soajo, aceitando-se que a sua origem possa recuar ao século XVI.





Cabana do Alto dos Seixos

Cabana de planta circular, com cerca de 3,5 metros de diâmetro e 2,5 metros de altura, localizada numa pequena chã, actualmente ocupada com bosque de bétulas.

Construída com blocos e lajes de granito, em aparelho de mamposteira, apresenta cobertura em falsa cúpula, exteriormente recoberta com terra. No interior observam-se três esteios de reforço da estrutura.

Trata-se de uma cabana - abrigo de pastores, igual a tantas outras espalhadas pelas serras do NO português e utilizada pelas populações das aldeias que enviam o gado para a serra, habitualmente em sistema de "vezeira", podendo a sua construção recuar ao século XVI.



Moinhos de Fundo de Vila

Marginando a ribeira que desce do lugar de Fundo de Vila para poente, conserva-se um interessante conjunto de moinhos de pequena dimensão, de caleira, cubo e rodízio horizontal, de característica construção em alvenaria granítica e também em cantaria bem esquadrada, com coberturas lajeadas com lajes igualmente graníticas.



Campos



A freguesia de Campos está localizada no extremo Nordeste do município, abarcando já a bordadura do planalto do Barroso. Bem delimitada a Norte e Este pelos rios Cávado e Rabagão, faz aí fronteira com o município de Montalegre, enquanto a Oeste confronta com a freguesia de Ruivães e a Este e Sul com Rossas.

No século XVIII, S. Vicente de Campos pertencia à *Villa de Ruivães*, concelho que integrava então a província de Trás-os-Montes. Em 1853, na sequência das reformas administrativas do território, o concelho de Ruivães foi extinto e a freguesia

de Campos foi incorporada no concelho de Vieira do Minho.

Como paróquia, S. Vicente de Campos está bem documentada no século XVIII, mas está omissa nas Inquirições do século XIII e no Catálogo das Igrejas de 1320. A festa em honra a S. Vicente realiza-se no último dia de Agosto, a do Sagrado Coração de Jesus no mês de Agosto e a festa de Santo António no segundo domingo de Agosto.

No recenseamento de 2001 foram aqui registados 240 moradores, distribuídos pelos lugares de Campos, Lamalonga e Cambedo. Outra ligada à exploração

agrícola, à pastorícia de montanha e à exploração mineira, a população de Campos dedica-se actualmente à agricultura, à criação de gado e ao pequeno comércio.

Registaram-se aqui 98 sítios com interesse patrimonial, dos quais 95 com interesse arquitectónico e apenas 3 com interesse arqueológico.

Referências bibliográficas:

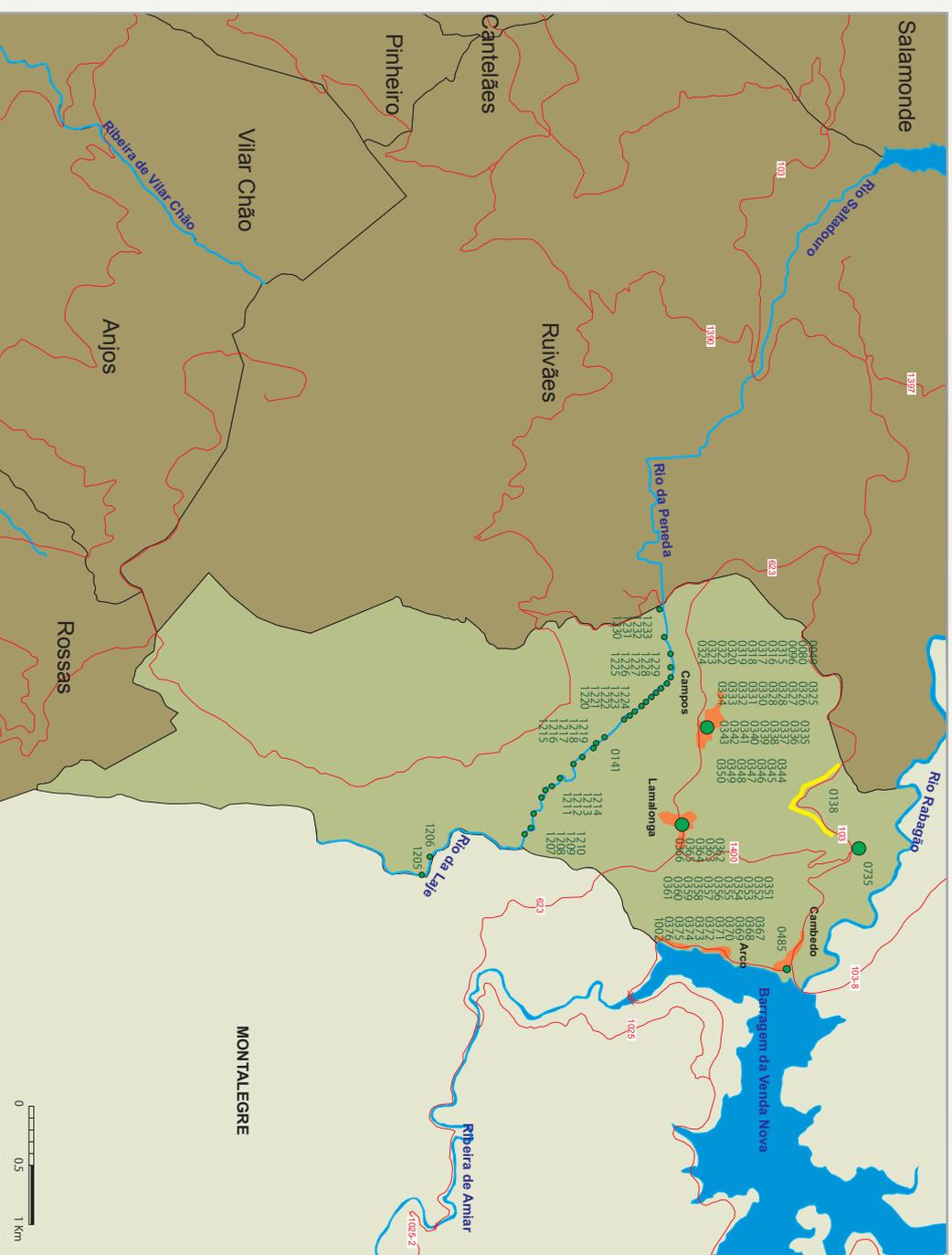
Capela 2003, 442-444; Costa 1997, 355.

Inventário de património

Campos

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

0049 - Cruzeiro 2 de Campos	0357 - Espigueiro 1 da Casa do Martins	1228 - Moinho 24 do Rio da Laje
0080 - Casa do Martins	0358 - Espigueiro 2 da Casa do Martins	1229 - Moinho 25 do Rio da Laje
0096 - Forno da Casa do Martins	0360 - Espigueiro 7 de Lamalonga	1230 - Moinho 26 do Rio da Laje
0138 - Caminho de Cambedo	0361 - Espigueiro 8 de Lamalonga	1231 - Moinho 27 do Rio da Laje
0141 - Ponte de Campos	0362 - Espigueiro 9 de Lamalonga	1232 - Moinho 28 do Rio da Laje
0315 - Aldeia de Campos	0362 - Espigueiro 10 de Lamalonga	1233 - Moinho 29 do Rio da Laje
0316 - Forno da Casa do Lopes	0363 - Espigueiro 11 de Lamalonga	
0317 - Casa do Lopes	0364 - Espigueiro 12 de Lamalonga	
0318 - Casa da Fonte	0365 - Espigueiro 13 de Lamalonga	
0319 - Casa do Barreiro	0366 - Espigueiro 14 de Lamalonga	
0320 - Casa das Rendas	0367 - Espigueiro 15 de Lamalonga	
0322 - Alminhas da Senhora da Piedade	0368 - Espigueiro 16 de Lamalonga	
0323 - Forno Comunitário de Campos	0369 - Espigueiro 17 de Lamalonga	
0324 - Cruzeiro de Campos	0370 - Espigueiro 18 de Lamalonga	
0325 - Igreja de S. Vicente de Campos	0371 - Espigueiro 19 de Lamalonga	
0326 - Espigueiro 1 de Campos	0372 - Espigueiro 5 de Lamalonga	
0327 - Espigueiro 2 de Campos	0373 - Espigueiro 6 de Lamalonga	
0328 - Espigueiro 3 de Campos	0374 - Capela de Santo António	
0329 - Espigueiro 4 de Campos	0375 - Alminhas de Lamalonga	
0330 - Espigueiro 5 de Campos	0376 - Cruzeiro de Lamalonga	
0331 - Espigueiro 6 de Campos	0485 - Miliário da Ponte do Arco	
0332 - Espigueiro 7 de Campos	0735 - Silha de Entorcidas	
0333 - Espigueiro 8 de Campos	1002 - Epigrafe de Lamalonga	
0334 - Espigueiro 9 de Campos	1205 - Moinho 1 do Rio da Laje	
0335 - Espigueiro da Casa da Fonte	1206 - Moinho 2 do Rio da Laje	
0336 - Espigueiro 11 de Campos	1207 - Moinho 4 do Rio da Laje	
0337 - Espigueiro 12 de Campos	1208 - Moinho 3 do Rio da Laje	
0338 - Espigueiro 13 de Campos	1209 - Moinho 5 do Rio da Laje	
0339 - Espigueiro 14 de Campos	1210 - Moinho 6 do Rio da Laje	
0340 - Espigueiro 15 de Campos	1211 - Moinho 7 do Rio da Laje	
0341 - Espigueiro 16 de Campos	1212 - Moinho 8 do Rio da Laje	
0342 - Espigueiro 17 de Campos	1213 - Moinho 9 do Rio da Laje	
0343 - Espigueiro 18 de Campos	1214 - Moinho 10 do Rio da Laje	
0344 - Espigueiro 19 de Campos	1215 - Moinho 11 do Rio da Laje	
0345 - Espigueiro 20 de Campos	1216 - Moinho 12 do Rio da Laje	
0346 - Espigueiro 21 de Campos	1217 - Moinho 13 do Rio da Laje	
0347 - Espigueiro 22 de Campos	1218 - Moinho 14 do Rio da Laje	
0348 - Espigueiro 23 de Campos	1219 - Moinho 15 do Rio da Laje	
0349 - Espigueiro 24 de Campos	1220 - Moinho 16 do Rio da Laje	
0350 - Espigueiro 25 de Campos	1221 - Moinho 17 do Rio da Laje	
0351 - Aldeia de Lamalonga	1222 - Moinho 18 do Rio da Laje	
0352 - Forno Comunitário de Lamalonga	1223 - Moinho 19 do Rio da Laje	
0353 - Espigueiro 1 de Lamalonga	1224 - Moinho 20 do Rio da Laje	
0354 - Espigueiro 2 de Lamalonga	1225 - Moinho 21 do Rio da Laje	
0355 - Espigueiro 3 de Lamalonga	1226 - Moinho 22 do Rio da Laje	
0356 - Espigueiro 4 de Lamalonga	1227 - Moinho 23 do Rio da Laje	



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da
freguesia de Campos



Ponte de Campos

Ponte de um arco de volta perfeita, bem aligerado nas margens graníticas através de paramentos de aparelho em



mamposteria de calhaus e blocos graníticos mal afelçoados. O arco apresenta um aparelho cuidado com aduelas "cúbicas" de modulação regular. O piso do tabuleiro, lajeado, assenta no centro da ponte no



extradorso das aduelas do arco, reduzindo a lombada em cavalete do tabuleiro.

Com largura inferior a três metros, que se apresentava originalmente sem guardas (tem actualmente uma guarda baixa formada por blocos de cimento, que sustentam uma vedação de arame), vence um vão com cerca de seis metros de comprimento e mais de três metros de altura.

Grande parte do caminho que da aldeia de Campos segue até esta ponte apresenta bons troços de pavimento lajeado, característica que justificou a fixação do topónimo Ladeira de Campos.

Esta ponte, relacionável com a rede de comunicações vicinais de Campos, apresenta uma estereotipada "estética medieval", apesar das suas características construtivas serem mais frequentes em época moderna.

Referências bibliográficas: Fontes 1998, VM10; Capela 2003, 444

URL: <http://www.monumentos.pt>



Igreja Paroquial de S. Vicente de Campos

Igreja paroquial de S. Vicente de Campos. É um edifício com orientação E-O, composto por nave e capela-mor retangulares, com sacristia adossada na fachada norte da capela-mor.

É construída em cantaria granítica de aparelho pseudo-isódromo, com cobertura de duas águas, telhada, sobre cornija. As empenas são coroadas com pináculos e cruzeiros, também em granito.

A fachada principal apresenta decoração arquitectónica mais elaborada, destacando-se o retábulo esculpido com nicho que alberga a Imagem de Na S^{ra} da Conceição, em granito, e o campanário com dois sinos que se eleva sobre a empena, ladeado por pináculos. Na fachada Sul, junto ao cunhal poente, existe um relógio de sol, sobre mísulas.

No interior, simples, destacam-se as talhas do arco triunfal e do retábulo do altar-mor.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 442; Costa 1868-1869, 454; Vieira 2000, 349
URL: <http://www.monumentos.pt>



Aldeia de Campos

A aldeia de Campos é um núcleo rural que conserva praticamente intactas as suas características de aglomerado concentrado, como é comum nas aldeias do Barroso. Ladeando as ruas que convergem na Igreja, conserva-se parte significativa das edificações originais, grande parte das quais são bons exemplos de arquitectura vernácula.

Destacam-se, entre outras, a Casa do Lopes, a Casa da Renda, a Casa da Fonte, a Casa do Barreiro e ainda outras que ostentam inscrições, muitas do século XVIII. Refiram-se ainda os inúmeros espigueiros, entre os quais o do Cortinhal de Cima (Casa do Lopes), pela sua magnífica decoração.

A Igreja, as Alminhas e o Forno Comunitário são outros edifícios de grande interesse e que justificaram a classificação turística da aldeia de Campos como "Aldeia de Portugal".

Referências bibliográficas: Campos 1997, 5; Capela 2000, 86-92; Vieira 2000, 347-354
URL: <http://www.monumentos.pt>



Forno de pão



Alminhas de Nossa Senhora da Piedade

Alminhas em forma de edícula de apurado recorte arquitectónico. Construída em cantaria granítica, desenha uma planta de forma rectangular, com cobertura de duas águas, também de lajes graníticas, sobre paredes fechadas, excepto a da fachada principal, virada à aldeia.

A fachada, de traço neoclássico, é ladeada por cunhais moldurados que suportam um frontão triangular, cuja empena é coroada por uma cruz central e pináculos laterais. Ao centro abre-se um nicho, com moldura esculturada, que abriga uma imagem em granito representando a 'Piedade'. No capitel do cunhal direito foi pintado "Ano de 1848" e no do lado esquerdo "Vila Real Borralha". No lintel do frontão "Casa do Lopes".

Na padieira do nicho lê-se "N. Senhora da Piedade". Conforme conserva a memória da população de Campos, estas alminhas foram construídas pela família Lopes, como promessa feita a Nossa Senhora da Piedade, pela existência de água para rega dos campos.

URL: <http://www.monumentos.pt>



Espigueiro de Cortinhal de Cima

Espigueiro com oito pés onde assentam as mós em forma de mesa, em granito. As padieiras, colunas e câpeas são também em granito. Os balaustrões e a porta são em madeira, excepto o balaustre traseiro, em chapa. A cobertura é em telha marselha.

Este espigueiro, com a data de "1838" inscrita na padieira de arco abatido, apresenta uma decoração arquitectónica notável, que recobre as arestas chanfradas dos pés, as faces das colunas dos topos e as padieiras, bem como os painéis da porta, com motivos de traço neoclássico.

URL: <http://www.monumentos.pt>



Caniçada



355; Costa 2000, 117, 306.

Situada na margem esquerda do rio Cávado, a Noroeste do concelho, a freguesia de Caniçada tem a particularidade de estar dividida pela freguesia de Soengas.

Confronta a Oeste com Parada de Bouro, a Norte com o rio Cávado, a Este e Sudeste com Ventosa e Eira Vedra, respectivamente e a Sul com a freguesia de Tabuaças e o concelho de Póvoa de Lanhoso.

A paróquia de S. Mamede é referenciada desde o século XI, celebrando-se o dia de Nossa Senhora do Rosário no 7.º domingo após a Páscoa, o de Nossa Senhora da Glória no último domingo de Junho e o dia de S.

Miguel em Setembro.

Canigada foi antiga sede do concelho de Penafiel de Soás, conservando-se ainda fragmentos do seu pelourinho.

Dos 446 residentes que se distribuem pelos lugares de S. Miguel, Assento, Outeiro, Chelo e Toucedo, a maior parte dedica-se ao turismo rural, à agricultura e ao pequeno comércio.

A nível patrimonial registaram-se 32 sítios, 31 dos quais arquitectónicos e apenas 1 arqueológico.

Referências bibliográficas:

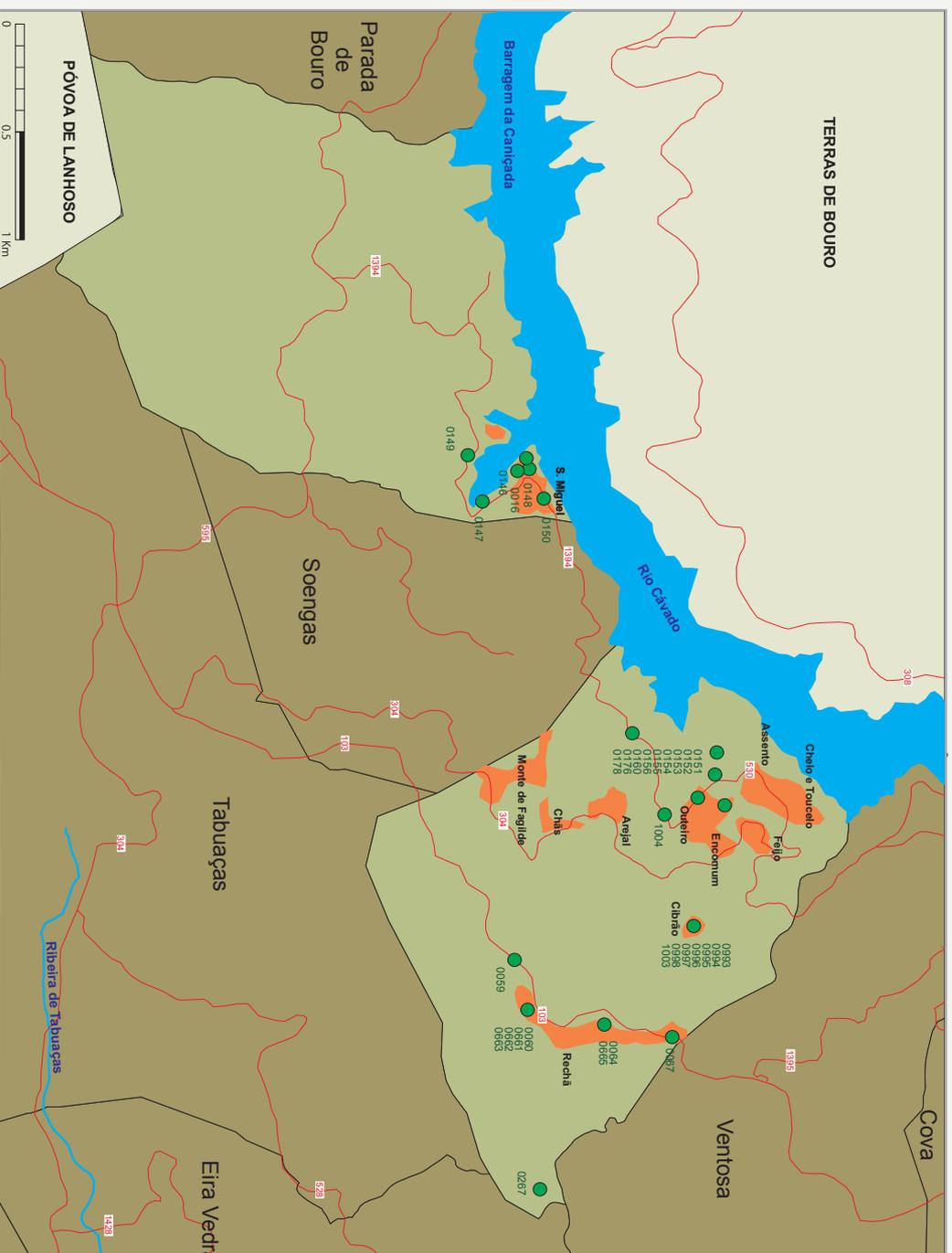
Capela 2003, 444-445; Costa 1997,

Inventário de património

Caniçada

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- 0016 - Alminhas de S. Miguel
- 0059 - Caminho da Rechã
- 0060 - Espigueiro 1 da Rechã
- 0061 - Espigueiro 2 da Rechã
- 0062 - Espigueiro 3 da Rechã
- 0063 - Moinho 1 da Rechã
- 0064 - Casa de Na Sra da Glória
- 0065 - Capela de Na Sra da Glória
- 0067 - Alminhas da Rechã
- 0146 - Capela de S. Miguel
- 0147 - Espigueiro 1 de S. Miguel
- 0148 - Espigueiro 2 de S. Miguel
- 0149 - Moinho de S. Miguel
- 0150 - Casa de S. Miguel
- 0151 - Moinho 2 do Assento
- 0152 - Moinho 1 do Assento
- 0153 - Casa de Encomum
- 0154 - Lagar da Ribeira da Boca
- 0155 - Igreja de S. Mamede da Caniçada
- 0156 - Pelourinho da Caniçada
- 0160 - Espigueiro 1 do Assento
- 0176 - Espigueiro 2 do Assento
- 0178 - Edifício dos Paços de Concelho de Ribeira de Soaz
- 0267 - Mamoia 5 da Lama dos Eidos
- 0993 - Casa de Cibrão
- 0994 - Capela da Casa de Cibrão
- 0995 - Espigueiro da Casa do Cibrão
- 0996 - Epígrafe 1 de Cibrão
- 0997 - Espigueiro 1 de Cibrão
- 0998 - Espigueiro 2 de Cibrão
- 1003 - Epígrafe 2 de Cibrão
- 1004 - Lagar de Fagilde



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da
Freguesia de Canigada

Inventário de património

Canigada

Igreja de S. Mamede da Canigada

Igreja paroquial de Canigada, dedicada a São Mamede, já registada no século XI, no Censuário Bispo D. Pedro.

Com nave e capela-mor retangulares, esta virada a poente, é uma construção de alvenaria granítica irregular, aparente, mas outrora rebocada e pintada de branco, com alçados contidos por cunhais salientes de boa cantaria granítica, coroados por pináculos. A cobertura, de duas águas independentes, assenta sobre cornija de perfil em S, rematando-se as empenas, ao centro, com cruzeiros sobre peanhas.

A porta é simples, sem qualquer decoração, sobrepujada por um pequeno óculo quadrilobado, abrindo-se em cadalado da nave dois janelões em capialso. Contra o cunhal SE da fachada foi adossada uma torre-campanário com dois sinos, suspensos em arcos de pedra coroados por entablamento moldurado e com pináculos.

No interior, modesto, destacam-se os tectos abobadados de madeira pintada e os retábulos dos altares pintados.

Trata-se de uma reconstrução oitocentista do templo primitivo, que seria de traça românica, a julgar por vestígios aqui recolhidos e guardados no Museu Pio XII de Braga.

Referências bibliográficas: Almeida 1978, 206; Capela 2003, 444; Costa 1868-1869, 141; Costa 1997, 157; Costa 2000, 117; 306; Craesbeck 1992, 138; Fontes 1993, 59; Veira 2000, 309-312



Modilhão românico proveniente da Igreja da Canigada e actualmente depositada no Museu Pio XII, em Braga





Pelourinho da Caniçada

A freguesia da Caniçada era sede do extinto Concelho de Ribeira de Soás (antiga Terra medieval de Penafiel de Soás).

Do seu pelourinho conserva-se hoje no lugar do Assento a base cúbica e o fuste cilíndrico, com toro no topo e espição de ferro. O coramento, com as armas da coroa portuguesa, encontra-se no tanque da quinta da Picota.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 444; Chaves 1939, 94; Craesbeek 1992, 130; Nóbrega 1974, 74-76; Vieira 2000, 309-312
URL: [http://www.monumentos.pt; http://www.ippar.pt](http://www.monumentos.pt;http://www.ippar.pt)
Classificado como IIP Imóvel de Interesse Público pelo Dec. No 23 122, DG 231 de 11 Outubro 1933



Capela de S. Miguel

Capela de planta rectangular e cobertura de duas águas, construída em alvenaria regular de granito, aparente.

De desenho simples, apresenta fachada enquadrada por cunhais ligeiramente salientes, com empena triangular rematada por pináculos e cruz sobre peanha. A porta principal é ladeada por duas pequenas frestas e sobrepujada por um janelão quadrilobado.

O interior, austero, foi recentemente objecto de obras de conservação.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 444; Craesbeek 1992, 139; Vieira 2000, 312



Capela da Casa de Cibrão

A capela da Casa de Cibrão é uma construção de excelente cantaria granítica, de planta rectangular e cobertura de duas águas. Apresenta um desenho arquitectónico harmonioso, de traço clássico, manifesto na fachada enquadrada por cunhais apilistrados, que suportam um frontão triangular cuja empena, moldurada, é coroada por pináculos e cruz sobre peanha.

A porta, rectilínea, é ladeada por duas janelas com molduras lisas que integram uma cruz no topo e é sobrepujada por uma pequena abertura rectangular, parcialmente recoberta pela pedra de armas com heráldica familiar, mandada lavar no terceiro quartel do século XV/III por António Vieira Barbosa Correia Pinto, monteiro-mor do concelho da Ribeira de Soás. Actualmente a capela não tem orago, mas foi inicialmente dedicada a S. João Baptista.

Referências bibliográficas: Nóbrega 1974, 77-81; Vieira 2000, 312



Inventário de património

Caniçada

Casa de S. Miguel

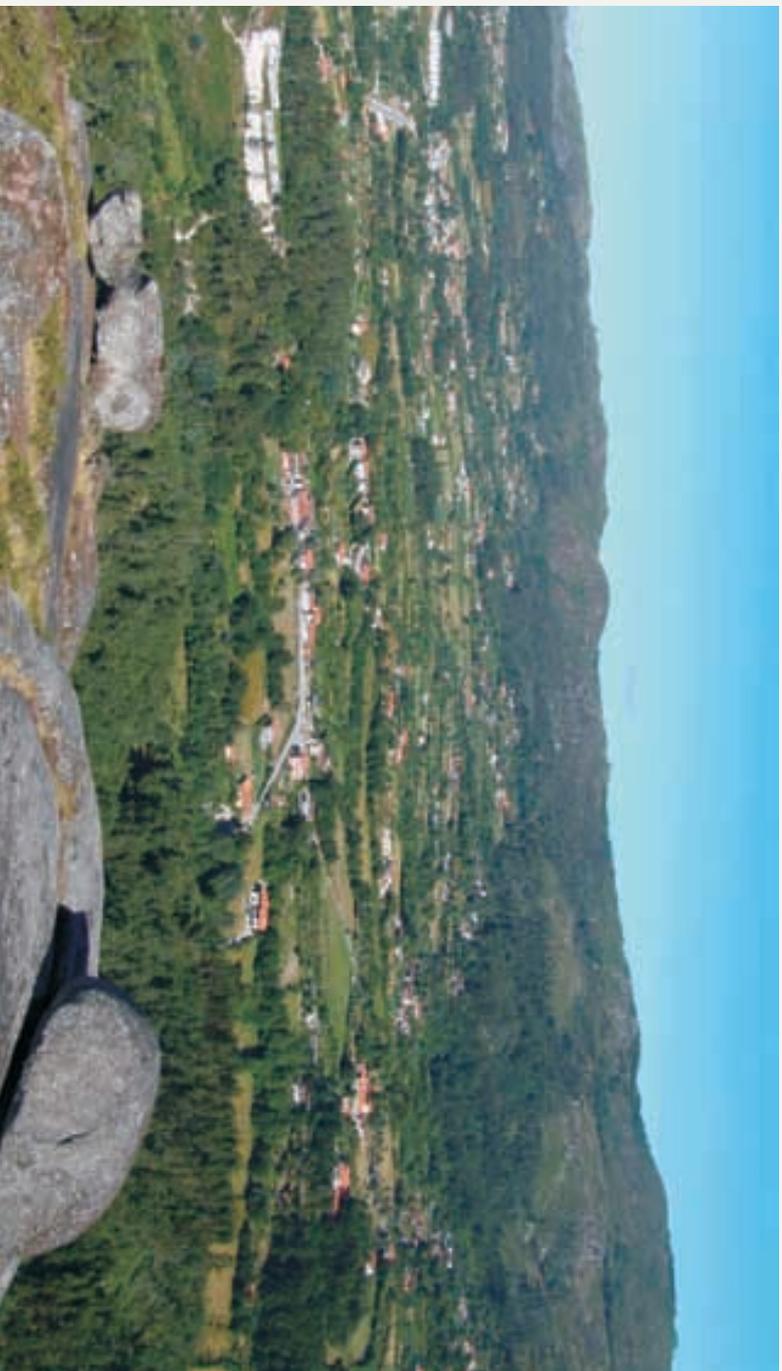
Grande casa de lavoura, de planta em L com pátio interior.

Distingue-se um bloco, a residência, em excelente aparelho de cantaria bem esquadreada, com vãos moldurados, incluindo duas pequenas varandas com bacia de granito sob mísulas, viradas ao caminho. As fachadas são rematadas por entablamentos moldurados com cornijas, que suportaram uma cobertura de várias águas, hoje desaparecida.

Na padieira do portal de acesso ao pátio interior está gravada a data de 1730, inscrita em cartela rectangular.



Cantelães



Localizada na parte central do concelho, a freguesia de Cantelães confronta a Norte com as freguesias de Louredo e Salamonde, a Oeste e Sul com Ruivães, Pinheiro e Vieira do Minho e finalmente a Este com a freguesia de Eira Vedra.

A paróquia de Santo Estêvão de Cantelães já aparece registada no Censual do Bispo D. Pedro, no século XI. Incorpora o santuário de Nossa Senhora da Fé, cuja festa se celebra no 1.º domingo de Junho. Celebram-se ainda as festas do Senhor no 3.º domingo de Agosto e a festa de S. Sebastião, Santo Amaro, S. Pedro e Santo

Estêvão, em Julho.

Tem 933 pessoas residentes, que se distribuem pelos lugares de Sanfins, Berredo, Nogueiras, Fares, Pêso, Fontelas e Portela. Dedicam-se predominantemente à agricultura e ao pequeno comércio.

Em relação ao património, registaram-se 9 sítios com interesse arqueológico e 102 com interesse arquitectónico, fazendo um total de 111 sítios com interesse patrimonial.

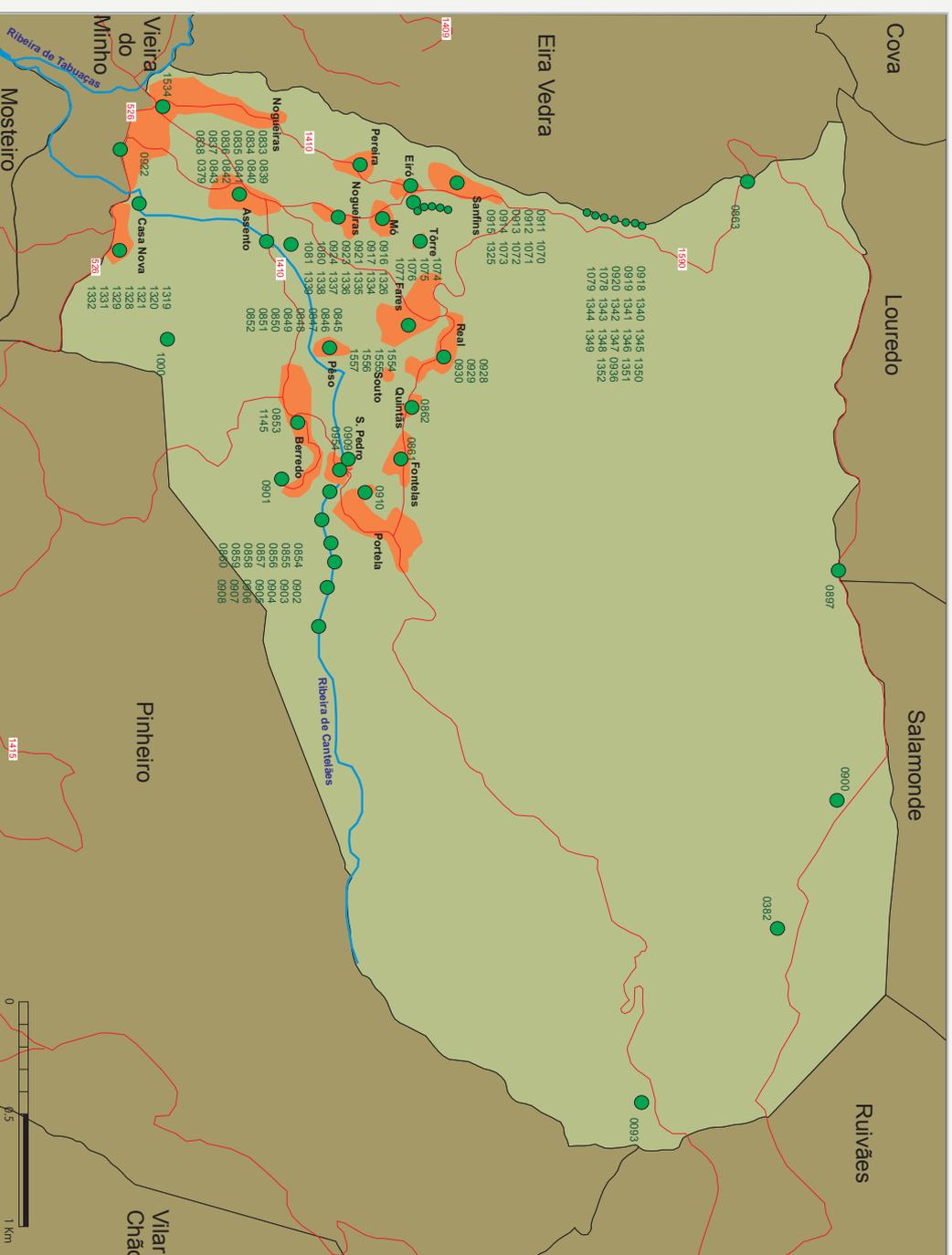
Referências Bibliográficas:

Capela 2003, 445-447; Costa 1868-1869, 137-138; Costa 2000, 120, 307 308.

Inventário de património Cantelães

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

0093 - Pedra Escrita	0909 - Espigueiro 1 de S. Pedro	1335 - Espigueiro 1 da Casa Grande de Nogueiras
0379 - Tamba de Sepultura	0910 - Casa do Henrique	1336 - Espigueiro 2 da Casa Grande de Nogueiras
0382 - Aldela de Gorgolo	0911 - Espigueiro 1 de Paires	1337 - Espigueiro 3 da Casa Grande de Nogueiras
0833 - Espigueiro 1 do Assento	0912 - Espigueiro 1 de Fares	1338 - Espigueiro 1 de Nogueiras
0834 - Capela do Calvário de Cantelães	0913 - Casa das Cidreiras	1339 - Alminhas de Nogueiras
0835 - Espigueiro 2 do Assento	0914 - Capela de S. Roque e Santo Amaro	1340 - Moinho 2 de Sanfins
0836 - Casa antiga do Assento	0915 - Espigueiro 2 de Paires	1341 - Moinho 3 de Sanfins
0837 - Igreja de Santo Estevão de Cantelães	0916 - Espigueiro 1 de Mó	1342 - Moinho 4 de Sanfins
0838 - Casa dos Viscondes de Vieira	0917 - Espigueiro 2 de Mó	1343 - Moinho 5 de Sanfins
0839 - Alminhas da Casa dos Viscondes de Vieira	0918 - Casa do Miranda	1344 - Moinho 6 de Sanfins
0840 - Espigueiro da Casa dos Viscondes de Vieira	0919 - Espigueiro da Casa do Miranda	1345 - Moinho 1 de Brinhôs
0841 - Cruzeiro do Cemitério	0920 - Espigueiro 1 de Eiró	1346 - Moinho 2 de Brinhôs
0842 - Casa do Assento ou Capitão	0921 - Espigueiro 3 de Mó	1347 - Moinho 3 de Brinhôs
0843 - Moinho 10 da Ribeira de Turio	0922 - Alminhas de Cantelães	1348 - Moinho 4 de Brinhôs
0845 - Lagar do Peso	0923 - Espigueiro 2 de Nogueiras	1349 - Moinho 5 de Brinhôs
0846 - Ponte do Pêso	0924 - Espigueiro 3 de Nogueiras	1350 - Moinho 6 de Brinhôs
0847 - Moinho 9 da Ribeira do Turio	0928 - Casa de Real	1351 - Moinho 7 de Brinhôs
0848 - Espigueiro 1 do Pêso	0930 - Espigueiro 1 da Casa de Real	1352 - Espigueiro de Sanfins
0849 - Espigueiro 2 do Pêso	0936 - Moinho de Eiró	1534 - Epigrates de Nogueiras
0850 - Espigueiro 3 do Pêso	0954 - Moinho 8 da Ribeira do Turio	1554 - Espigueiro 2 da Casa dos Quartas
0851 - Casa do Pêso	1000 - Castro e Castelo de Vieira	1555 - Espigueiro da Casa do Souto
0852 - Casa do Pêso de Cima	1070 - Casa dos Quartas	1556 - Espigueiro 1 do Souto
0853 - Alminhas de Berredo	1071 - Espigueiro 1 da Casa dos Quartas	1557 - Espigueiro 2 do Souto
0854 - Cruzeiro de S. Pedro	1072 - Moinho de Fares	
0855 - Espigueiro 2 de S. Pedro	1073 - Espigueiro 2 de Fares	
0856 - Espigueiro 3 de S. Pedro	1074 - Espigueiro 1 da Torre	
0857 - Caminho de Cantelães	1075 - Casa da Torre	
0858 - Capela de S. Pedro	1076 - Espigueiro da Casa da Torre	
0859 - Ponte de S. Pedro	1077 - Espigueiro 2 da Torre	
0860 - Alminhas de S. Pedro	1078 - Moinho 1 de Sanfins	
0861 - Espigueiro 1 de Fontelas	1079 - Espigueiro 2 de Eiros	
0862 - Espigueiro de Quintãs	1080 - Quinta da Mó	
0863 - Santuário de Na Srª da Fé	1081 - Espigueiro da Quinta da Mó	
0897 - Assentamento dos Gaimbos	1145 - Espigueiro 2 de Berredo	
0900 - Marnoa de Pena Cova	1319 - Casa Nova	
0901 - Espigueiro 1 de Berredo	1320 - Capela da Boa Morte	
0902 - Moinho 1 da Ribeira do Turio	1321 - Espigueiro da Casa Nova	
0903 - Moinho 2 da Ribeira do Turio	1325 - Espigueiro da Casa das Cidreiras	
0904 - Moinho 3 da Ribeira do Turio	1326 - Espigueiro 4 de Mó	
0905 - Moinho 4 da Ribeira do Turio	1328 - Casa da Retorta	
0906 - Moinho 5 da Ribeira do Turio	1329 - Espigueiros-sequeiro da Casa da Retorta	
0907 - Moinho 6 da Ribeira do Turio	1331 - Moinho 11 da Ribeira de Cantelães	
0908 - Moinho 7 da Ribeira de Turio	1332 - Moinho 12 da Ribeira de Cantelães	
	1334 - Casa Grande de Nogueiras	



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da freguesia de Cantelães

Castro - Castelo de Vieira

O Castro e Castelo de Vieira situa-se estrategicamente ao centro do grande alvéolo que conforma a bacia onde convergem as inúmeras linhas de água que originam o rio Ave, no sopé da vertente Sul da Serra da Cabreira, dominando todo o troço inicial da correspondente bacia hidrográfica.

Implantado no topo de um dos promontórios que recortam a vertente da serra, com a cota máxima de 563 metros de altitude, de onde se abarca uma paisagem única, bem conservada nas suas envolventes imediata e alargada, o sítio arqueológico posiciona-se sobranceiro à ribeira de Canteleães, ligando-se à vertente da serra por uma chã aplanada, de fácil acesso, onde têm origem pequenas linhas de água.

A vertente Norte, menos extensa mas mais declivosa, apresenta mais afloramentos graníticos, contrastando com a vertente Sul, mais ampla e armada em largas plataformas artificiais, com boa exposição solar. O povoado fortificado 'castrejo' ocupa uma área de cerca de 15 hectares, apresentando um sistema defensivo composto por três linhas de muralhas concêntricas, que na vertente Sul defendem amplas plataformas artificiais, por onde se distribuem vestígios de construções de planta circular e rectangular, recolhendo-se aí fragmentos de cerâmica doméstica indígena e fragmentos de cerâmica doméstica e de construção de época romana.

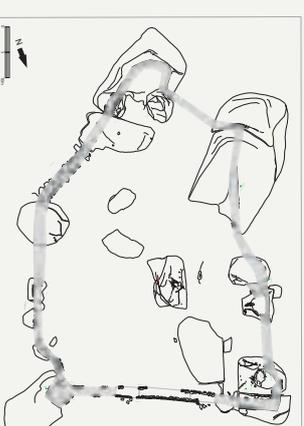
Em trabalhos arqueológicos recentes, recolheram-se instrumentos líticos diversos, fragmentos de peças cerâmicas de cronologia compreendida entre a Idade do Ferro e a Idade Média, a parte superior de uma ara romana e definiu-se com rigor a planta da fortificação medieval, que se implantou na plataforma superior e cuja muralha, com cerca de 1.5 metros de espessura, se desenvolve por um perímetro superior a 150 metros.

Do ponto de vista histórico, o Castro de

Vieira reveste um interesse particular porque aí se edificou, nos séculos centrais da Idade Média, o castelo sede do *Território Velariae* (ou Terra de Veeira), à sombra do qual se fundou o mosteiro de São João de Vieira, celebrizado por aí ter falecido Santa Senhorinha, a 22 de Abril do ano 982.

O reconhecimento do valor histórico, cultural e científico do monumento, a par da percepção do seu elevado potencial de valorização, conduziram o Município de Vieira do Minho a promover, em parceria com a Universidade do Minho, um projecto de estudo, valorização e divulgação do Castro e Castelo de Vieira, com o objectivo de garantir a sua conservação e de o tornar acessível ao público.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 445; Costa 1868-1869, 138; Cunha 1975, 507- 508; Guia de Portugal 1986, 866; Sarmento 1999, 148-149, 460-461; Silva 1986, 79; Teixeira 1955-1956, 21; Vieira 2000, 380.



Planta da fortificação medieval



Pedra Escrita

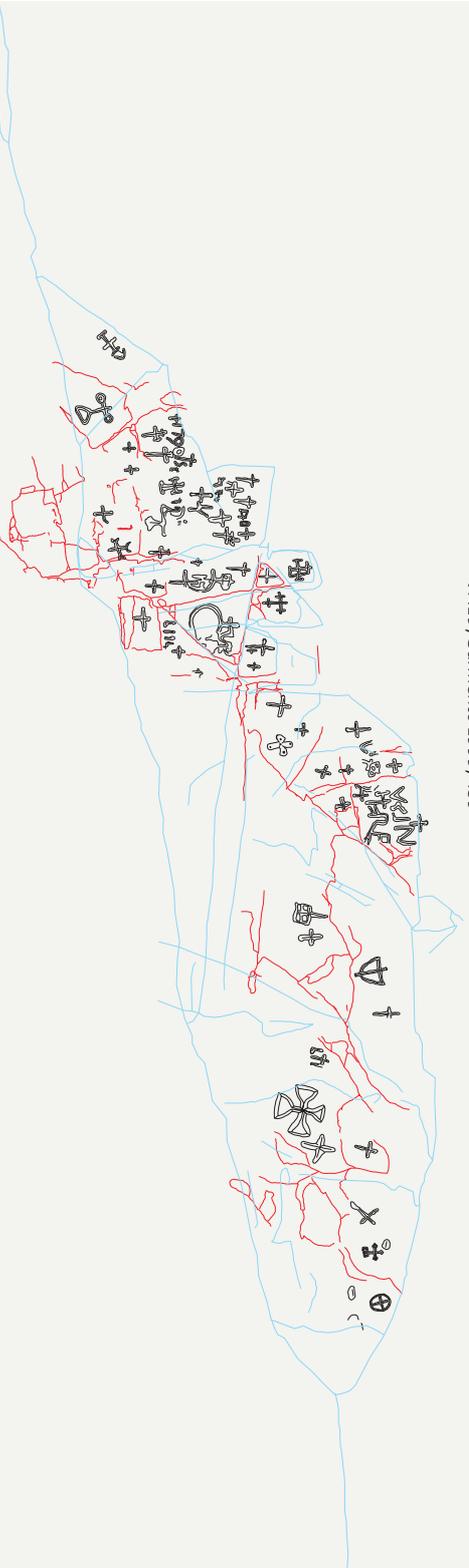
Nas proximidades dos limites de Canteleães, Pinheiro e Ruivães, margeando o antigo caminho carreteiro que ligava Canteleães a Ruivães, pela Serradela, existe um importante conjunto de gravuras rupestres, que deu origem ao nome com que se designa o local - Pedra Escrita, gravado num extenso painel vertical do afloramento granítico aí existente.

Gravados maioritariamente por abrasão, com sulcos mais ou menos profundos, estão representados motivos cruciformes (cruzes simples ou inscritas em círculo, cruz "de Cristo", cruz sobre peanha), motivos circulares e alguns letreros com datas desde o século XVIII.

A existência de datas e de cruzes sugere tratar-se de gravações relacionadas com verificação de limites, isto é, com delimitação de termos, prática usual desde a Idade Média.

Sem quaisquer outros elementos de contextualização, poderá colocar-se a hipótese das gravações na rocha teremunharem uma acção repetida de demarcação dos limites territoriais.

Referências bibliográficas: Fontes 1998, VM19; Sarmento 1999, 459





Igreja de Santo Estêvão de Cantelães

Igreja paroquial de Cantelães, dedicada a Santo Estêvão. A planta, orientada Este/Oeste, é composta por nave e capela-mor rectangulares, com cobertura a duas águas e telhados independentes. As paredes são em alvenaria granítica de aparelho regular, hoje aparentes mas que originalmente seriam rebocadas. Os cunhais, cornijas e empenas são de cantaria mais cuidada.

A fachada integra no cunhal setentrional um campanário, coroado por pináculos iguais aos que rematam as empenas da igreja. Na fachada Sul identificam-se, reaproveitados, elementos arquitectónicos esculturados com motivos de tipologia românica, que se admite serem provenientes da primitiva igreja de Cantelães.

No interior destacam-se os retábulos de talha dourada e a pintura do tecto da nave, que representa Santo Estêvão.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 445; Costa 1868-1869, 138; Costa 2000, 120, 307, 308; Craesbeek 1992, 182; Vieira 2000, 386



Grande santuário dedicado a Nossa Senhora da Fé, que acolhe a peregrinação anual do arciprestado de Vieira do Minho, realizada no 1º Domingo de Junho.

Implantado a meio da encosta Sul da serra de Cantelães, dominando o troço inicial do vale do Ave, ergue-se um templo de nave e capela-mor rectangulares, construído em cantaria granítica de aparelho pseudo-isódomo e cobertura telhada de duas águas, sobre cornija, com empenas coroadas por cruzeiros e pináculos.

As fachadas deveriam originalmente ser rebocadas, fazendo destacar as molduras dos cunhais, entablamentos e guardanchoes de vãos, de mais cuidada cantaria.

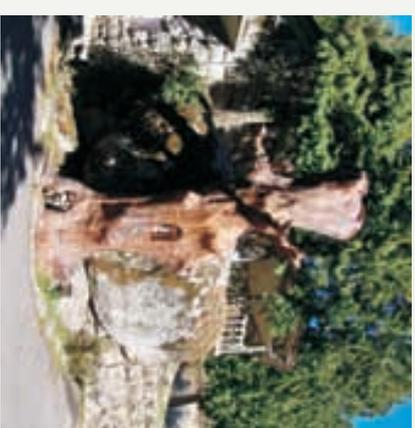
A fachada principal apresenta um elaborado desenho barroco, com porta axial moldurada por sanefa sobrepujada por um nicho-retábulo, onde se abriga a imagem de Nossa Senhora da Fé. Dois janelões de iluminação abrem-se ao lado do nicho e em baixo, ladeando a entrada, dois óculos quadrilobados permitem ao visitante olhar o interior do templo, onde sobressaem os retábulos laterais pintados e um simples retábulo-mor de talha.

Era tradição, já perdida, de se fazerem pagamentos de promessas transportando-se peregrinos dentro de um caixão ou amortalhados.

O recinto do santuário integra dois coretos e uma fonte e estende-se até à plataforma onde se ergue a grande cruz de betão armado que sinaliza para o vale a existência do santuário.

Referências bibliográficas: Vieira 2000, 386

Santuário de Nossa Senhora da Fé



Inventário de património

Cantelães



Capela de S. Pedro

Capela implantada na margem esquerda da ribeira de Cantelães / Turio, construída em alvenaria granítica de aparelho regular. De planta rectangular e alpendre frontal, apresenta coberturas independentes de duas águas na capela, com cruzeiros a coroar as empenas e de três águas no alpendre.

O alpendre abriga um pequeno púlpito à direita da porta axial, existindo ainda uma pequena porta lateral e uma janela no alçado Sul.

A poucos metros do cumhal Norte da fachada ergue-se um pequeno campanário em arco de granito, sobre embasamento de alvenaria granítica.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 447; Craesbeek 1992, 182; Vieira 2000, 400



Capela de Santo Amaro e S. Roque

Pequena capela quinhentista dedicada a Santo Amaro e a S. Roque. Construída em alvenaria granítica de aparelho irregular, desenha uma planta rectangular, com cobertura telhada de duas águas, onde se destaca a fachada enquadrada por cumhais aplastrados e empena com cornija, rematada por pináculos e cruz central.

Contra a fachada encosta um alpendre com bancos perimetrais e platibanda sobre a qual se erguem quatro colunas prismáticas, tudo em granito, que suportam um telhado de três águas. A direita da porta axial, sob o alpendre, abriga-se um pequeno púlpito. Sobre o cumhal setentrional da fachada ergue-se um pequeno campanário com um sino. No interior, muito modesto, evidencia-se um retábulo de talha de desenho simples.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 445; Vieira 2000, 400

Inventário de património Cantelães

Ponte de S. Pedro

Ponte sobre a ribeira de Cantelães, com um arco de volta perfeita que vence um vão aproximado de 5 metros.

O arco, com aro moldurado, é de cantaria granítica bem afeiçãoada, assentando directamente na rocha, junto às margens da ribeira, onde se alicerçam os paramentos laterais que suportam o tabuleiro horizontal, com cerca de 9 metros de comprimento e cerca de 3 metros de largura, com guardas em granito e ferro a montante e apenas em ferro a jusante. Está pavimentado com calçada portuguesa.

Esta ponte é posterior a 1758, pois nessa data registou-se apenas a existência de uma ponte de pau.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 445



Moinho de Fares

Moinho de planta rectangular, construído em alvenaria granítica de aparelho irregular e cobertura de duas águas, com telha decanudo.

A água é aduzida por caleira estruturada, despejando em cubo de manilhas circulares de granito.



Cova



Localizada na margem esquerda do rio Cávado, na parte norte do concelho, a freguesia de Cova faz fronteira com Ventosa a Oeste, Louredo a Este e Eira Vedra a Sul.

S. João da Cova, cuja festa se celebra no dia 24 de Junho, a par de Santo António e S. Sebastião, está já referenciada como paróquia no Censal do Bispo D. Pedro, do século XI. Já a festa de Nossa Senhora da Conceição celebra-se no 1.º domingo de Julho, a da Senhora da Begonha no domingo seguinte ao 15 de Agosto e a de Santo Amaro no dia 15 de Janeiro.

Com os lugares de Cova, Crasto,

Faldrem, Ínsuas e Gavinheiras, a freguesia em 2001 registava 333 pessoas residentes, que se dedicam à agricultura e ao pequeno comércio.

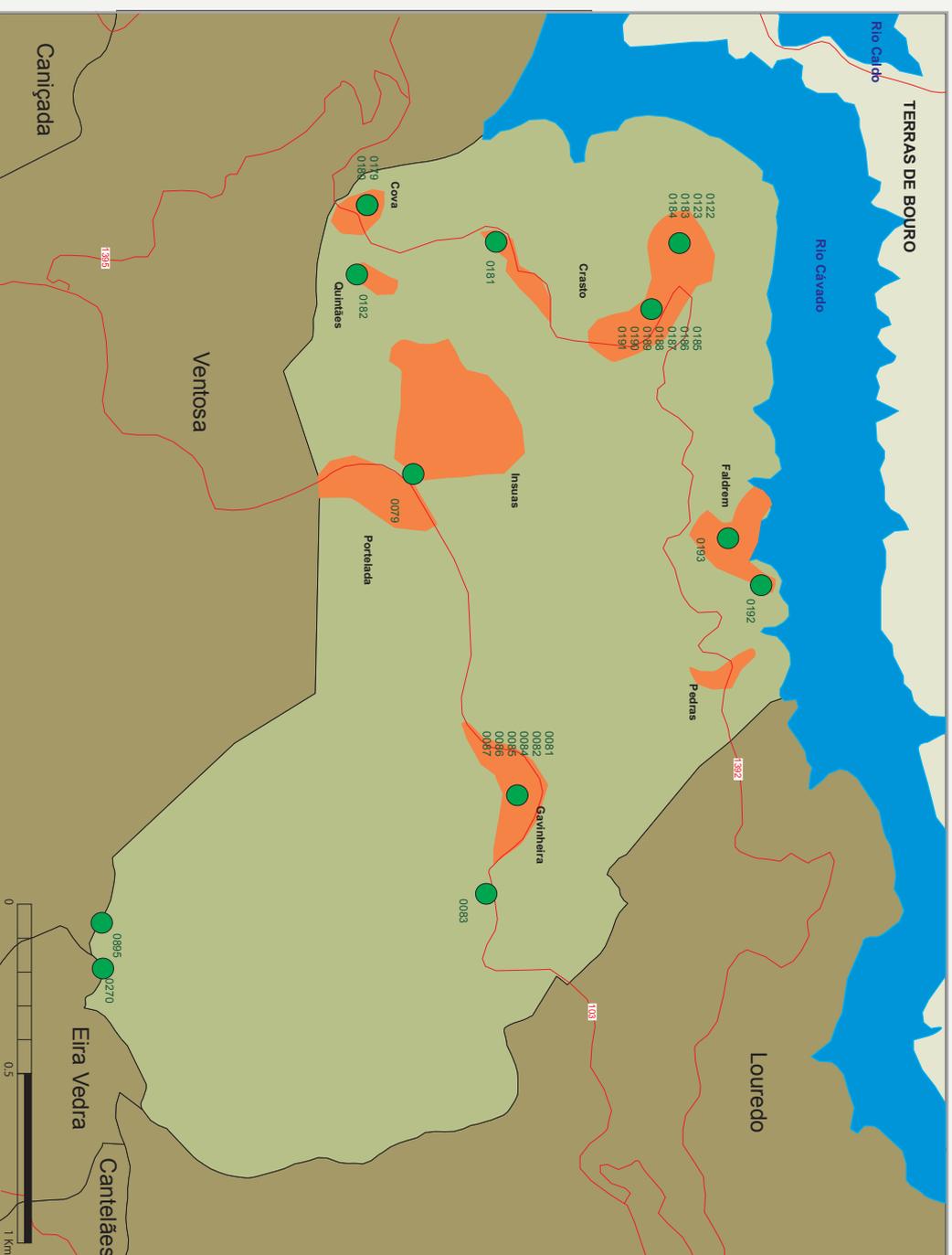
No que respeita ao património, Cova registou 27 sítios, 24 arquitectónicos e apenas 3 arqueológicos.

Referência Bibliográficas:

Capela 2003, 447 - 448; Costa 1868-1869, 141-142; Costa 1997, 157; Costa 2000, 117-118 e 306 307.

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- 0079 - Alminhas de Ínsua
- 0081 - Aglomerado Rural das Gavinheiras
- 0082 - Alminhas das Gavinheiras
- 0083 - Capela Nª Sra da Begonha
- 0084 - Moirho das Gavinheiras
- 0085 - Espigueiro 1 de Gavinheiras
- 0086 - Espigueiro 2 de Gavinheiras
- 0087 - Caminho das Gavinheiras
- 0122 - Outeiro do Crasto
- 0123 - Capela de Nª Sra da Conceição
- 0179 - Igreja de S. João da Cova
- 0180 - Alminhas de S. João
- 0181 - Capela Bom Jesus da Paz
- 0182 - Casa das Quintas
- 0183 - Espigueiro 1 de Crasto
- 0184 - Espigueiro 2 de Crasto
- 0185 - Espigueiro 3 de Crasto
- 0186 - Espigueiro 4 de Crasto
- 0187 - Espigueiro 5 de Crasto
- 0188 - Espigueiro 6 do Crasto
- 0189 - Casa do Seminário
- 0190 - Casa do Cabo
- 0191 - Casa da Regueira
- 0192 - Casa de Faldrem
- 0193 - Capela de Santo Amaro
- 0270 - Mamoa 2 de Penedo Covo
- 0895 - Fossas de Penedo Covo



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da
Freguesia de Cova

Inventário de património

Cova

Outeiro do Crasto

O Outeiro do Crasto é um esporão que se destaca da vertente Norte da serra de Cantelães, na margem esquerda do rio Cávado, elevando-se a cerca de 330 metros de altitude. Apresenta uma topografia característica dos povoados fortificados, dominando a confluência dos rios Caldo e Gerês com o rio Cávado.

Nas suas encostas poucos vestígios se percebem, observando-se alguns restos de eventuais ocupações antigas na plataforma superior, também ela profundamente alterada com a implantação da capela de Na Sr.ª da Conceição e respectiva escadaria. Nos pequenos taludes laterais recolhem-se fragmentos de cerâmica doméstica e de construção de tipologia romana. Não são visíveis quaisquer estruturas ou linhas de muralha.



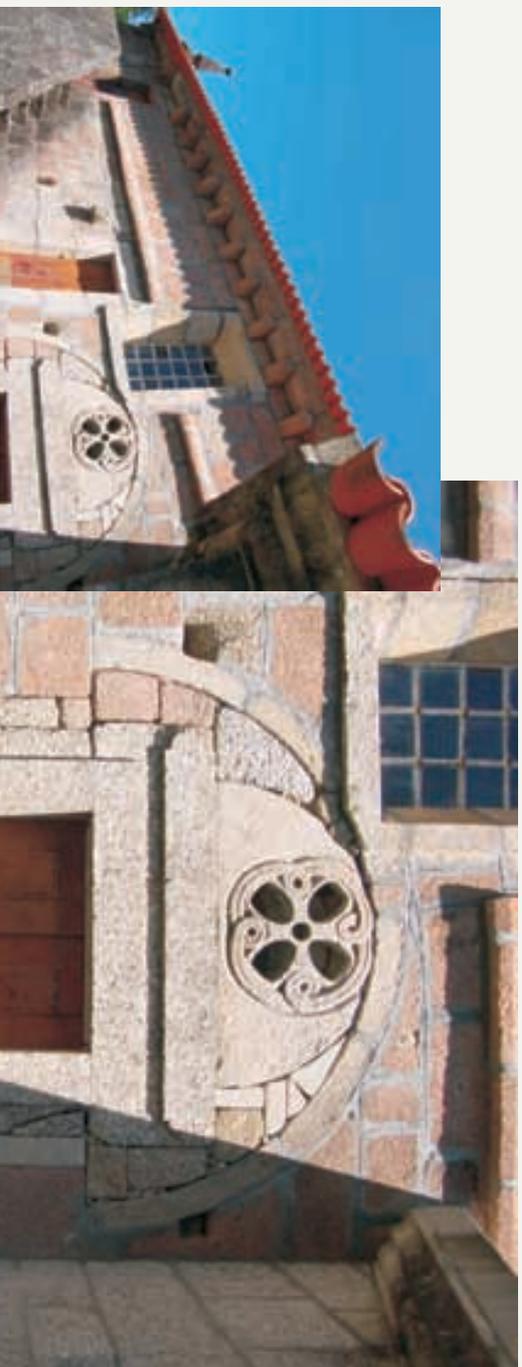
Capela de Nossa Senhora da Conceição

Grande capela dedicada a Na Sr.ª da Conceição, implantada no topo do monte de Crasto. Com nave e capela-mor rectangulares, é construída em granito de aparelho pseudo-isódomo, que se apresenta rebocado nas fachadas laterais e aparente na fachada principal. As coberturas, independentes, são de duas águas, telhadas, delimitando-se por empenas molduradas coroadas por cruzeiros e pináculos.

No interior existe um retábulo modesto, originário do Santuário de S. Bento da Porta Aberta. Na fachada principal existe um nicho que abriga uma pequena mas bela imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 448; Crasbeeck 1992, 138





Igreja de S. João da Cova

Igreja de nave e capela-mor rectangulares, orientada Este-Oeste, construída com silhares bem esquadreados de granito rosa. Conserva parte significativa da edificação original, de traça românica, destacando-se os entablamentos originais das paredes com cachorros decorados.

Na porta lateral Sul conserva-se, embora deslocado da sua posição original, um tímpano com cruz vazada. No interior destaca-se o retábulo da capela-mor e o tecto pintado.

A paróquia guarda ainda uma interessante caixa-relicário, com caixa de vidro e tampa em prata, com restos de outros relicários medievais.

Referências bibliográficas: Almeida 1978, 214; Barroca e Real 1993, 153-155; Capela 2003, 447; Costa 1868-1869, 141; Costa 1997, 157; Costa 2000, 117, 306; Graesbeck 1992, 136; Fontes 1993, 55; Vieira 2000, 319.

Inventário de património

Cova

Capela de Bom Jesus da Paz

Capela com nave e capela-mor retangulares, construída em alvenaria granítica irregular, deixada aparente. Na modesta traça arquitectónica destacam-se os cunhais em cantaria granítica de aparelho mais cuidado, o remate das paredes em cornija simples de perfil em S e a empena da fachada, coroada com pináculos e uma cruz ao centro. A cobertura, de duas águas, é em telha. Tem uma torre sineira, de construção recente, adossada à fachada Este.

Nas padleiras da porta principal e da lateral Sul gravaram-se inscrições retiradas de Isaias e de Zacarias, e sobre a porta principal colocou-se uma lápide alusiva à edificação da capela, onde se lê "NO ANNO DE 1668 / FES CASTELA PAX / CO PORTUGAL O PO / VO FES ESTA OBRA / DO BO IHS DA PAS".

No interior, modesto, conservam-se três notáveis figuras processionais, usadas na Semana Santa: um Senhor dos Paços e uma Nossa Senhora das Dores, do tipo "roca" (cabeça, mãos e pés montados sobre armação de madeira, recoberta pelo vestuário) e um expressivo Senhor Morto, de braços articulados, guardado numa vitrina central.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 448; Craesbeek 1992, 138; Vieira 2000, 322



Capela de Santo Amaro

Capela de grandes dimensões, com capela-mor e nave retangulares, dedicada a Santo Amaro.

Construída em alvenaria granítica, apresenta as fachadas rebocadas e enquadradas por cunhais em cantaria granítica bem esquadrada, que suportam cornijas de perfil em S, coroadas nas empenas com pináculos e cruzes sobre peanhas.

No interior, muito modesto, sobressai o crucifixo, de desenho recente, proveniente da Igreja da Cividade, de Braga.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 448; Craesbeek 1992, 138; Vieira 2000, 323

Capela de Nossa Senhora da Begonha

Capela de grandes dimensões, com nave e capela-mor retangulares, construída em granito com aparelho pseudo-isódomo.

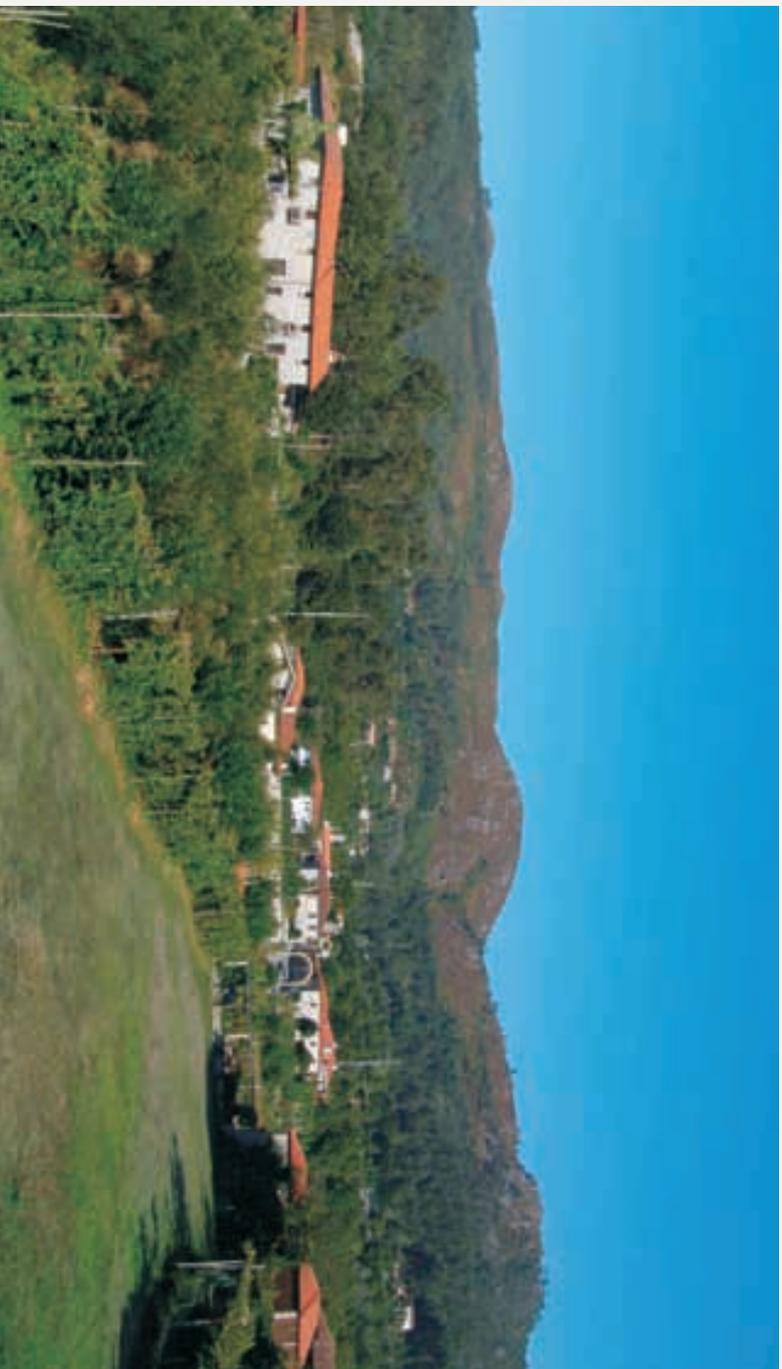
As fachadas, que originalmente seriam rebocadas, são enquadradas por cunhais salientes, em excelente aparelho de cantaria, que na fachada principal se rematam com entablamentos e cornijas em empena triangular, de recorte clássico, coroadas com cruzes sobre peanhas e pináculos. Diversos vãos de janelas, com molduras mais elaboradas, animam as fachadas. Possui coberturas independentes de duas águas, telhadas.

No interior, modesto, destaca-se o retábulo da capela-mor, com imitações de marmorizados e as belas imagens de Nossa Senhora da Begonha, uma das quais, a do lado esquerdo, foi trazida do Santuário de Biscaia para Portugal por Domingos Martins Gonçalves, benemérito a quem se deve a construção da capela em 1806.

Referências bibliográficas: Alves 2001



Eira Vedra



Localizada a Norte da sede do concelho, a freguesia de S. Paio de Eira Vedra faz fronteira a Norte com as freguesias de Ventosa e Cova, a Este com Cantelães, a Sul com Vieira do Minho e a Oeste e Nordeste com Tabuaças e Caniçada, respectivamente.

Referenciada como paróquia desde o século XI, no Censual do Bispo D. Pedro, designando-se então *Sancto Pelagio de Palácios*, a freguesia de Eira Vedra tinha, em 2001, 706 moradores, distribuídos pelos lugares de Loureiro, Terrafeita, Bouçós, Servas, Vilar e Espalio, dedicando-se sobretudo ao pequeno comércio.

Dos 45 sítios com interesse patrimonial, 43 são arquitectónicos e apenas 2 arqueológicos.

Referências Bibliográficas:
Capela 2003, 448-449; Costa 1868-1869, 138; Costa 2000, 120, 221.

Inventário de património

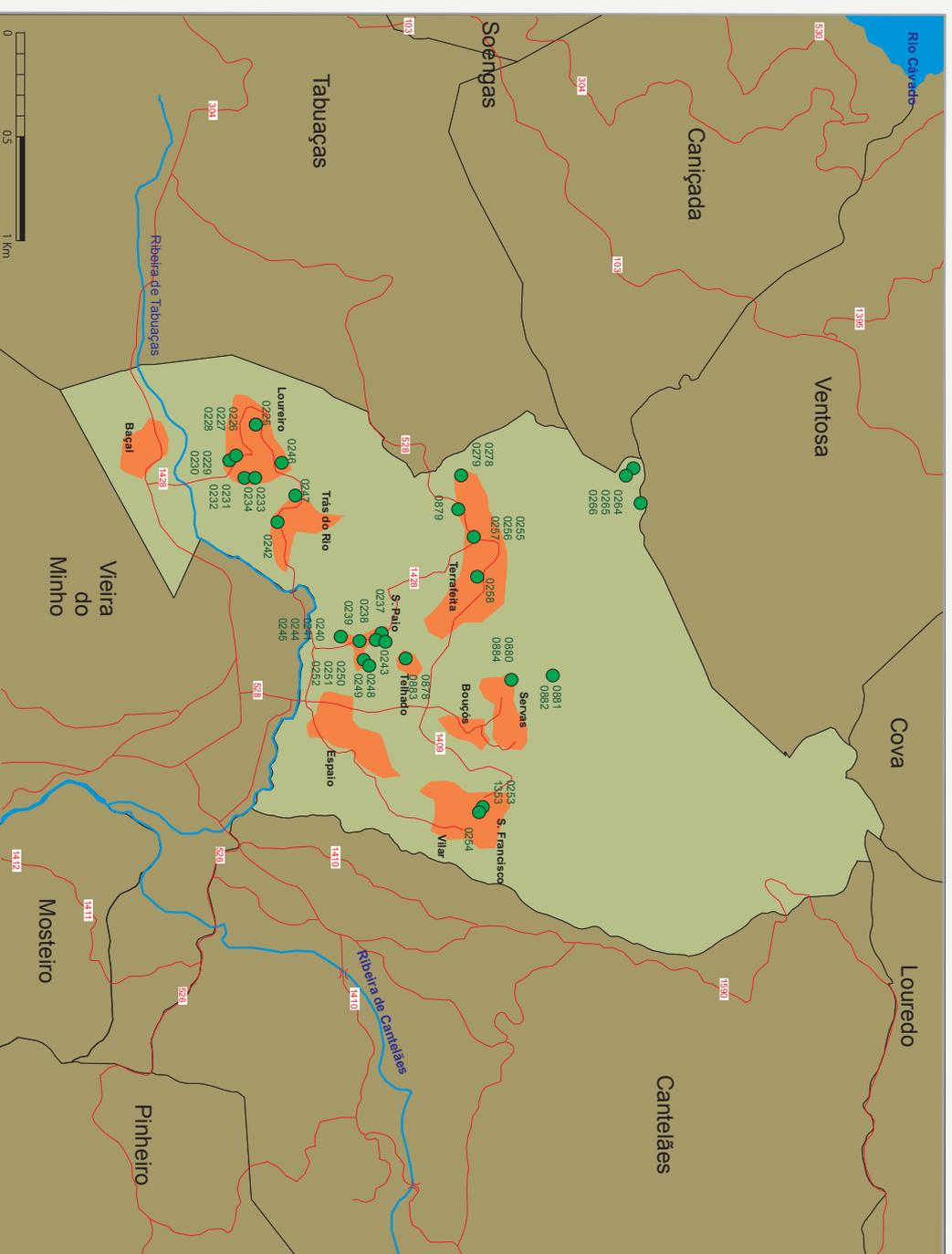
Eira Vedra

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- 0144 - Assentamento do Pogo das Várzeas
- 0222 - Espigueiro 1 da Casa de Atafona
- 0223 - Espigueiro 2 da Casa de Atafona
- 0224 - Moinho 5 da Ribeira de Tabuaças
- 0225 - Capela de Santa Ana
- 0226 - Casa do Reguengo
- 0227 - Espigueiro da Casa do Reguengo
- 0228 - Capela da Casa do Reguengo
- 0230 - Espigueiro da Casa da Veiga
- 0231 - Casa do Outeiro
- 0232 - Espigueiro da Casa do Outeiro
- 0234 - Espigueiro da Casa das Quintãs
- 0237 - Igreja de S. Paio de Eira Vedra
- 0238 - Alminhas de S. Paio de Eira Vedra
- 0239 - Cruzeiro de S. Paio
- 0241 - Espigueiro 1 da Casa de S. Paio
- 0242 - Alminhas de S. Paio de Eira Vedra
- 0243 - Espigueiro do Assento
- 0244 - Espigueiro 3 da Casa de S. Paio
- 0245 - Espigueiro 2 da Casa de S. Paio
- 0246 - Espigueiro 1 de Loureiro
- 0247 - Espigueiro 2 de Loureiro
- 0248 - Epígrafe da Casa de Ameã
- 0249 - Espigueiro da Casa de Ameã
- 0250 - Casa Travessa
- 0251 - Espigueiro da Casa Travessa
- 0252 - Espigueiro 1 de Terrafeita
- 0253 - Santuário de N^a S^{ra} dos Remédios
- 0254 - Espigueiro de S. Francisco
- 0255 - Quinta da Regada
- 0256 - Espigueiro da Quinta da Regada
- 0257 - Moinho da Quinta da Regada
- 0278 - Quinta da Portela
- 0279 - Espigueiro da Quinta da Portela
- 0831 - Epígrafe da casa do Balteiro
- 0878 - Epígrafes da Casa do Telhado
- 0879 - Espigueiro da Casa das Glicínias
- 0880 - Espigueiro 1 de Servas
- 0881 - Moinho 1 de Canteiro
- 0882 - Moinho 2 de Canteiro
- 0883 - Espigueiro da Casa do Telhado
- 0884 - Espigueiro 2 de Servas
- 1311 - Abrigo das Pelisqueiras
- 1353 - Capela do calvário de S. Francisco
- 1535 - Espigueiro de Espajo

Inventário de património

Eira Vedra



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da freguesia de Eira Vedra



Igreja de S. Paio de Eira Vedra

A igreja paroquial de Eira Vedra, dedicada a S. Paio, é construída em alvenaria granítica, regular na nave e irregular na capela-mor, ambas retangulares e orientadas Este-Oeste. Possuem coberturas independentes, de duas águas, enquadradas por empenas coroadas por pináculos e cruzes centrais sobre peanhas.

A porta axial é em arco de volta perfeita, enquanto as janelas laterais da nave são retangulares e em capialso. Contra o cunhal Norte da fachada conserva-se a antiga torre sineira, com campanário sem sino. No adro fronteiro ergueu-se outro campanário, coroado por entablamento moldurado com pináculos e cruz central.

No interior, em obras aquando a visita, merecem destaque apenas os retábulos laterais de talha policroma e o tecto pintado com a figura de S. Paio. A actual Igreja é uma



reconstrução datável dos séculos XVI-XVIII, devendo ter substituído a primitiva, pois a paróquia de São Paio de Eira Vedra já aparece registada no século XI, no Censual do Bispo D. Pedro.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 448; Costa 1868-1869, 138; Costa 2000, 120, 308; Craesbeek 1992, 185; Vieira 2000, 76-78



Abriço das Pelisqueiras

Trata-se de um abriço sob rocha granítica, tipo "pala", frequentemente formado pela deslocação das massas rochosas ou, por vezes, por erosão.

No abriço das Pelisqueiras, no decorrer de uma sondagem arqueológica realizada em 1999, foi identificado espólio lítico em quartzo, confirmando a sua ocupação desde tempos pré-históricos.

Nas proximidades identificaram-se, nos finais da década de 90, alguns fragmentos de cerâmica manual.

Referências bibliográficas: Batista 2001
URL: <http://www.ipa.min-cultura.pt>



Inventário de património

Eira Vedra

Santuário de Nossa Senhora dos Remédios

Capela dedicada a Nossa Sr.^a dos Remédios e S. Francisco. Tem nave e capela-mor retangulares e garril a anteceder a fachada, construídas em alvenaria irregular, aparente, mas que originalmente deveria ser rebocada e pintada. Tem coberturas independentes de duas águas, apoiada sobre cornija granítica de perfil em S.

As empenas molduradas da fachada e do arco cruzeiro são coroadas por cruces latinas sobre peanhas decoradas e pináculos sobre os cunhais, em granito. Nas padieiras das janelas quadrangulares que ladeiam a porta principal existem duas inscrições gravadas e pintadas, onde se lêem as datas de 1696 e 1988.

No interior destaca-se a tribuna da capela-mor em talha dourada, assim como os altares laterais e o tecto pintado. A SO, sobre parede de cantaria, localiza-se um campanário de arco peraltado decorado, com um sino, ladeado por pináculos e encimado por cruz latina com pontas floreadas.

Construída em 1686, a capela conheceu beneficiações posteriores, como o púlpito, colocado em 1723 como testemunha a epigrafe gravada nos degraus.

Em tábua pintada, conserva notícia de privilégio concedido pelo Papa Pio VI [1775-1791].

Referências bibliográficas: Capela 2003, 448; Craesbeek 1992, 185



Inventário de património

Elra Vedra

Capela de Santa Ana

Já referenciada nas 'Memórias Paroquiais' de 1758, a capela tem planta rectangular e é construída em alvenaria granítica de aparelho irregular, com sacristia adossada na fachada Norte. A cobertura, de duas águas, é em telha de aba e canudo, com empenas coroadas com pináculos e cruces latinas em granito. Na fachada Este existe um campanário.

O interior modesto possui um pequeno coro alto e tecto pintado com figuração de Santa Ana.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 448, 459



Cruzeiro de S. Paio

Cruzeiro de granito composto por um Cristo crucificado sobre peanha esférica, assente em coluna de capital moldurado e fuste canelado, com base em forma de pilinto de perfil em S com faces molduradas por cartelas rebaixadas. Numa das faces gravou-se a seguinte inscrição "Fece No ano De 1767".

Referências bibliográficas: Vieira 2000, 76-78
URL: <http://www.monumentos.pt>



Guilhofrei



Localizada no extremo Sudoeste do concelho, Guilhofrei confronta a Norte com a freguesia de Mosteiro, a Este com a freguesia de Rossas, a Sul com o concelho de Fafe e a Oeste com o concelho de Póvoa de Lanhoso.

Embora S. Tiago de Guilhofrei esteja omisso nas Inquirições e no Catálogo das Igrejas de 1320, já constituía povoação no século anterior. Pertenceu ao concelho de Villa Boa da Roda, que obteve foral em 1261, tendo sido extinto em 1832, altura em que foi incorporado no actual concelho de Vieira do Minho.

Distribuídos pelos lugares de Guilhofrei,

Penelas, Roda, Vila Boa, Louredo, S. Silvestre, Calvelos e Ernal, a freguesia registou em 2001, 1154 residentes que se dedicam à indústria, ao comércio e à agricultura, festejando o dia de S. Silvestre no 2.º domingo de Maio, Nossa Senhora de Fátima no 2.º domingo de Agosto, S. Tiago no domingo mais próximo a Julho e a da Nossa Senhora de Lurdes no último domingo de Dezembro.

Registaram-se 65 valores patrimoniais, dos quais 64 dizem respeito ao património arquitectónico e apenas 1 ao património

arqueológico.

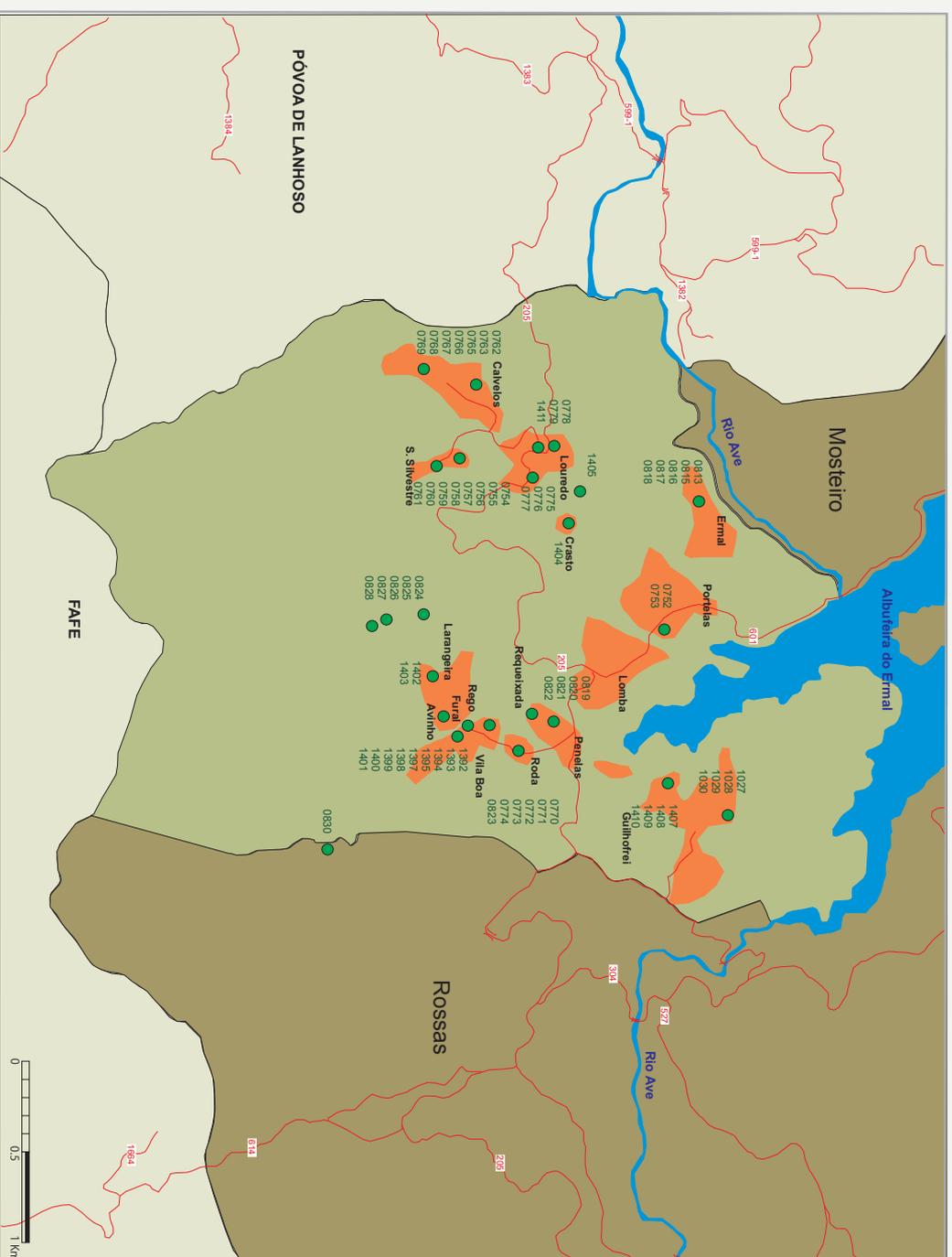
Referências bibliográficas:

Capela 2003, 449--450; Costa 1868-1869, 137; Costa 2000, 309.

Inventário de património Guilhofrei

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

0752 - Igreja de S. Tiago de Guilhofrei	Novas
0753 - Cruzeiro da Igreja	1030 - Espigueliro 2 da Quinta das Casas
0754 - Capela de S. Silvestre	Novas
0755 - Alminhas de S. Silvestre	1392 - Casa da Cadeia
0756 - Espigueliro 1 de S. Silvestre	1393 - Espigueliro da Casa da Cadeia
0757 - Espigueliro 2 de S. Silvestre	1394 - Casa do Foral
0758 - Espigueliro 3 de S. Silvestre	1395 - Espigueliro da Casa do Foral
0759 - Casa do Carneiro	1397 - Espigueliro 1 de Foral
0760 - Espigueliro da Casa do Carneiro	1398 - Espigueliro 2 de Foral
0761 - Cruzeiro de S. Silvestre	1399 - Espigueliro 3 de Foral
0762 - Espigueliro 1 de Calvelos	1400 - Espigueliro 4 de Foral
0763 - Espigueliro 2 de Calvelos	1401 - Espigueliro 5 de Foral
0765 - Espigueliro 3 de Calvelos	1402 - Espigueliro 1 de Langedra
0766 - Casa do Ribeiro	1403 - Espigueliro 2 de Langedra
0767 - Casa do Fundo do Lugar	1404 - Espigueliro 1 de Crasto
0768 - Epigrafe de Calvelos	1405 - Espigueliro da Muda
0769 - Espigueliro 5 de Calvelos	1407 - Espigueliro 1 de Pinhodeira
0770 - Casa do Visconde	1408 - Espigueliro 2 de Pinhodeira
0771 - Capela da Casa do Visconde	1409 - Espigueliro 3 de Pinhodeira
0772 - Espigueliro da Casa do Visconde	1410 - Alminhas de Guilhofrei
0773 - Espigueliro 1 de Vila Boa	1411 - Espigueliro 4 de Louredo
0774 - Espigueliro 2 de Vila Boa	
0775 - Alminhas da Casa do Ribeiro	
0776 - Espigueliro da Casa de Louredo	
0777 - Espigueliro 1 de Louredo	
0778 - Espigueliro 2 de Louredo	
0779 - Espigueliro 3 de Louredo	
0813 - Espigueliro 1 do Ermal	
0815 - Espigueliro 2 do Ermal	
0816 - Casa dos Leites	
0817 - Espigueliro 1 da Casa dos Leites	
0818 - Espigueliro 2 da Casa dos Leites	
0819 - Espigueliro 1 de Requeixada	
0820 - Espigueliro 2 de Requeixada	
0821 - Capela de Santo André	
0822 - Espigueliro 3 de Requeixada	
0823 - Epigrafe de Vila Boa	
0824 - Moinho 1 da Ribeira de Ínsuas	
0825 - Moinho 2 da Ribeira de Ínsuas	
0826 - Moinho 3 da Ribeira de Ínsuas	
0827 - Moinho 4 da Ribeira de Ínsuas	
0828 - Moinho 5 da Ribeira de Ínsuas	
0830 - Mamoa do Penedo de Penas	
1027 - Quinta das Casas Novas	
1028 - Capela Na Srª da Saúde	
1029 - Espigueliro 1 da Quinta das Casas	



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da
Freguesia de Guilhofrei



Mamoia de Penedo das Penas

No Monte de Guilhofrei, na bordadura de uma chã de meia vertente que remata no Penedo de Penas, identifica-se uma estrutura tipo "mamoia", com cerca de 7,5 metros de diâmetro e menos de 1 metro de elevação, já bastante revolvida. Incorpora uma espécie de anel lítico de contenção, formado por calhaus e lajes graníticas.

Nos pequenos taludes do estradão que desce a encosta e passa junto dos vestígios, recolhem-se fragmentos de cerâmica manual. Admite-se que este seja o local de proveniência de um vaso semi-esférico de fabrico manual, atribuível ao Neolítico-Bronze, dado como recolhido no monte de Guilhofrei.

O alinhamento circular de calhaus poderá corresponder a um anel lítico de contenção, característico dos enterramentos sob *tumulus*.

Referências bibliográficas: Jorge 1986, 87/4; Sanches 1981, 88-91

URL: <http://www.ipa.min-cultura.pt>



Capela de S. Silvestre

Capela dedicada a S. Silvestre, de planta rectangular orientada Este-Oeste. Construída em alvenaria granítica rebocada e pintada, apresenta o volume definido pelos cunhais, cornijas, empenas e molduras de vãos salientes, em boa cantaria granítica, coberto por telhado de duas águas.

Na fachada destacam-se a molduraçãoda porta em edícula com frontão triangular, sobrepujada por ampla janelade iluminação, os remates da empena com urnas e cruz central e o campanário que amplia o cunhal setentrional, rematado por entablamento recto coroado com duas urnas.

No interior, modesto, destaca-se um retábulo central de desenho simples.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 450; Craesbeek 1992, 187; Vieira 2000, 436,444



Igreja de Santiago de Guilhofrei

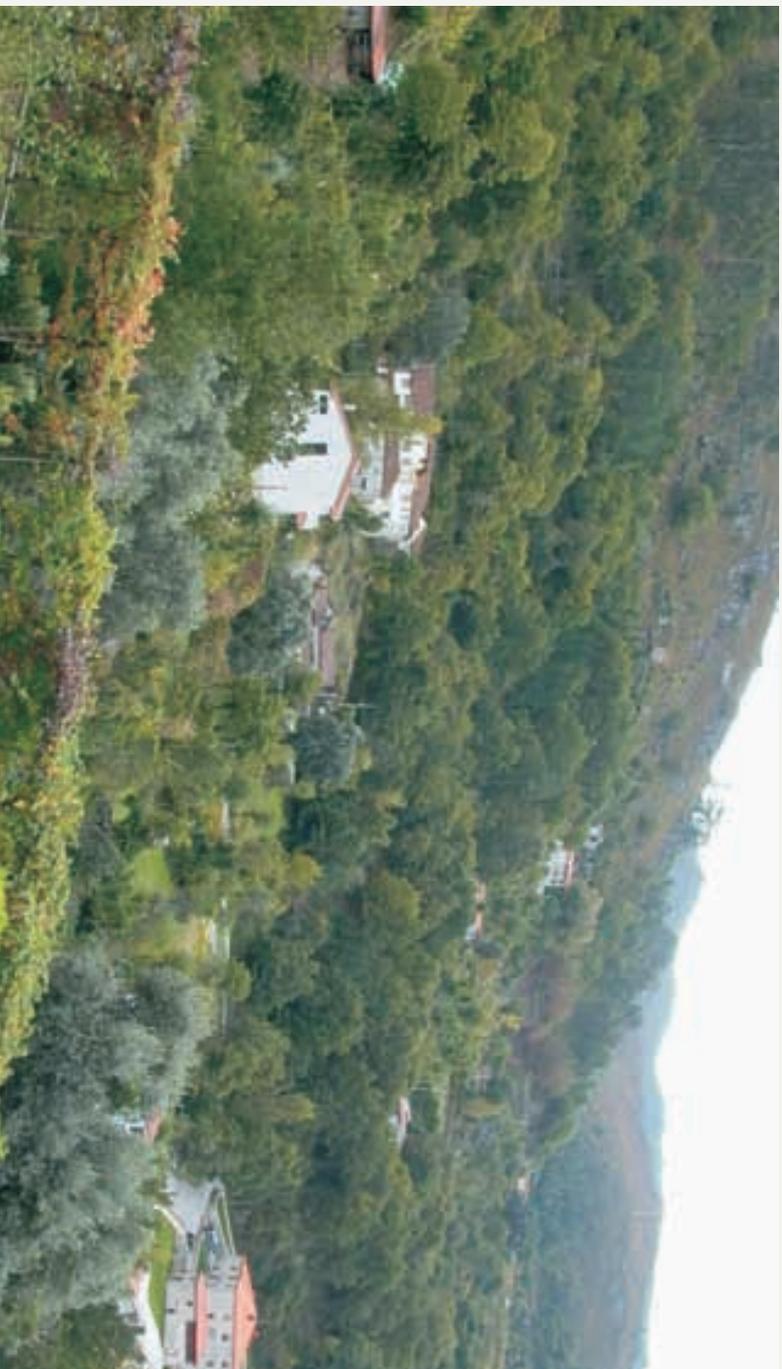
Igreja paroquial de Guilhofrei, dedicada a S. Tiago. A edificação actual, em cantaria granítica de aparelho pseudo-isódomo e orientada Este-Oeste, reflecte as sucessivas alterações e reconstruções que sofreu, apresentando-se com nave e capela-mor rectangulares, duas capelas laterais que formam um transepto e uma torre sineira adossada ao cunhal Sul da fachada. As paredes da nave são coroadas com cornija sobre cachorradas lisas, que pretendem imitar a solução original românica. A cobertura, de várias águas, é de telha de aba e canudo, rematando-se as empenas com cruzes e pináculos nos cunhais.

No interior destaca-se o retábulo do altar-mor, em talha dourada, com uma estátua de Santiago e a pintura no tecto de madeira da nave representando Santiago Mata-Mouros.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 450; Costa 1868-1869, 137; Costa 2000, 309, 363; Craesbeek 1992, 187; Fontes 1993, 59; Vieira 2000, 428-429



Louredo



Louredo localiza-se na margem esquerda do rio Cávado e confronta a Este com Salamonde, a Sul com Cantelães e a Oeste com a freguesia de Cova.

Louredo foi lugar da extinta paróquia de Fornelos, referenciada desde 1093 e pertenceu ao extinto concelho de Penafiel de Soás. A actual igreja de Nossa Senhora do Rosário reduziram-se as Igrejas de S. Paio de Fornelos e a de S. Pedro de Sela. A festa em honra de Nossa Senhora da Guia realiza-se no 2.º domingo de Junho, a de S. Pedro no dia 29 de Junho, a de Nossa Senhora de Fátima no último domingo de Julho e a de

Santo António no dia 13 de Junho.

Em 2001, Louredo registava 479 residentes distribuídos pelos lugares de Cubo, Outeiro, Cela, Boa Vista, Louredo, Sudro, Choqueira e Fornelos, identificando-se como principais actividades a agricultura e o pequeno comércio.

No que respeita ao património registaram-se 33 valores, dos quais, 5 arqueológicos e 28 arquitectónicos.

Referências bibliográficas:

Capela 2003, 451-452; Costa 1868-1869, 141; Costa 2000, 118 e 307.

Inventário de património

Louredo

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- 0088 - Caminho do Sudro
- 0089 - Alminhas do Sudro
- 0090 - Espigueiro 1 do Sudro
- 0091 - Espigueiro 2 Sudro
- 0094 - Epígrafe casa do Sudro
- 0095 - Casa Paroquial
- 0124 - Caminho do Outeiro
- 0195 - Capela Sra da Guia / Igreja Velha de S. Paio de Formelos
- 0196 - Espigueiro da Casa do Assento
- 0198 - Espigueiro 1 de Formelos
- 0199 - Espigueiro 2 de Formelos
- 0200 - Capela de S. Pedro de Cela / Igreja Velha de Cela
- 0202 - Espigueiro 2 de Cela
- 0203 - Espigueiro 3 de Cela
- 0204 - Espigueiro 1 de Cela
- 0205 - Capela de Na Sra de Fátima
- 0206 - Igreja Na Sra do Rosário
- 0207 - Espigueiro de Candão
- 0208 - Asilo de Acolhimento Rebelo Duarte
- 0209 - Casa de Barreiros
- 0210 - Espigueiro da Casa do Barreiro
- 0211 - Espigueiro 1 do Eido
- 0212 - Espigueiro do Asilo Rebelo Duarte
- 0280 - Ara de Louredo
- 0898 - Mamoa do Monte das Carvalhas
- 1354 - Molinho 1 do Outeiro
- 1355 - Molinho 2 do Outeiro
- 1356 - Molinho de Cubo
- 1383 - Epígrafe de Louredo
- 1385 - Campo da Veiga
- 1558 - Espigueiro 3 de Formelos
- 1559 - Espigueiro 4 de Formelos
- 1560 - Espigueiro 5 de Formelos

Inventário de património

Louredo

Igreja Paroquial de Louredo

A igreja paroquial de Louredo é dedicada a Nossa Senhora do Rosário.

Construída em bom aparelho de cantaria granítica, apresenta nave e capela-mor rectangulares, com coberturas independentes de duas águas, enquadradas por empenas coroadas por pináculos e cruzes sobre peanhas. A torre sineira adossada à fachada Oeste tem também dois pináculos e uma cruz.

No interior destaca-se a tribuna do altar-mor em talha dourada e dois altares laterais, o da Epístola com um magnífico retábulo em talha policroma representando a purificação das almas.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 451; Costa 2000, 118; Graesbeek 1992, 141; Fontes 1993, 59; Gouveia 1993, 20; Vieira 2000, 330



Capela Nossa Senhora da Guia

A capela da Senhora da Guia é um pequeno edifício em alvenaria de granito, aparente no exterior e rebocada no interior, com aparelho irregular que incorpora muitos silhares bem esquadreados, embora dominem os blocos poligonais com acabamento pouco cuidado.

Os vãos (portas e janelas), todos rectilíneos, são delimitados por elementos de granito melhor acabados, definindo guardiões lisas, sem molduras, distinguindo-se a janela meridional da capela-mor por apresentar guardião em capialso. A porta principal abre-se a Oeste, ao centro da fachada, sendo sobrepujada por uma pequena janela quadrangular. Uma outra porta abre-se junto ao cunhal poente da fachada sul, testemunhando a existência de um antigo acesso a um desaparecido coro alto da nave.

Sobre o cunhal nascente da fachada principal, no alinhamento da parede lateral, ergue-se um campanário simples, enclimado por uma cruz de granito, que alberga um pequeno sino.

A nave e a capela-mor apresentam coberturas independentes, em telhado de duas águas, assente na cornija moldurada que coroa as paredes e que na empena da fachada é rematada por uma cruz simples de granito, de secção quadrada. Na fachada principal observa-se a data de 1817.

No interior sobressai o arco triunfal em ogiva e a mesa de altar suportada por uma ara romana anepígrafe, em granito de grão grosso. Mede cerca de 0,65 metros de altura e cada face mede cerca de 0,30 metros de largura. Na parte superior observam-se 4 molduras e na parte inferior apenas 3, embora possamos admitir a existência de uma quarta, estando esta ocultada com o cimento que serviu para a fixar ao chão da capela. Poderá colocar-se a hipótese de esta ara ser proveniente do povoado próximo do Campo da Velga.

A capela da Senhora da Guia corresponde à antiga igreja matriz da

extinta paróquia de São Paio de Formelos, a qual tem existência documentada pelo menos desde o século XI. Conforme se depreende do Índice de 1749, a paróquia de Formelos terá sido extinta poucos anos antes, pois aí se explicita que tinha sido incorporada na de Louredo, que se criou com a junção daquela mais a de São Pedro de Sela.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 451; Costa 2000, 118; Craesbeeck 1992, 141; Gouveia 1993, 20; Vieira 2000, 330



Inventário de património

Louredo

Capela de S. Pedro de Cela

Capela de planta rectangular, em boa cantaria de granito aparente, com cobertura de duas águas. A fachada principal apresenta um desenho arquitectónico cuidado, com os cunhais aplastados a enquadrarem a porta rectilínea, encimada por um relógio de sol e sobrepujada por um nicho retábulo, onde se abriga uma imagem moderna de São Pedro. Quatro óculos circulares completam a animação da fachada. As paredes são rematadas por entablamentos com cornijas de perfil em S, coroando-se a empena frontal com pináculos e uma cruz central sobre peanha. A torre sineira, também em granito, encontra-se ao lado da capela, com data de 1919.

O interior é modesto. Conforme testemunha a data de 1759 gravada na padieira da porta principal, esta capela corresponderá à reconstrução da primitiva ermida de São Pedro de Sela, já referenciada no séc. XIV no Censual do Cabido da Sé de Braga, e o seu carácter de antiga paróquia transparece na manutenção da separação entre a nave e a capela-mor, esta conservada mais elevada.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 451; Costa 2000, 118, 307; Craespeck 1992, 141; Gouveia 1993, 20; Vieira 2000, 328



Capela de Nossa Senhora de Fátima

Capela de grandes dimensões com nave rectangular e capela-mor semi-circular adossada no topo Norte, com cobertura de duas águas. Construída em alvenaria granítica aparente, apresenta uma fachada de desenho arquitectónico elaborado, de traça barroquizante, com portal esculturado encimado por frontão interrompido e sobrepujado por janela esculturada, rematando-se o conjunto com uma empena moldurada coroada por pináculos e cruzeiros.

Refira-se que esta capela se localizava originalmente no lugar da Recha, tendo então dedicada a N^a S^{ra} da Glória, tendo sido trasladada e reconstruída e ampliada no local actual em 1970, por iniciativa do pároco José Alves, passando a ter como invocação N^a S^{ra} de Fátima.

No arranjo do adro envolvente incorporaram-se elementos arquitectónicos diversos provenientes de outros locais, como a pedra decorada com a data de 1737 que se encontra sobre um dos fontanários, trazida de uma capela privada de Soengas. A pequena 'capela' que existe nas traseiras foi edificada nos meados do século XX.

Referências bibliográficas: Gouveia 1993, 20



Casa Paroquial

Antiga casa paroquial de Louredo, mandada edificar pelo Padre Gervasio Antunes em 1735, como testemunha a inscrição gravada nas padieiras das portas, onde se lê "ESTA OBRA MANDOV FAZER OP GERVAZIO ANTUNES VIGRO & C: NO ANNO DE [cruz] 1735".

De planta rectangular e construída em bom aparelho de cantaria granítica, a edificação alonga-se à margem do caminho, animando-se a fachada com vãos de portas e de janelas rectangulares, ladeadas por mísulas-floreiras. Ao centro da fachada, no primeiro piso, uma varanda com bacía granítica e balaustrada de ferro forjado reforça o carácter excepcional desta construção em meio rural.



Mosteiro



Localizada na parte Sudoeste do concelho, Mosteiro confronta a Norte com a freguesia de Vieira do Minho e Cantelães, a Este com Pinheiro e Vilar Chão, a Sul com Rossas e Guilhotrei, a Sudoeste com o concelho de Póvoa de Lanhoso e a Oeste com Anísso e Vieira do Minho.

A origem da paróquia de Mosteiro remonta ao século X, pois a documentação regista que em 982, no 'mosteiro de S. João de Vieira, da ordem beneditina', aí morreu Santa Senhorinha.

Em 2001, S. João de Mosteiro registava 931 residentes, distribuídos pelos lugares de

Gandra, Taboadela, Rio Longo, Salgueiro, Fundo de Vila, Magos e Figueiró, cuja população se dedica à agricultura e ao pequeno comércio.

Em relação ao património, em Mosteiro registaram-se 44 sítios exclusivamente de interesse patrimonial arquitectónico.

Referências Bibliográficas:

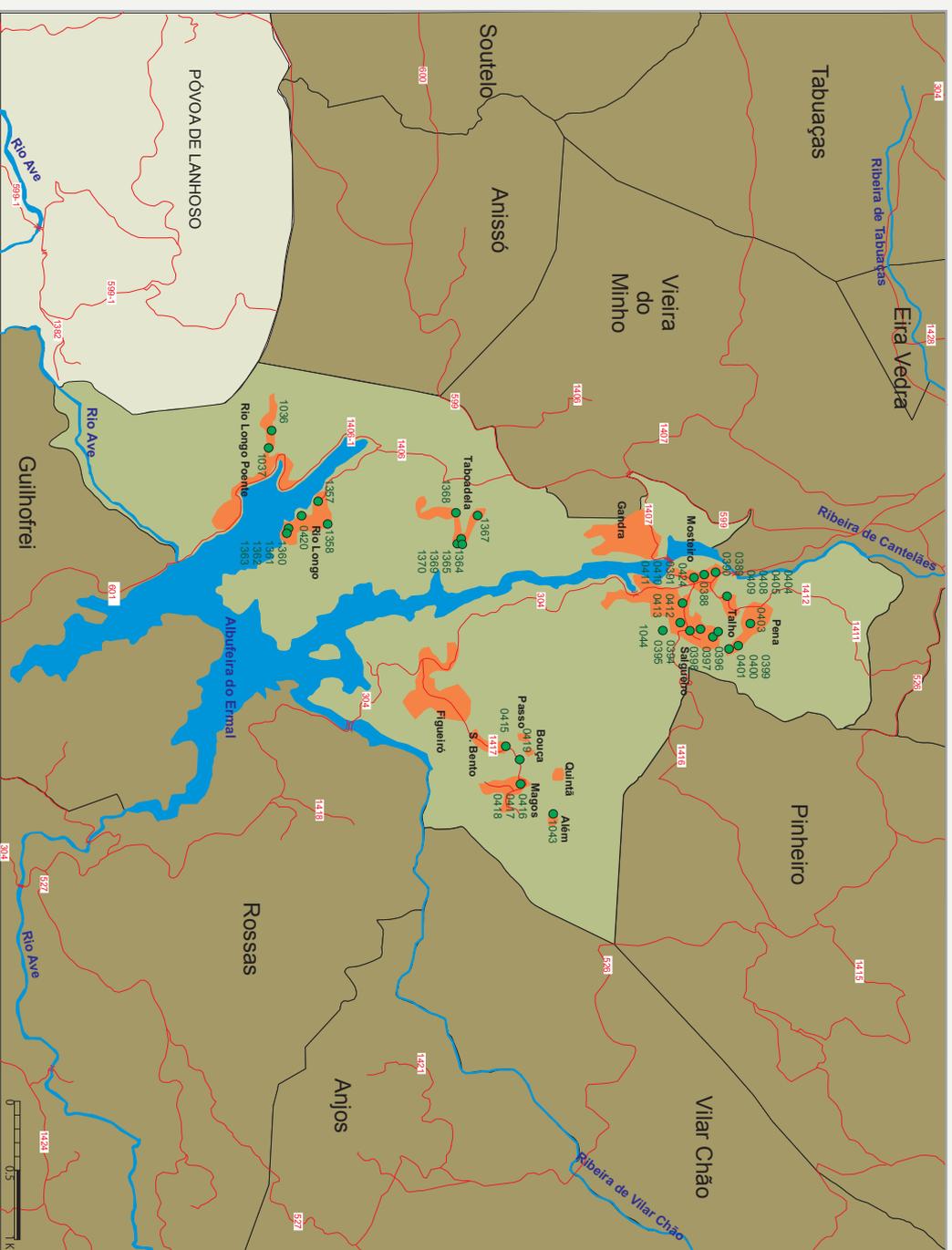
Capela 2003, 452; Costa 1868-1869, 138; Costa 2000, 121-122, 363.

Inventário de património

Mosteiro

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- 0388 - Igreja de S. João de Mosteiro
- 0389 - Capela de S. Salvador
- 0390 - Cruzeiro de S. Salvador
- 0391 - Casa do Padre Casimiro
- 0394 - Espigueiro 1 da Casa do Outeiro
- 0395 - Espigueiro 2 da Casa do Outeiro
- 0396 - Casa do Requeixo
- 0397 - Espigueiro da Casa do Requeixo
- 0398 - Espigueiro 1 de Salgueiro
- 0399 - Casa da Pena
- 0400 - Capela da Casa da Pena
- 0401 - Moinho da Pena
- 0403 - Moinho 1 de Talho
- 0404 - Espigueiro 1 do Talho
- 0405 - Espigueiro 2 do Talho
- 0408 - Casa do Ribeiro
- 0409 - Espigueiro da Casa do Ribeiro
- 0410 - Espigueiro da Casa do Padre Casimiro
- 0411 - Espigueiro 1 de Rissondo
- 0412 - Epígrafe da Casa da Madrôa
- 0413 - Espigueiro de Madrôa
- 0415 - Capela de S. Bento de Magos
- 0416 - Espigueiro 1 de Magos
- 0417 - Espigueiro 2 de Magos
- 0418 - Casa de Magos
- 0419 - Espigueiro da Casa Carreira
- 0420 - Capela de S. Pedro de Riolongo
- 0424 - Espigueiro da Casa da Vinha
- 1036 - Espigueiro 1 de Riolongo Poente
- 1037 - Espigueiro 2 de Riolongo Poente
- 1043 - Espigueiro 3 de Magos
- 1044 - Moinho da Baralha
- 1357 - Alminhas 1 de Rio Longo
- 1358 - Alminhas 2 de Rio Longo
- 1360 - Espigueiro da Casa dos Gaios
- 1361 - Espigueiro 1 de Riolongo
- 1362 - Espigueiro 2 de Riolongo
- 1363 - Espigueiro 3 de Riolongo
- 1364 - Espigueiro 1 de Taboadela
- 1365 - Espigueiro 2 de Taboadela
- 1367 - Espigueiro 4 de Taboadela
- 1368 - Espigueiro 5 de Taboadela
- 1369 - Espigueiro 6 de Taboadela
- 1370 - Alminhas de Taboadela



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da
Freguesia de Mosteiro



Igreja Paroquial de Mosteiro

A Igreja paroquial de Mosteiro, dedicada a S. João, é um edifício amplo, com nave e capela-mor retangulares, orientadas Norte-Sul. Construída com boa cantaria granítica aparente, montada em fadas regulares, possui coberturas independentes de duas águas, assentes sobre cornija e enquadradas por empenas coroadas com pináculos e cruces de granito. A torre sineira, também de granito, encontra-se adossada ao cumhal Este da fachada principal, na qual se abriga, em nicho central sobre a porta, uma imagem pètra de S. João.

Nas fachadas Oeste e Norte identificam-se alguns silhares com siglas, sugerindo reaproveitamento de anterior construção, eventualmente uma edificação de feição românica, pois também se referencia o achado de elementos com decoração arquitectónica deste estilo.

No interior, recentemente remodelado, conservam-se dois altares laterais e a tribuna da capela-mor em magnífica talha dourada. Conserva-se ainda um painel historiado, com 15 quadros pintados sobre madeira alusivos à vida de Cristo.

São João de Veira foi mosteiro de freiras, documentando-se já no século X. Santa Senhorinha foi sua Abadessa, aí tendo falecido em 22 de Abril de 982.

Referências bibliográficas: Barros 1919, 83; Costa 1868-1869, 138; Costa 1997, 157; Costa 2000, 121, 309, 363; Craesbeck 1992, 182); Cunha 1975, 508); Gouveia 1993, 20

URL: <http://www.monumentos.pt>



Inventário de património

Mosteiro

Capela de Magos

A capela de S. Bento de Magos é uma construção modesta em alvenaria granítica rebocada. De planta rectangular, apresenta cunhais de cantaria granítica aparente, que na fachada enquadram uma porta rectilínea e rematam numa empena moldurada que se eleva em frontão triangular, coroado por um pequeno campanário com sino e nos cantos por pináculos. A cobertura é de duas águas.

No interior, modesto, existe um retábulo em talha dourada e uma pequena imagem do padroeiro. Segundo Craesbeek, em 1726 esta capela era dedicada a Nossa Senhora da Graça.

Referências bibliográficas: Craesbeek 1992, 183



Capela de S. Pedro de Riolongo

Capela dedicada a S. Pedro, construída em alvenaria granítica rebocada, de planta rectangular. A cobertura, de duas águas, é enquadada por empenas molduradas sobre cornija, rematadas por cruzes latinas e pináculos e um pequeno campanário na fachada lateral.

A fachada principal, de desenho simples, é animada pelo vão moldurado da porta, ladeada por dois vãos de janelas quadrangulares também molduradas e por um janelão circular sobre o portal. A sacristia localiza-se adossada à fachada SE.

O interior, modesto, tem uma pequena tribuna de talha policroma e marmoreados, com a imagem de Cristo crucificado.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 450; Craesbeek 1992, 183, 188



Casa do Padre Casimiro

Antiga casa de lavoura, construída em granito de aparelho pseudo-isódomo, de planta em forma de U que abre para um pátio interior. A cobertura, de várias águas, é em telha de aba e canudo. Numa padieira de porta da fachada principal lê-se a data de 1787.

Mais do que pelo seu valor arquitectónico, pois já há muitos anos que funciona como casa de pasto e obras recentes confirmaram a adaptação a restaurante, este imóvel possui o inegável interesse histórico de aqui ter vivido o célebre Padre Casimiro, personagem central das revoltas populares do Minho oitocentista, em que sobressaiu a igualmente célebre Maria da Fonte.



Alminhas de Taboadela

Alminhas em granito compostas por uma edícula com nicho sobre peanha, com desenho arquitectónico elaborado.

O nicho é enquadrado por duas pilastras que suportam um entablamento moldurado, com uma espécie de frontão cónico, onde se esculpiram, em baixo relevo, uma coroa e uma caveira com tibias cruzadas, coroando-se com uma cruz esculpida com a iconografia do calvário de Cristo.

Um 'chapéu' de chapa protege o conjunto.

No interior do nicho conserva-se um painel de azulejos pintados com a característica cena das almas do purgatório.



Casa da Pena

A casa da Pena é um paço rural composto por capela e portal armoriado, através do qual se acede ao edifício principal, formado por um corpo rectangular e outro vertical, tipo torre, ameada. Posteriormente foram acrescentados outros corpos, organizados em torno de um pátio interior.

O solar original datará do século XVIII, pois a pedra de armas do portal, com heráldica de família, foi mandada fazer por Pedro António Vieira da Silva de Meireles, cavaleiro fidalgo da Casa Real, cerca de 1752.

No portal em ferro observa-se a data de 1885, que poderá corresponder a uma possível remodelação da casa, que já não pertence à família de origem.

Referências bibliográficas: Capela 2000, 68; Nóbrega 1974, 52-57; Stoop 2000, 277; Vieira 2000, 76, 237



Parada de Bouro



Localizada no extremo Oeste do concelho, na margem esquerda do rio Cávado, a freguesia de Parada de Bouro confronta a Este com a freguesia de Camiçada e a Oeste e Sul com o concelho de Póvoa de Lanhoso.

S. Julião de Parada já aparece referenciada desde 1059 e documenta-se como couto desde o século XII, quando D. Sancho I o outorgou a Dona Maria Paes Ribeira e seus filhos.

A festa de S. Julião realiza-se em Dezembro, a de S. Sebastião no domingo posterior a 20 de Janeiro e de Nossa Senhora

dos Prazeres no 2.º domingo de Agosto.

Em 2001 residiam em Parada de Bouro 529 pessoas distribuídas pelos lugares de Pandoses e Parada de Bouro, dedicando-se à agricultura e ao pequeno comércio.

No que respeita ao património registaram-se 48 sítios, sendo 5 com interesse arqueológico e os restantes com interesse arquitectónico.

Referências bibliográficas:

Capela 2003, 452; Costa 1868-1869, 142; Costa 2000, 110; Costa 1997, 157.

Inventário de património

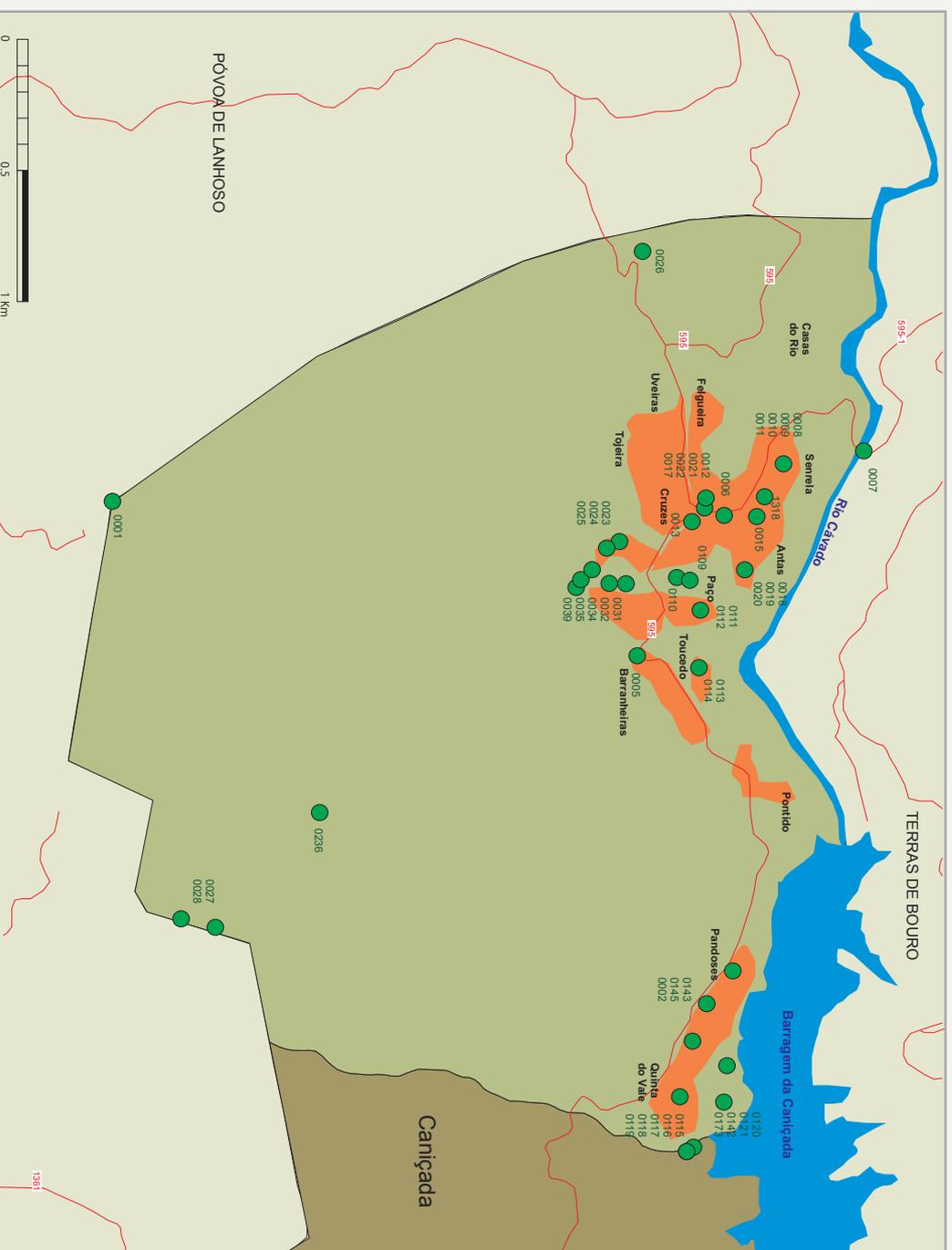
Parada de Bouro

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

0001 - Castelo de Penafiel de Soás	0145 - Espigueiro da Casa de Fundo de Vila
0002 - Alminhas de Pandoses	0173 - Espigueiro 2 do Vale
0005 - Capela Na Sra dos Prazeres	0236 - Vila Monteira
0006 - Igreja de S. Julião de Parada de Bouro	1318 - Campo de Cerzedo
0007 - Ponte de Parada de Bouro	
0008 - Casa de Senrela	
0009 - Capela da Casa de Senrela	
0010 - Espigueiro da Casa de Senrela	
0011 - Espigueiro de Senrela	
0012 - Pelourinho de Parada de Bouro	
0013 - Alminhas da Aldela	
0015 - Espigueiro da Quinta das Antas	
0017 - Espigueiro da Aldela	
0018 - Casa do Outeiro/Arcos	
0019 - Espigueiro da Casa do Outeiro	
0020 - Espigueiro do Outeiro	
0021 - Casa da Lourada	
0022 - Espigueiro da Casa da Lourada	
0023 - Casa do Sorlhal	
0024 - Capela do Sorlhal	
0025 - Espigueiro do Sorlhal	
0026 - Moinho de Uveiras	
0027 - Mamoa 1 da Serra de S. Mamede	
0028 - Mamoa 2 da Serra de S. Mamede	
0031 - Moinho 3 da Ribeira de Fontelas	
0032 - Moinho 4 da Ribeira de Fontelas	
0034 - Moinho 2 da Ribeira de Fontelas	
0035 - Moinho 1 da Ribeira de Fontelas	
0039 - Lagar da Ribeira de Fontelas	
0109 - Moinho 5 da Ribeira de Fontelas	
0110 - Moinho 6 da Ribeira de Fontelas	
0111 - Espigueiro 1 de Cabo D' Além	
0112 - Espigueiro 2 de Cabo D' Além	
0113 - Casa do Toucedo de Baixo	
0114 - Espigueiro da Casa do Toucedo de Baixo	
0115 - Moinho 1 da Ribeira dos Moinhos	
0116 - Moinho 2 da Ribeira dos Moinhos	
0117 - Moinho 3 da Ribeira dos Moinhos	
0118 - Moinho 4 da Ribeira dos Moinhos	
0119 - Moinho 5 da Ribeira dos Moinhos	
0120 - Casa do Vale	
0121 - Capela da Casa do Vale	
0142 - Espigueiro 1 do Vale	
0143 - Capela de S. Sebastião	

Inventário de património

Parada de Bouro



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da
freguesia de Parada de Bouro

Inventário de património

Parada de Bourro



Vila Monteira

Na vertente superior do Monte de Cidró, em local conhecido pela população como Vila Monteira e/ou como Cova da Moura, conservam-se ruínas de um povoado aberto, observando-se no talude do estradão e nos socacos que armam a encosta vestígios de paredes e alinhamentos de edificações de planta ortogonal.

Numa área aproximada de 1 hectare, dispersos pela superfície do terreno, recolhem-se fragmentos de "tegulliae" e de cerâmica doméstica de tipologia romana, sugerindo a ocupação do local durante os domínios romano e suevo-visigótico.

Referências bibliográficas: Cunha 1975, 534



Igreja de S. Julião de Parada de Bourro

A actual edificação da igreja paroquial de Parada de Bourro, cujo orago é S. Julião, é uma reconstrução integral, feita em 1983, da igreja reedificada no século XVII, como sugerem os elementos arquitectónicos e decorativos subsistentes, bem como a data de 1687 gravada na entrada.

Apresenta nave e capela-mor rectangulares, que ampliaram e elevaram os volumes originais, reutilizando a cantaria granítica em aparelho pseudo-isódomo. O telhado é de duas águas, sobre cornija, com empenas coroadas por cruzes e pináculos. A antececer a porta, do lado esquerdo eleva-se a torre sineira, em alvenaria de granito.

No interior destacam-se a pia baptismal de granito, com decoração gravada na face externa e a memória do contributo das zeladoras para obras realizadas em 1871, como atesta a epigrafe conservada no embasamento da pia baptismal - "OBRA PAGA PELAS / MOSAS GELADORAS / ANO D 1871"

Sobre a entrada da fachada principal foi recolocada uma inscrição que originalmente teria estado numa capela lateral interior, na qual se lê "ESTA CAPELLA HE DABB JOAO ROZOP/ E A & D SEVIR MAONITTOAOODROC?/ CAPITAOMOR-PERASENELLA EN/ TERRAREM COMTRSMISSAS PERPEV/ AS CADA SOMMANA PERASENPRE".

No jardim envolvente conservam-se alguns elementos arquitectónicos da igreja seiscentista.

Referências bibliográficas: Costa 1868-1869, 142; Costa 1997, 157; Costa 2000, 110; Craesbeck 1992, 237; Vieira 2000, 306



Inventário de património

Parada de Bouro

Pelourinho de Parada de Bouro

Sobre três degraus ergue-se uma coluna composta por base, fuste e remate esférico, sobre o qual hoje se colocou uma cruz florentina, em granito, funcionando o conjunto como cruzeiro (originalmente seria coroada por outro elemento arquitectónico, como é usual nos pelourinhos, mas cujo paradeiro se desconhece - como relata Artur Vaz-Osório da Nóbrega, as armas que encimavam o pelourinho terão sido vendidas a um antiquário!).

Segundo Carvalho da Costa, o pelourinho terá sido mandado fazer em 1672 pelos Condes de Unhão, que se intitulavam senhores do concelho de Parada, o qual havia recebido carta de foral de D. Manuel em 1515.

Referências bibliográficas: Chaves 1939, 95; Costa 1868-1869, 141; Craesbeek 1992, 237; Lopes 1993; Nóbrega 1974, 86-89; Vieira 2000, 304

URL: <http://www.monumentos.pt>;

<http://www.ippar.pt>
Classificado como IIP - Imóvel de Interesse Público pelo Dec. No 23, 122, DG 231 de 11 de Outubro 1933



Casa do Sorlhal

Casa grande de lavrador com capela anexa, recentemente restaurada e adaptada a turismo de habitação. Construída em cantaria granítica com excelente aparelho pseudo-isódomo, a Casa do Sorlhal desenvolve-se em planta rectangular, integrando na fachada Sul uma escada de aparato de acesso ao piso superior.

Ainda neste alçado distinguem-se as varandas com bacia sobre mísulas e, gravada na padieira, a inscrição " IHS / ANO 1750". A cobertura, de várias águas, assenta em cornija granítica de perfil em S.
Referências bibliográficas: Vieira 2000, 305
URL: <http://www.monumentos.pt>



Casa do Vale

Conjunto habitacional tipo solar, originalmente composto por casa de residência, capela e anexos organizados em torno de um pátio interior, a que se acede por um portal de aparato, coroado pela pedra de armas mandada colocar por António José de Araújo Vale pouco depois de meados do século XVIII.

A edificação deste conjunto, em boa alvenaria granítica de aparelho regular, datará dos inícios desse século, como sugere a data de 1701 gravada numa padieira interior.

Referências bibliográficas: Capela 2000, 70; Nóbrega 1974, 82-85; Vieira 2000, 304



Inventário de patrimônio

Parada de Bourro



Casa de Senreia

Casa de planta rectangular em cantaria granítica de aparelho pseudo-isódomo e cobertura de duas águas em telha de aba e canudo.

Na fachada Sul incorpora a escada alpendrada de acesso ao piso superior, possuindo um arranque de corrimão com desenho arquitectónico mais elaborado. Na padieira de uma janela tem gravada a data "1732?".

Junto à casa existe um portal de aparato, armoriado, que datará de 1777, ano em que foi atribuída carta de brasão ao Capitão Manuel da Silva Sousa Barbosa, senhor de Morgado e Quinta de Soengas.

Referências bibliográficas: Capela 2000, 71; Nóbrega 1974, 90-101; Vieira 2000, 304



Capela Nossa Senhora dos Prazeres

Capela de planta rectangular com sacristia adossada e alpendre, construída em alvenaria granítica. O telhado é de duas águas, sobre cornija, com empenas coroadas por cruzes e pináculos nos cunhais.

Foi construída, segundo a inscrição na porta principal, em 1732. O alpendre, em cantaria granítica, é composto por bancos perimetrais, cujo encosto serve de embasamento a uma colunata de oito colunas, também em granito, que suportam um entablamento de betão.

Sobre a porta principal, um pequeno nicho abriga uma imagem de Nossa Senhora, em granito. À direita da porta existe um púlpito baixo. Sobre o cunhal Nordeste da fachada colocou-se um sino. No interior não se identifica qualquer valor artístico.

Referências bibliográficas: Craesbeck 1992, 237; Vieira 2000, 306



Capela de S. Sebastião

Pequena capela dedicada a S. Sebastião. Construída em cantaria granítica, possui planta rectangular com alpendre fronteiro suportado por quatro colunas, também em granito, que abriga um pequeno púlpito à direita da porta. Na cobertura telhada observam-se as empenas coroadas por cruzes e pináculos.

No interior possui um modesto retábulo de talha dourada. Na padieira da porta está gravada a data de "> 1696 <".

Referências bibliográficas: Craesbeck 1992, 237; Vieira 2000, 302



Pinheiro



Localizada no centro do concelho, a freguesia de Pinheiro está limitada a Norte por Cantelães, a Sudeste por Ruivães, a Este e Sul por Vilar Chão e a Sudoeste e Oeste pela freguesia de Mosteiro.

A paróquia de Santa Maria de Pinheiro já aparece referenciada no Censual do Bispo D. Pedro, no século XI. Festeja o dia de Nossa Senhora da Orada no 3.º domingo de Junho e o dia do Senhor no último domingo de Agosto.

Com 544 residentes, em 2001, distribuídos pelos lugares de Parada Velha, Tabuadelo, Vilela, Lugar e Cortegaça, tem

uma população activa que se dedica à agricultura e ao pequeno comércio.

Em Santa Maria de Pinheiro registaram-se 97 valores patrimoniais, sendo 8 com interesse arqueológico e 89 com interesse arquitectónico.

Referências bibliográficas:

Capela 2003, 452; Costa 1868-1869, 138; Costa 2000, 121 e 308.

Inventário de património

Pinheiro

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

0068 - Espigueiro da Casa da Vitória	0562 - Espigueiro 1 de Ruival	0632 - Moinho 8 do Sr dos Afiltos
0430 - Capela Na Sra da Guia	0563 - Espigueiro 2 de Ruival	0633 - Moinho 9 do Sr dos Afiltos
0486 - Calvário de Pinheiro	0564 - Moinho 1 de Vilela	0635 - Espigueiro de Cestai
0508 - Igreja de Santa Maria de Pinheiro	0565 - Moinho 2 de Vilela	0636 - Espigueiro 1 de Covelo
0509 - Espigueiro 1 da Casa do Assento	0566 - Moinho da Quinta do Paço	0637 - Espigueiro 2 de Covelo
0510 - Espigueiro 2 da Casa do Assento	0567 - Espigueiro 1 de Cortegaça	0638 - Epigrafe da Casa do Soares
0512 - Epigrafe da Casa do Marques	0568 - Espigueiro 2 de Cortegaça	0639 - Espigueiro 3 de Covelo
0513 - Espigueiro da Casa do Marques	0569 - Epigrafe da Casa do Obrigadeiro	0640 - Espigueiro 4 de Covelo
0514 - Espigueiro 1 de Vilela	0570 - Espigueiro da Casa do Obrigadeiro	0953 - Mamoia do Alto da Serrinha
0515 - Epigrafe da casa da Eira Nova	0571 - Moinho da Casa do Obrigadeiro	1031 - Assentamento dos Penedos
0516 - Epigrafe da Casa de Mateus	0573 - Espigueiro da Casa de Além Rio de Cima	1563 - Espigueiro de Barbeito
0517 - Epigrafe da casa do Rocha	0575 - Espigueiro da Casa de Além Rio de Baixo	
0518 - Espigueiro da Casa do Rocha	0576 - Epigrafe da Casa da Asnela	
0523 - Espigueiro 3 de Vilela	0577 - Moinho da Casa da Asnela	
0525 - Alminhas de Vilela	0578 - Espigueiro 1 da Casa da Asnela	
0527 - Espigueiro 1 da Casa do Penedo	0579 - Espigueiro 2 da Casa da Asnela	
0528 - Espigueiro 2 da Casa do Penedo	0581 - Espigueiro da Casa do Mercador	
0529 - Espigueiro 1 de Parada Velha	0582 - Espigueiro 1 de Fundo de Vila	
0531 - Espigueiro da Casa da Corga	0583 - Espigueiro 2 de Fundo de Vila	
0532 - Alminhas de Pinheiro	0585 - Espigueiro da Casa do Barreira	
0533 - Espigueiro da Casa da Corga de Cima	0587 - Espigueiro da Casa do Paço	
0535 - Espigueiro da Casa do Carvalho	0589 - Espigueiro da Casa das Nogueiras	
0536 - Espigueiro 2 de Parada Velha	0590 - Moinho da Casa das Nogueiras	
0537 - Quinta do Paço	0592 - Santuário da Sra da Orada	
0538 - Espigueiro 1 da Quinta do Paço	0593 - Moinho 1 da Sra da Orada	
0539 - Espigueiro 2 da Quinta do Paço	0594 - Moinho 2 da Sra da Orada	
0541 - Espigueiro 1 de Tabuadelo	0595 - Moinho 3 da Sra da Orada	
0543 - Espigueiro 1 da Casa do Miranda	0597 - Moinho 1 do Sr dos Afiltos	
0544 - Espigueiro 2 da Casa do Miranda	0598 - Moinho 2 do Sr dos Afiltos	
0545 - Casa do Fernandes	0599 - Gravuras do Chão do Gandas	
0546 - Espigueiro 1 da Casa do Fernandes	0600 - Mamoia 1 do Chão do Gandas	
0547 - Espigueiro 2 da Casa do Fernandes	0601 - Mamoia 3 do Chão do Gandas	
0548 - Espigueiro 3 da Casa do Fernandes	0611 - Mamoia 2 do Chão do Gandas	
0549 - Espigueiro 4 da Casa do Fernandes	0612 - Penedo Pegadinha	
0550 - Casa da Fonte	0613 - Abrigo da Pedra Bela	
0551 - Capela de Na Sra do Rosário	0614 - Abrigo Rupestre de Cerdreira	
0552 - Espigueiro 1 da Casa da Fonte	0615 - Silha de Penedos	
0553 - Espigueiro 2 da Casa da Fonte	0616 - Espigueiro de Penedos	
0555 - Espigueiro 1 da Casa de Eido de Baixo	0621 - Cruzeiro de Pinheiro	
0556 - Espigueiro 2 da Casa de Eido de Baixo	0627 - Moinho 3 do Sr dos Afiltos	
0557 - Moinho da Casa da Fonte	0628 - Moinho 4 do Sr dos Afiltos	
0559 - Espigueiro da Casa de Cimo de Vila	0629 - Moinho 5 do Sr dos Afiltos	
0561 - Espigueiro da Casa do Barreiro	0630 - Moinho 6 do Sr dos Afiltos	
	0631 - Moinho 7 do Sr dos Afiltos	

Vale de Cerdreira

O abrigo de Vale de Cerdreira é constituído por três afloramentos e o que forma actualmente a "pala" ter-se-á deslocado do seu local de origem apoiando-se noutros dois afloramentos situados a meia encosta, formando o abrigo. O local foi alvo de intervenção arqueológica nos anos de 1998/1999, recolhendo-se espólio lítico em quartzo, sílex e obsidiana, confirmando-se a sua ocupação durante a Pré-história Recente (Vº - I.º milénio a.C.).

Referências bibliográficas: Batista 2001

URL: <http://www.ipa.min-cultura.pt>



Necrópole do Chão do Gandas

No Chão do Gandas, nas proximidades do estradão que atravessa a chã, estão identificadas 3 estruturas do tipo 'mamoa', correspondentes a monumentos tipo sepulcro sob *tumulus*, aqui associados a gravuras rupestres e a outros monumentos semelhantes, podendo datar-se o conjunto da pré-história recente (IIº - Iº milénio a.C.).

Das 3 calotes formadas por terra, cascalho e calhaus, destaca-se uma maior, que mede cerca de 20 metros de diâmetro e tem cerca de 2 metros de altura máxima. Apresenta uma cratera de violação pouco profunda e não se observa nenhum esteio à superfície.

Referências bibliográficas: Fontes 1998, VM

11





Penedo da Pegadinha

Na bordadura de uma mata de pinheiros, junto a um aceiro "corta-fogo", encontra-se um afloramento granítico de superfície aplanada, com uma dimensão aproximada de 11x7 metros.

Dispersos por toda a rocha observam-se reticulados e dezenas de fossetas entre os 12 e os 13 cm de diâmetro, de secção cónica, encontrando-se algumas interligadas por sulcos. Na zona central existem dois rebaixamentos configurando pegadas humanas.

O monumento descrito é conhecido pela população local pelo nome de "Penedo da Pegadinha", devido às gravuras com forma de planta de pé.

Embora para nós, hoje, este complexo de gravuras rupestres ao ar livre se apresente com uma funcionalidade e sentido dificilmente apreensíveis, não há dúvida que constitui uma expressão artística que monumentaliza a paisagem, sendo comparável a diversos outros monumentos já conhecidos no norte de Portugal.

Considerando a similitude com conjuntos semelhantes identificados um pouco por todas as serras do noroeste, bem como o contexto arqueológico próximo da necrópole megalítica do Chão do Gandas, assim como do Abrigo da Pedras Bela, este complexo de arte rupestre poderá datar entre os V^o e I^o milénio a.C..

Referências bibliográficas: Fontes 1998, VM

20

Igreja de Pinheiro

Igreja paroquial de Pinheiro, dedicada a Santa Maria. Construída em granito de aparelho pseudo-isódomo, com cunhais e vãos de portas e de janelas moldurados, apresenta nave e capela-mor retangulares, orientadas E-O, com coberturas independentes. As empenas são coroadas com pináculos nos cunhais e cruzes latinas nos topos, em granito. Em 1930 foi construída uma torre sineira contra a fachada principal, em alvenaria granítica, aberta com três arcos na base, formando uma espécie de galilé.

No interior destaca-se a capela-mor, com retábulo de talha dourada e tecto com painéis pintados.

A paróquia de Santa Maria de Pinheiro já é referida no Censual do Bispo D. Pedro, do século XI.

Referências bibliográficas: Costa 1868-1869, 138; Costa 2000, 121, 308; Craesbeek 1992, 184; Vieira 2000, 401.





Santuário da Senhora da Orada

Santuário dedicado a Nossa Senhora da Orada, com peregrinação no 3º Domingo de Junho.

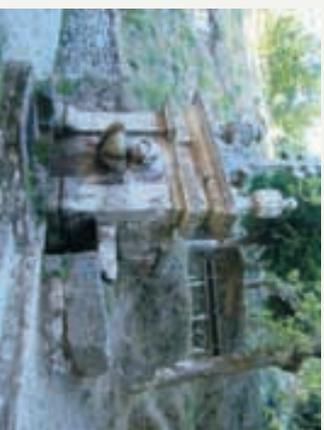
Abrigado num pequeno alvéolo da vertente da serra da Cabreira, no meio de um bosque, ergue-se um templo com nave e capela-mor retangulares e sacristia adossada. A capela-mor, em cantaria granítica, corresponde à capela original, mais pequena, posteriormente ampliada com a nave, em alvenaria granítica irregular.

Os dois volumes são marcados pelos cunhais de cantaria saliente, tal como as molduras dos vãos de portas e de janelas, devendo as paredes ser originalmente rebocadas. A cobertura, sobre cornijas, é de duas águas independentes, contida por empenas molduradas e coroadas por pináculos e cruzeiros. Na fachada, sobre o pingadoiro da porta abre-se um óculo quadrilobado.

No interior, destacam-se os retábulos de madeira policroma, de desenho modesto. Era tradição ofertar-se sal e telhas.

O recinto do santuário alarga-se à zona envolvente, incorporando um coreto, fontes e parque de merendas.

Junto deste parque localizam-se os moinhos da Sr.ª da Orada, com a característica planta rectangular e construção em alvenaria granítica de aparelho irregular, com cobertura, de uma



ou duas águas, em telha de canudo. No exterior de um dos moinhos conserva-se uma levada em alvenaria de granito, apresentando todos os moinhos cubos em perpiano granítico, com boca em forma de funil quadrangular.

Referências bibliográficas: Craesbeek 1992, 184; Gonçalves 2004

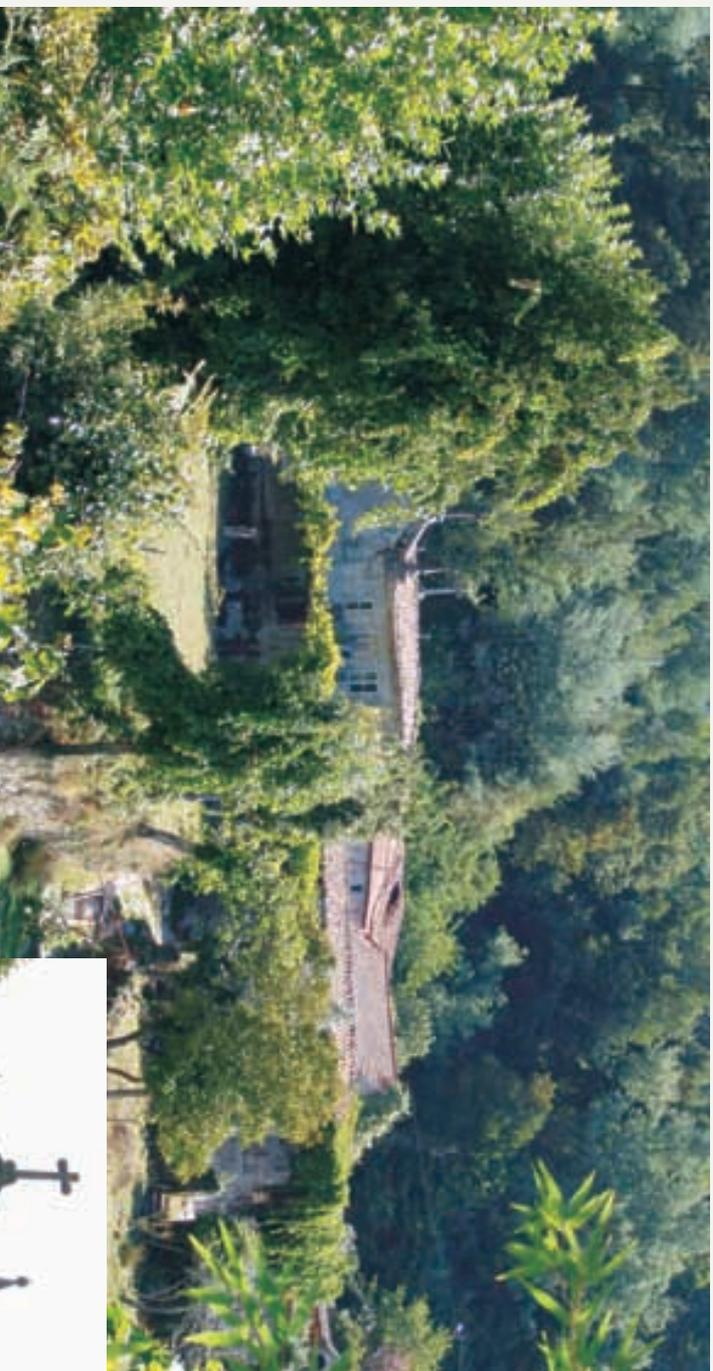


Capela de Nossa Senhora da Guia

Capela dedicada a Na Sr.ª da Guia. Construída em alvenaria granítica de aparelho regular, apresenta planta rectangular, com cobertura de duas águas em telha marselha, sobre cornija de granito e empenas coroadas por pináculos nos cunhais, cruz latina na coelha e um campanário de arco peraltado na fachada.

No interior, modesto, possui um retábulo de madeira pintada, de desenho simples. Segundo Craesbeek, em 1726 esta capela era dedicada ao Senhor do Bom Jesus.

Referências bibliográficas: Craesbeek 1992, 183



Casa da Fonte

Casa composta por vários blocos rectangulares distribuídos em torno de um pátio interior. A cobertura, telhada, é de várias águas. Na padieira da porta observa-se uma inscrição com data de "1867".

Anexa à Casa da Fonte localiza-se a capela dedicada a N.ª Sr.ª do Rosário, com nave e capela-mor rectangulares. É construída em alvenaria granítica de aparelho isódomo aparente, excepto na fachada, que é rebocada e pintada de branco, o que faz sobressair os cunhais, as guarnições dos vãos e a empena moldurada em frontão de lanços, de cantaria granítica.

A cobertura, de duas águas

independentes, é enquadrada pelas empenas que são coroadas por pináculos nos cunhais e cruzes latinas nos topos, também em granito.

A fachada principal é animada por um pequeno nicho e óculo quadilobado sobre a porta, que é ladeada por dois pequenos óculos circulares. O interior está vazio.

Referências bibliográficas: Vieira 2000, 404





Quinta do Paço

Grande casa de lavoura composta por vários volumes, desenhando uma planta geral em "U", com pátio interior. Lateralmente desenvolve-se um pátio-eira, para onde se abrem varandas com bacias de granito e grades de ferro forjado e ainda a escada alpendrada que dá acesso ao primeiro piso.

É construída em alvenaria granítica de aparelho misto e cobertura de várias águas,

telhadas. A casa da Quinta do Paço, foi construída em 1772, como se pode observar na padieira da casa onde existe uma inscrição "ANNO D MDLXXII" e foi, segundo o proprietário, reconstruída em 1906.

No jardim observam-se alguns elementos arquitectónicos, um dos quais com inscrição "MANDOU FACER IOANDE / SOUSA CARDOZO ABADÉ", proveniente, segundo o proprietário, de uma antiga fonte situada junto à antiga ponte, pouco distante da actual.

Referências bibliográficas: Vieira 2000, 406



Calvário de Pinheiro

Calvário de planta quadrangular e cobertura piramidal, construído em alvenaria granítica de aparelho regular. Nas cornijas existem gárgulas que coincidem com as arestas da planta. A cobertura, também em alvenaria granítica de aparelho regular é rematada com esfera, também em granito.

No interior abriga-se uma imagem de Cristo crucificado.



Rossas



Localizada no extremo Sudeste do concelho, a freguesia de Rossas é limitada a Norte pelas freguesias de Campos, Ruivães, Anjos e Vilar Chão, a Este e Sudeste pelo concelho de Cabeceiras de Basto, a Oeste e Sudoeste, pelas freguesias de Mosteiro e Guilhofrei.

A referência mais antiga a Rossas remonta ao ano de 950, em documento que regista a sua doação ao mosteiro de Guimarães pelo rei Ramiro II. Em 1059 já compreendia os lugares de Lamedo (*Lameto*), Barreiros, Celeiró (*Ceralloio*), Paço (*Palatolo*) e Ramil (*Ramiri*).

No Censal do Bispo D. Pedro, do século XI, aparece registada a paróquia de S. Salvador de Rossas, sendo que nessa época Santa Marinha e Santa Marta, lugares de Rossas, também eram paróquias.

D. Manuel I atribui-lhe carta de foral em 1514, acabando o concelho de Rossas por ser extinto em 1836 e incorporado no actual concelho de Vieira Minhô.

Em 2001 registava 2071 residentes, distribuídos pelos lugares de Vilarinho, Santa Marta, Pombal, São Pedro, Paredes, Celeiro, Outeiro, Touca, Ortezelo, Politeiro, Arrotea, Calvos, Casares, Ramil, Bairro,

Covelo de Baixo, Covelo de Cima, Lamedo, Barreiros e Agra, com uma população activa que se dedica à agricultura, ao pequeno comércio e ao artesanato.

Em relação ao património, registaram-se 252 sítios com interesse patrimonial, sendo 24 com interesse arqueológico e 228 com interesse arquitectónico.

Referências bibliográficas:

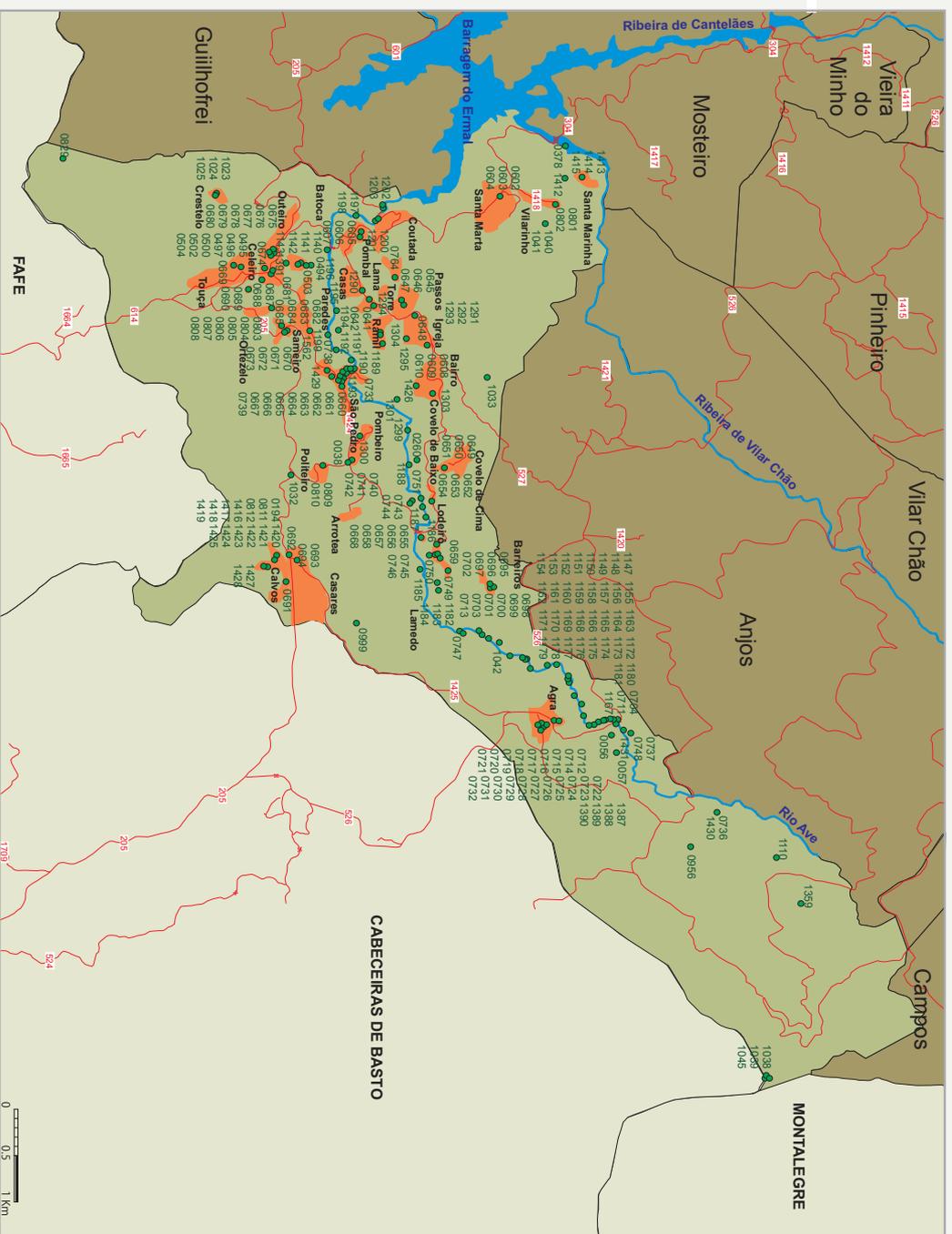
Capela 2003, 452-453; Costa 1868-1869, 136-137; Costa 1997, 157-158, 336, 341 e 386; Costa 2000, 122-123.

Inventário de património

Rossas

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

0038 - Alminhas de Politeiro	0666 - Casa Nova	0718 - Espigueiro da Casa do Cruzeiro
0056 - Cabana 1 de Parada	0667 - Capela da Casa Nova	0719 - Alminhas de Agra 1
0057 - Cabana 2 de Parada	0668 - Epiqráfe de Lamedo	0720 - Cruzeiro de Agra
0194 - Alminhas 2 de Calvos	0669 - Espigueiro do Largo das Carvalhas	0721 - Espigueiro 2 de Agra
0260 - Espigueiro de Covejo de Baixo	0670 - Casa do Sameiro	0722 - Espigueiro 3 de Agra
0378 - Pontão de Figueiró	0671 - Capela da Casa do Sameiro	0723 - Alminhas de Agra 2
0494 - Moinho 1 de Entre Outeiros	0672 - Espigueiro da Casa do Sameiro	0724 - Capela de S. Lourenço
0495 - Lagar de Entre Outeiros	0673 - Espigueiro do Sameiro	0725 - Casa do Cabo d' Aldeia
0496 - Lagar do Largo da Feira	0674 - Capela de S. Brás	0726 - Espigueiro 4 de Agra
0497 - Moinho 1 do Largo da Feira	0675 - Casa do Santo	0727 - Epiqráfe da casa dos Martinhos
0500 - Serra Hidráulica	0676 - Capela da Casa do Santo	0728 - Casa do Passadigo
0502 - Moinho 2 do Largo da Feira	0677 - Espigueiro 1 da Casa do Santo	0729 - Espigueiro da Casa do Passadigo
0503 - Moinho 2 de Entre Outeiros	0678 - Espigueiro 2 da Casa do Santo	0730 - Espigueiro 5 de Agra
0504 - Casa da Touça	0679 - Espigueiro 3 da Casa do Santo	0731 - Epiqrátes da Casa Nova
0602 - Capela de Santa Marta	0680 - Espigueiro 4 da Casa do Santo	0732 - Espigueiro da Casa Nova
0603 - Alminhas de Santa Marta	0681 - Casa de Matos	0733 - Ponte de S. Pedro
0604 - Espigueiro de Santa Marta	0682 - Casa do Bairral	0736 - Gravuras de Bragadas
0605 - Epiqráfe da Casa do Barros	0683 - Capela da Casa do Bairral	0737 - Gravuras de Parada
0606 - Espigueiro da Casa do Barros	0684 - Espigueiro 1 da Casa do Bairral	0738 - Lagar 1 de S. Pedro
0607 - Casa do Lemos	0685 - Espigueiro 2 da Casa do Bairral	0739 - Espigueiro 7 de S. Pedro
0608 - Igreja de S. Salvador de Rossas	0687 - Espigueiro 1 de Ceileiró	0740 - Casa de Pombeiro
0609 - Espigueiro 1 da Igreja	0688 - Espigueiro 2 de Ceileiró	0741 - Capela da Casa de Pombeiro
0610 - Espigueiro 2 da Igreja	0689 - Casa da Lama	0742 - Espigueiro da Casa de Pombeiro
0641 - Casa da Torre	0690 - Espigueiro 1 da Casa da Lama	0743 - Espigueiro 1 de Lomba
0642 - Capela da Casa da Torre	0691 - Capela de S. Frutuoso	0744 - Espigueiro 2 de Lomba
0645 - Casa de Passos	0692 - Alminhas 1 de Calvos	0745 - Casa da Ribeira
0646 - Espigueiro da Casa de Passos	0693 - Cruzeiro de Calvos	0746 - Espigueiro da Casa da Ribeira
0647 - Espigueiro de Passos	0694 - Espigueiro 1 de Calvos	0747 - Ponte da Candosa
0648 - Capela de Santo António	0695 - Casa do Capitão	0748 - Gravuras de Agra 1
0649 - Casa de Ceileiro	0696 - Capela da Casa do Capitão	0749 - Lagar de Lamedo
0650 - Capela de Na Sra ^a da Conceição	0697 - Espigueiro da Casa de Cabo d' Aldeia	0750 - Espigueiro da Casa do Pedro
0651 - Espigueiro da Casa de Ceileiro	0698 - Casa da Cancela	0751 - Pontão de Covejo
0652 - Casa de Lodeiró	0699 - Espigueiro 1 da Casa da Cancela	0764 - Alminhas da Coutada
0653 - Capela da Casa de Lodeiró	0700 - Espigueiro 2 da Casa da Cancela	0801 - Alminhas de Vilarrinho
0654 - Espigueiro da Casa de Lodeiró	0701 - Espigueiro de Barreiros	0802 - Espigueiro 1 de Vilarrinho
0655 - Casa do Telhado	0702 - Espigueiro 1 da Casa do Capitão	0803 - Espigueiro 1 de Ortezelo
0656 - Capela da Casa do Telhado	0703 - Alminhas de Barreiros	0804 - Espigueiro 2 de Ortezelo
0657 - Espigueiro da Casa do Telhado	0704 - Ponte de Agra	0805 - Espigueiro 3 de Ortezelo
0658 - Espigueiro 1 de Lamedo	0711 - Pontão dos Moinhos de Agra	0806 - Casa de Ortezelo
0659 - Casa do Pedro	0712 - Espigueiro 1 de Agra	0807 - Espigueiro da Casa de Ortezelo
0660 - Espigueiro da Casa de Maria Josefa	0713 - Casa da Escalreira	0808 - Espigueiro 4 de Ortezelo
0661 - Espigueiro 3 de S. Pedro	0714 - Aldeia de Agra	0809 - Espigueiro 1 de Politeiro
0662 - Espigueiro 4 de S. Pedro	0715 - Casa de Maria Josefa	0810 - Espigueiro 2 de Politeiro
0663 - Espigueiro 4 de S. Pedro	0716 - Epiqráfe 1 de Agra	0811 - Espigueiro 3 de Calvos
0664 - Espigueiro da Casa Nova	0717 - Casa do Cruzeiro	0812 - Espigueiro 2 de Calvos
0665 - Espigueiro 6 de S. Pedro		0829 - Mamoa do Alto do Pebrigue



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da
freguesia de Rossas

Inventário de património

Rossas

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

0956 - Branda de Pontilhão	1175 - Moinho 27 do Ave	1412 - Moinho de Santa Marinha
0999 - Monte do Castelo	1176 - Moinho 28 do Ave	1413 - Espigueiro 1 de Santa Marinha
1023 - Espigueiro 1 de Crestelo	1177 - Moinho 29 do Ave	1414 - Espigueiro 2 de Santa Marinha
1024 - Espigueiro 2 de Crestelo	1178 - Moinho 30 do Ave	1415 - Capela de Santa Marinha
1025 - Espigueiro 3 de Crestelo	1179 - Moinho 31 do Ave	1416 - Espigueiro 4 de Calvos
1032 - Marco do Politeiro	1180 - Moinho 32 do Ave	1417 - Espigueiro 5 de Calvos
1033 - Abrigo das Arcas	1181 - Moinho 33 do Ave	1418 - Espigueiro 6 de Calvos
1038 - Marco 1 da Portela de S. Bento	1182 - Moinho 34 do Ave	1419 - Espigueiro 7 de Calvos
1039 - Marco 2 da Portela de S. Bento	1183 - Moinho 35 do Ave	1420 - Espigueiro 8 de Calvos
1040 - Abrigo 1 dos Penedos da Pala	1184 - Moinho 36 do Ave	1421 - Espigueiro 9 de Calvos
1041 - Abrigo 2 dos Penedos da Pala	1185 - Moinho 37 do Ave	1422 - Espigueiro 10 de Calvos
1042 - Alminhas da Candosa	1186 - Moinho 38 do Ave	1423 - Espigueiro 11 de Calvos
1045 - Aldeia da Portela de S. Bento	1187 - Moinho 39 do Ave	1424 - Espigueiro 12 de Calvos
1110 - Cabana do Alto do Açougue	1188 - Moinho 40 do Ave	1425 - Espigueiro 13 de Calvos
1140 - Espigueiro 1 de Entre Outeiros	1189 - Moinho 41 do Ave	1426 - Espigueiro de Salgado
1141 - Espigueiro 2 de Entre Outeiros	1190 - Moinho 42 do Ave	1427 - Casa do Bispo
1142 - Espigueiro 1 de Batoca	1191 - Moinho 43 do Ave	1428 - Espigueiro da Casa do Bispo
1143 - Espigueiro 2 de Batoca	1192 - Moinho 44 do Ave	1429 - Nectrópole de S. Pedro
1147 - Moinho 1 do Ave	1193 - Moinho 45 do Ave	1430 - Gravuras de Agra 2
1148 - Moinho 2 do Ave	1194 - Lagar 2 de S. Pedro	1431 - Gravuras de Agra 3
1149 - Moinho 3 do Ave	1195 - Moinho 46 do Ave	1562 - Espigueiro de Paredes
1150 - Moinho 4 do Ave	1196 - Moinho 47 do Ave	
1151 - Moinho 5 do Ave	1197 - Moinho 48 do Ave	
1152 - Moinho 6 do Ave	1198 - Moinho 49 do Ave	
1153 - Moinho 7 do Ave	1199 - Pontão de S. Pedro	
1154 - Moinho 8 do Ave	1200 - Moinho 50 do Ave	
1155 - Moinho 9 do Ave	1201 - Moinho 51 do Ave	
1156 - Moinho 10 do Ave	1202 - Moinho 52 do Ave	
1157 - Moinho 11 do Ave	1203 - Moinho 53 do Ave	
1158 - Moinho 12 do Ave	1290 - Espigueiro da Torre	
1159 - Moinho 13 do Ave	1291 - Espigueiro 1 de Ramil	
1160 - Moinho 14 do Ave	1292 - Espigueiro 2 de Ramil	
1161 - Pisão do Ave	1293 - Espigueiro 3 de Ramil	
1162 - Moinho 15 do Ave	1294 - Espigueiro 4 de Ramil	
1163 - Moinho 16 do Ave	1295 - Espigueiro da Talhoa	
1164 - Moinho 17 do Ave	1299 - Pontão de Covelo de Baixo	
1165 - Moinho 18 do Ave	1300 - Pombelro	
1166 - Moinho 19 do Ave	1301 - Espigueiro de Roupeiro	
1167 - Pontão de Parada	1303 - Espigueiro da Casa do Salgado	
1168 - Moinho 20 do Ave	1304 - Capela de Ramil	
1169 - Moinho 21 do Ave	1359 - Branda da Costa do Fojo	
1170 - Moinho 22 do Ave	1387 - Espigueiro 6 de Agra	
1171 - Moinho 23 do Ave	1388 - Espigueiro 7 de Agra	
1172 - Moinho 24 do Ave	1389 - Espigueiro 8 de Agra	
1173 - Moinho 25 do Ave	1390 - Espigueiro 9 de Agra	
1174 - Moinho 26 do Ave	1391 - Pelourinho de Rossas	

Inventário de património

Rosas



Monte do Castelo

Povoado fortificado 'castrejo' implantado num esporão da vertente Sudeste da serra da Cabreira, na margem esquerda do troço inicial do rio Ave e sobranceiro à ribeira de Agua Talhada.

Elevando-se a 725 metros de altitude, o Monte do Castelo, como é localmente conhecido, possui duas linhas de muralha concêntricas que defendem diversas plataformas. No interior dos perímetros amuralhados, à superfície, recolhem-se facilmente fragmentos de cerâmica doméstica e de construção, de tipologias 'castrejas' e romanas.

Cerca de 1970, na sequência de "escavações realizadas por pesquisadores de tesouros", Carlos Alberto Ferreira de Almeida noticiou o achado de cerâmica indígena, um cossoliro de secção quase rectangular, cerâmica romana (tegulae, imbrex, sigillata hispânica), um bordo de uma taça de vidro (século V?), um mascarão barbado rematado em cruz (asa de sítula ?), um fragmento de um recipiente em bronze, uma conta de colar de pedra azulada e um pequeno machado em pedra. Foram ainda recolhidas duas moedas romanas, sendo uma em bronze, tardia e outra em prata (um quinário [sic] de Carisius, legado de Augusto) e por fim uma estatueta em bronze que representará uma divindade, talvez Júpiter.

Nos finais dos anos 70 foi ainda recolhida, no sopé do Monte do Castelo, perto de Lamedo, numa propriedade da Família Sameiro, uma estátua em granito, dada como proveniente do Monte do Castelo.

Referências Bibliográficas: Almeida 1970: 77 - 82; Costa 1997, 386; Cunha 1975, 509-512; Fernandes 2005, 133; Sarmento 1999, 462; Silva 1986, 80.

URL: <http://www.ipa.min-cultura.pt>;
<http://www.ippar.pt>





Pelourinho de Rossas

Sobre embasamento de dois degraus ergue-se o pelourinho de Rossas, composto por fuste cilíndrico superiormente terminado por escócia e ábaco liso, sobre o qual repousa um capital piramidal moldurado, tendo esculpido numa das faces as armas de Portugal antigo.

Referências bibliográficas: Capela 2000, 69; Chaves 1939, 96; Craesbeek 1992, 143; Fernandes 2005, 108; Nóbrega 1974, 58-61; Vieira 2000, 418, 423

URL: [http://www.ippar.pt](http://www.ipa.mln-cultura.pt;http://www.ippar.pt)
Classificado como IIP 23, 122, DG 231, de 11 de Outubro de 1933



Ponte de Agra

Ponte sobre o rio Ave, em cantaria granítica, com cerca de 23,50 metros de comprimento e 2,50 metros de largura média. Assente em sapatas graníticas encaixadas nas margens, o seu único arco é contido por paramentos de alvenaria irregular de granito. No intradorso do arco observam-se os encaixes para apoio do cimbre.

O tabuleiro, ligeiramente em cavalete, é pavimentado com lajes graníticas, tal como as guardas, onde se observam algumas gravuras, do tipo quadrados com cruzes, que a população costuma associar ao "jogo dos cantinhos".

Já referida nas 'Memórias Paroquiais' de 1758, a Ponte de Agra revela padrões constitutivos de tradição românica, admitindo-se que possa ter sido construída ainda nos finais da Idade Média.

Referências Bibliográficas: Capela 2003, 453; Fernandes 2005, 122





Ponte da Candosa

Ponte sobre o rio Ave, de um só arco em cantaria granítica, assente directamente nas margens rochosas e contido por paramentos em alvenaria irregular granítica.

O tabuleiro, com cerca de 19 metros de comprimento e 3 metros de largura, ligeiramente em cavelete, é pavimentado com lajes graníticas, onde se observam marcas de rodados e possui guardas também graníticas. Na parte interior do arco observam-se os encaixes utilizados para o cimbre.

Referências bibliográficas: Fernandes 2005, 154





Ponte de S. Pedro

Ponte sobre o rio Ave, de um só arco de cantaria granítica, assente em sapatas graníticas encaixadas nas margens rochosas. Com cerca de 24 metros de comprimento e mais de 3 metros de largura, a ligação às margens faz-se através de paramentos de alvenaria granítica irregular, suportando um tabuleiro ligeiramente em cavalete, pavimentado com cubos graníticos. As guardas são em granito reforçadas com outras em ferro. No interior do arco observam-se os entalhes para os cimbrês.

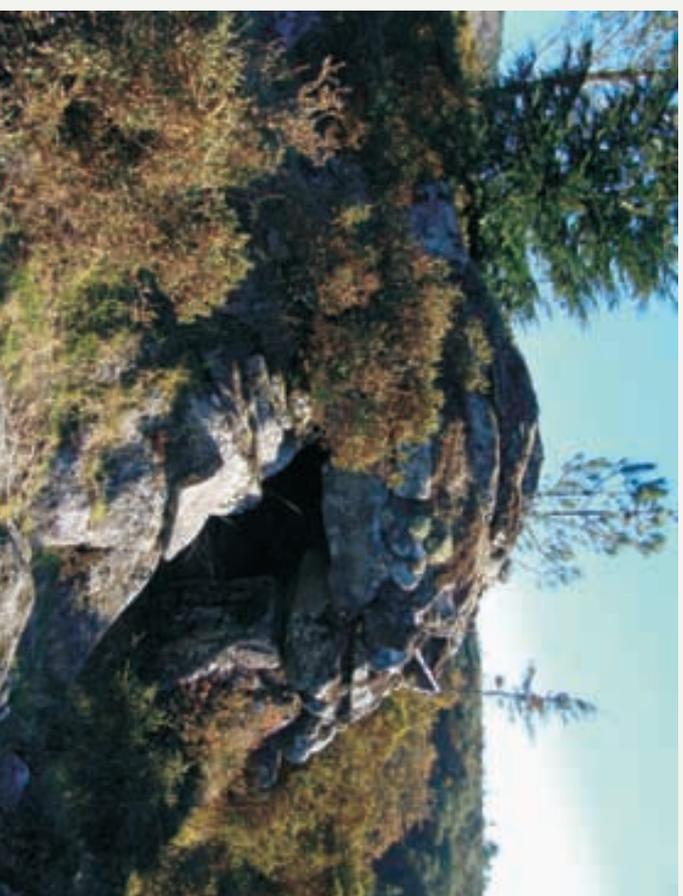
Nas memórias de 1758 refere-se a existência, aqui em S. Pedro, de uma ponte de pau, pelo que esta ponte tem uma cronologia posterior.

Referências bibliográficas: Fernandes 2005, 182

Brandas de Pontilhões

Branda pastoril composta por 'tapados' de planta sub-retangular, contíguos, formando uma espécie de favo, em muro de mamposteria. Estes 'tapados' correspondem a redis, no interior dos quais se recolhia o gado.

Em cada um dos 'tapados' existia uma cabana abrigo, para o pastor, conservando-se nesta branda apenas quatro. Apresentando planta circular e sub-circular, estes abrigos são construídos em mamposteria granítica e cobertura em falsa cúpula, recoberta com torrões de terra.



Igreja de S. Salvador de Rossas

Igreja paroquial de Rossas, dedicada a S. Salvador. É um edifício de grandes dimensões, orientado Este-Oeste e composto por nave e capela-mor retangulares, mais dois volumes adossados à capela-mor (sacristia no lado Norte e um anexo na cabeceira).

É uma construção sólida, em cantaria granítica de aparelho pseudo-isódomo, com paredes enquadradas por cunhais salientes e rematadas por entablamentos com cornija moldurada, sobre a qual assentam as coberturas telhadas de duas águas, independentes.

As empenas das fachadas e do arco cruzeiro são coroadas por pináculos nos cunhais e cruzes latinas sobre peanhas nas cumeadas. A fachada ocidental é revestida a azulejo de cor azul e amarelo, sendo animada por dois vãos de janela e uma porta com molduras de traço barroquizante e por um nicho que sobrepuja a porta, no qual se abriga uma magnífica estátua do Cristo Salvador.

No interior, amplo e com coro alto, destacam-se os tectos pintados da nave e da capela-mor, esta com a representação do Salvador e dos quatro Evangelistas, obra datada de 1861, como testemunha a cartela pintada no pilar do arco cruzeiro. Destacam-se ainda os retábulos. A Sul da Igreja encontra-se a torre sineira, construída também em cantaria granítica no ano 1896.

A actual igreja é uma reconstrução do século XVIII, como se documenta nas Memórias Paroquiais de 1758. Mas São Salvador de Rossas já aparece documentado no Censual do Bispo D. Pedro, do século XI, como mosteiro, que já estaria extinto no século XIII e a sua igreja reduzida a paroquial, como parece depreender-se das Inquirições Afonsinas.

Referências bibliográficas: Barros 1919, 83; Capela 2003, 453; Costa 1868-1869, 137; Costa 1997, 157, 303; Costa 2000, 123, 363; Craesbeeck 1992, 144; Fernandes 2005, 105



Inventário de património

Rossas



Capela de Santa Marinha

Capela dedicada a Santa Marinha. Tem nave e capela-mor retangulares, construídas em alvenaria granítica de aparelho regular. A cobertura, sobre cornija, é coroada com pináculos sobre os cunhais e cruz latina sobre peanha.

A fachada principal tem porta moldurada, com pingadouro rematado com volutas e enclimado por óculo circular. Na padieira gravou-se a data de 1757¹.

A actual capela poderá recordar a primitiva paróquia de Santa Marinha, registada no Censual do Bispo D. Pedro, do século XI.

Referências bibliográficas: Fernandes 2005, 173



Capela de Santo António

Capela dedicada a Santo António, de planta rectangular, em alvenaria granítica de aparelho regular. A cobertura, de duas águas, assenta em cornija de perfil em S e é coroada com pináculos nos cunhais das empenas.

Na fachada ocidental, um pequeno campanário de arco peraltado remata a empena e na fachada traseira um elemento arquitectónico decorado com a cabeça de carneiro, a que se sobrepõem uma cruz, tipo florentina, sobre peanha.

A porta axial é em arco de volta perfeita, testemunhando a permanência das soluções arquitectónicas medievais. Aquando da visita não foi possível observar o interior.

Referências bibliográficas: Craesbeek 1992, 145; Fernandes 2005, 163; Vieira 2000, 417



Capela de S. Lourenço / Igreja Paroquial de Agra

Antiga capela dedicada a S. Lourenço, hoje igreja da paróquia de Agra, instituída na segunda metade do século XX. De planta rectangular, é construída em alvenaria granítica de aparelho regular e com cobertura telhada de duas águas, coroada com pináculos e cruzes latinas, também em granito.

A fachada principal tem porta rectangular ladeada por mísulas/floretas e uma pequena janela quadrangular. A torre sineira, de construção recente, está adossada à capela. Em 1965, como testemunha a data gravada no fecho do arco triunfal, foi-lhe acrescentada a capela-mor e mais recentemente ampliada esta para Sul, formando uma espécie de transepto lateral.

No interior, modesto, sobressai o retábulo policromo onde se abriga a imagem de S. Lourenço. Esta capela está referenciada nas Memórias Paroquiais de 1758.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 453; Craesbeek 1992, 145; Fernandes 2005, 119.



Capela da Casa Nova

Capela com nave e capela-mor retangulares, construída em alvenaria granítica rebocada. A fachada principal apresenta frontão curvo encimado por vão quadrilobado. A cobertura, de duas águas, sobre cornija, tem empena tipo laços, rematada com cruz latina sobre peanha, ladeada por pináculos também em granito.

Na padieira da porta foi gravada a seguinte inscrição "AE FACTA EVITA FAN ? S= 47". Esta capela está referenciada nas Memórias Paroquiais de 1758.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 453; Craesbeek 1992, 145; Fernandes 2005, 182



Capela de Nossa Senhora da Conceição

Capela dedicada a N^{ra} S^{ra} da Conceição, de planta retangular, construída em alvenaria granítica de aparelho regular. A cobertura, de duas águas em telha de aba e canudo, é coroada com pináculos nos cunhais e cruz latina sobre o remate das empenas.

A porta é encimada por um frontão triangular, ladeado por dois pináculos e encimado por um óculo circular. Sobre a cobertura da sacristia, um volume adossado posteriormente no lado Norte, existe um campanário de arco peraltado, com a data de 1666, que abriga um pequeno sino.

Aquando da vista não foi possível observar o interior, no entanto, segundo registos bibliográficos, no altar-mor existe a

data de 1604. Esta capela aparece já referenciada nas Memórias Paroquiais de 1758.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 453; Craesbeek 1992, 145; Fernandes 2005, 146





Casa do Bairral

Solar rural composto por um corpo rectangular principal e outros corpos menores que se organizam em torno de um pátio interior, incluindo uma capela, abrindo esta para o exterior do conjunto. A edificação é em alvenaria granítica rebocada e pintada.

As fachadas são animadas por múltiplos vãos moldurados de portas, janelas e varandas, incorporando estes varandins de ferro forjado. A cobertura, sobre cornija, é telhada. O portal com remate tipo lanços, tem dois pináculos sobre os cunhais.

Segundo a proprietária, a casa foi restaurada e ampliada em 1910, ano em que terá sido destruída a pedra de armas que enclinava o portal. A edificação original remonta ao século XVII, atribuindo-se à

iniciativa do capitão-mor Bernardo José Leite da Cunha Vasconcelos.

A capela dedicada a S. José, anexa à Casa do Bairral, é uma construção em alvenaria granítica rebocada e pintada, com cunhais e empenas em cantaria granítica aparente. Tem planta rectangular e cobertura, sobre cornija, de duas águas, coroada com pináculos sobre os cunhais e cruzes latinas sobre peanha. A fachada, simples, tem dois pequenos sinos em ferro e sobre a porta um óculo circular.

O interior é muito modesto. Segundo a proprietária, a capela tinha um retábulo em talha dourada, que terá sido destruído em 1910.

Referências bibliográficas: Fernandes 2005, 113; Stoop 2000, 278



Casa de Lodeiró

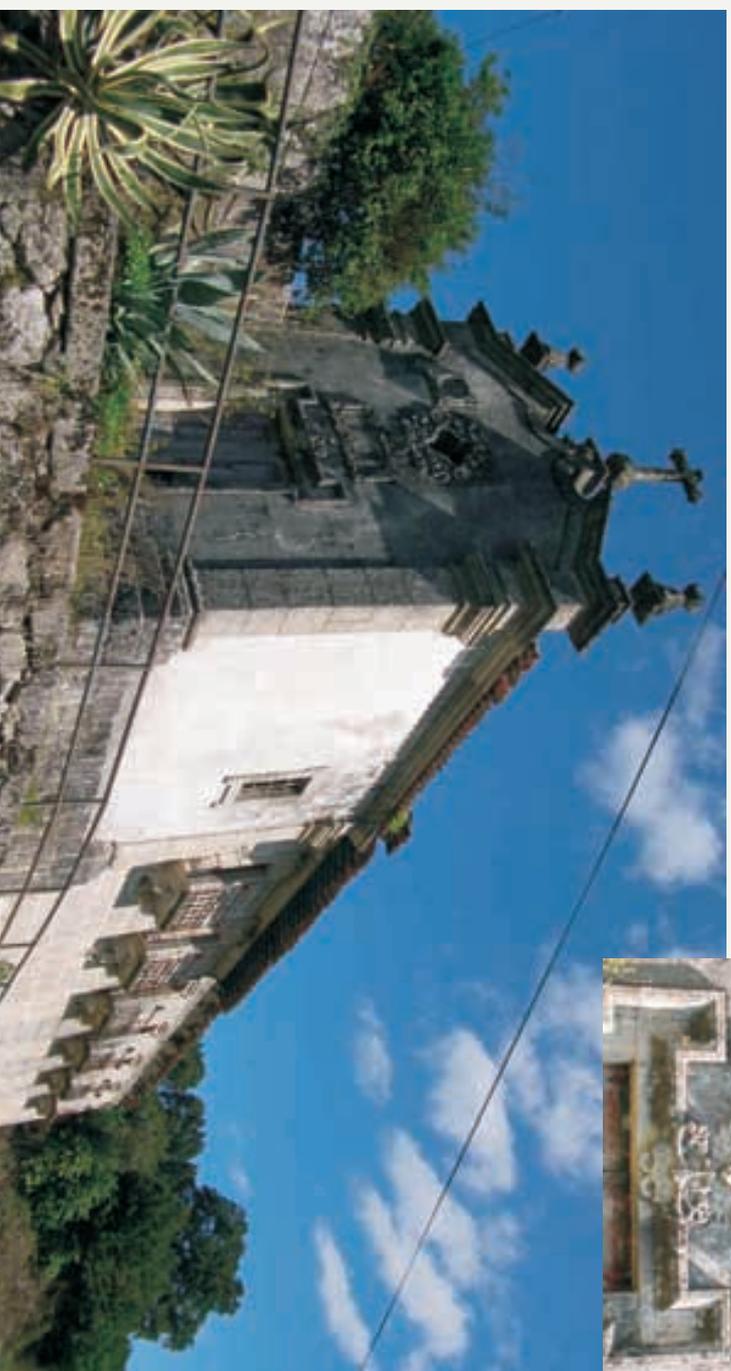
Solar rural de planta rectangular, com pátio interior e capela anexa no topo poente, construída em granito de aparelho pseudo-isódomo. A cobertura, em telha de canudo, assenta sobre cornija e entablamento moldurados, também em granito.

Na fachada virada à rua observam-se seis varandas sustentadas por bacias e mísulas graníticas, havendo uma sustentada por uma magnífica carranca de um homem emplumado. As janelas, rectangulares, são molduradas com decoração barroquizante.

Na padieira da porta, no interior da casa, está gravada a inscrição " ANNO MDCCCLXVIII". Em 1799 era seu proprietário

Pedro Vieira de Abreu, que nessa data casou com D. Antónia Violante Ferreira Pacheco de Melo e Silva. A capela anexa à Casa de Lodeiró é dedicada a Na. Sr.ª do Carmo. Construída em alvenaria granítica rebocada, tem nave e capela-mor rectangulares. A fachada apresenta porta moldurada que remata com querrubim, cartela moldurada e concha, enclimada com óculo quadrilobado, guarnecido com volutas, finalizando com empenas tipo lanços. A cobertura, de duas águas, é coroada com pináculos nos cunhais e cruz latina sob esfera, em granito. Aquando da visita não foi possível observar o interior.

Referências bibliográficas: Sloop 2000, 279; Fernandes 2005, 148; Vieira 2000, 420





Aldeia de Agra

A aldeia de Agra, classificada como 'Aldeia de Portugal', é um característico aglomerado rural minhoto, encaixado num abrigoado e fértil alvéolo da vertente Sudeste da Serra da Cabreira.

Possui inúmeras edificações com interesse arquitectónico, sobressaindo algumas casas de lavoura, várias das quais datadas do século XVIII, como se observa nas inscrições gravadas em algumas padieiras de portas.

São ainda motivo de interesse a capela de S. Lourenço, sede da paróquia de Agra, inúmeros espigueiros e moinhos e a ponte de Parada.

Por conservar muito do seu carácter original, a que não será alheia a manutenção da actividade agrícola, Agra tem também beneficiado de investimentos na recuperação de muitas casas de habitação, que constituem já uma boa oferta de alojamento turístico.

Referências bibliográficas: Campos 1997, 8



Espigueiro da Casa Nova

É o maior e por isso mais notável espigueiro existente no concelho de Vieira do Minho. Com cerca de 25 metros de comprimento, tem trinta pés com mós em forma de mesa, excepto um par de pés com duas mós individuais, tudo em granito.

As padieiras, colunas e câpeas são também em granito. Parte dos balaustrés são em madeira e outra foi substituída por pequenos tijolos. A cobertura é em telha marselha.

Moinho do Ave

Moinho situado na margem esquerda do rio Ave, sobre um afloramento granítico. É de planta rectangular e construído em periplanho bem esquadrado, com faces exteriores lisas e interiores irregulares, afeiçãoadas a picão. A cobertura, de duas águas, é de lajes graníticas também afeiçãoadas, dispostas longitudinalmente.

No interior existe ainda a mó dormente ou pouso, em granito. No exterior observa-se a caleira estruturada em granito.



Ruivães



Localizada na parte Nordeste do concelho, a freguesia de Ruivães encontra-se limitada a Norte pelo rio Cávado, a Este pela freguesia de Campos, a Sul pelas freguesias de Anjos e Vilar Chão e a Oeste pelas freguesias de Pinheiro, Cantelães e Salamonde.

A freguesia de Ruivães tem origem na medieval freguesia de S. Martinho de Vilar de Vacas, referenciada nas Inquirições de 1258. Foi concelho até ao ano de 1853, altura que passou a integrar, como freguesia, o actual concelho de Vieira do Minho.

As festas dedicadas a S. Sebastião e Santa Bárbara realizam-se no 3.º domingo de Agosto, a da Senhora dos Remédios no dia 8 de Setembro, o dia de S. Pedro festeja-se no dia 29 de Junho, o de Santa Isabel no 1.º domingo de Julho, o dia de Nossa Senhora da Saúde no 2.º domingo de Julho e o de Nossa Senhora do Amparo e Santa Bárbara realiza-se no último domingo de Julho.

Em 2001, a freguesia de Ruivães registou 931 residentes, distribuídos pelos lugares de Vale, Pousadouro, Barroca, Espindo, Vila, Quintã, Zebrai, Botica, Santa Leocádia, Soutelos e Frades, dedicando-se a

maior parte da população activa à agricultura e ao pequeno comércio.

Quanto ao património, em Ruivães registaram-se 275 sítios com interesse patrimonial, 47 com interesse arqueológico e 228 com interesse arquitectónico.

Referências bibliográficas:

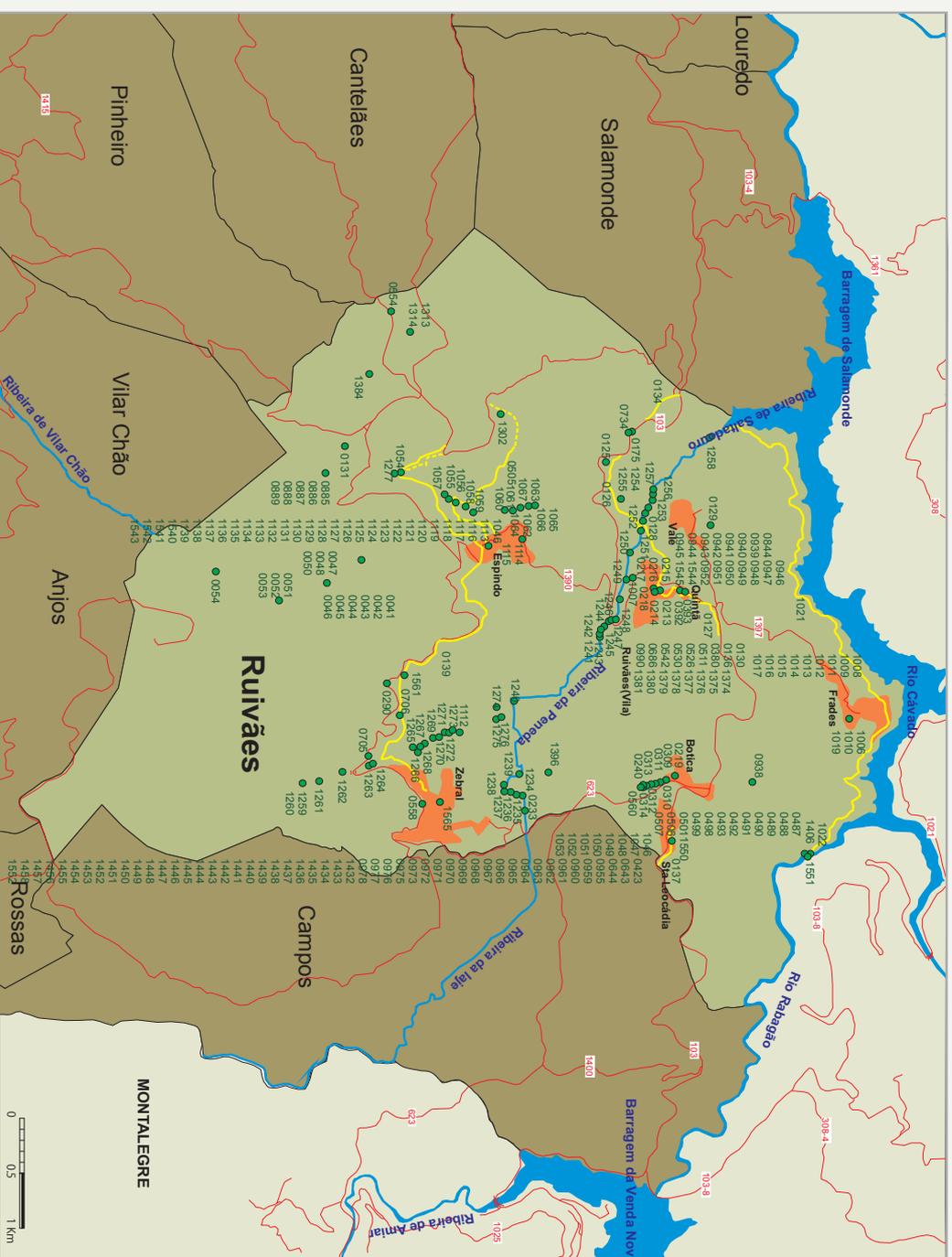
Capela 2003, 454 - 455; Costa 1868-1869, 454; Costa 2000, 119 e 312.

Inventário de património Ruivães

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

0041 - Cabana 1 do Toco	0487 - Cruzeiro de Botica	0955 - Epigrafe 1 de Zebtral
0042 - Cabana 2 do Toco	0488 - Espigueiro 1 de Botica	0959 - Espigueiro 1 de Zebtral
0043 - Cabana 3 do Toco	0489 - Espigueiro 2 de Botica	0960 - Espigueiro 2 de Zebtral
0044 - Cabana 5 do Toco	0490 - Espigueiro 3 de Botica	0961 - Espigueiro 3 de Zebtral
0045 - Cabana 4 do Toco	0491 - Espigueiro 4 de Botica	0962 - Espigueiro 4 de Zebtral
0046 - Cabana 6 do Toco	0492 - Espigueiro 5 de Botica	0963 - Espigueiro 5 de Zebtral
0047 - Cabana 7 do Toco	0493 - Espigueiro 6 de Botica	0964 - Casa dos Pardieiros
0048 - Cabana 8 do Toco	0498 - Espigueiro 7 de Botica	0965 - Espigueiro 1 da Casa dos Pardieiros
0050 - Cabana 9 do Toco	0499 - Espigueiro 8 de Botica	0966 - Espigueiro 2 da Casa dos Pardieiros
0051 - Cabana Fragas do Tremonha	0501 - Espigueiro 9 de Botica	0967 - Espigueiro 3 da Casa dos Pardieiros
0052 - Cabana 1 de Chã de Louzas	0505 - Caminho de Espindo a Cantelães	0968 - Capela de S. Pedro
0053 - Cabana 2 de Chã de Louzas	0506 - Epigrafe 1 de Botica	0969 - Espigueiro 6 de Zebtral
0054 - Cabana da Chã do Prado	0507 - Epigrafe 2 de Botica	0970 - Espigueiro 7 de Zebtral
0125 - Pontão da Ribeira de Corça de Mendo	0511 - Espigueiro 10 de Ruivães	0971 - Espigueiro 8 de Zebtral
0126 - Pontão 1 da Ribeira de Chedas	0526 - Espigueiro 11 de Ruivães	0972 - Espigueiro 9 de Zebtral
0127 - Caminho de Ruivães	0530 - Espigueiro 12 de Ruivães	0973 - Alminhas de Zebtral
0128 - Ponte da Rês	0542 - Espigueiro 13 de Ruivães	0975 - Espigueiro 10 de Zebtral
0129 - Outeiro do Vale	0554 - Cabana 3 de Serradela	0976 - Espigueiro 11 de Zebtral
0130 - Alto de S. Cristóvão	0558 - Moinho de Zebtral	0977 - Espigueiro 12 de Zebtral
0131 - Aldeia Velha da Portela	0560 - Epigrafe 4 de Botica	0978 - Espigueiro 13 de Zebtral
0134 - Caminho do Outeiro dos Púcaros	0643 - Espigueiro 15 de Zebtral	0990 - Epigrafe da casa de Manuel Ferreira
0136 - Alto de S. Cristovam	0644 - Espigueiro 16 de Zebtral	1006 - Capela de Na Sr ^a do Amparo
0137 - Caminho de Santa Leocádia	0686 - Epigratas da Casa do Cristovão	1007 - Capela de Santa Teresa e São Cristovão
0139 - Caminho de Zebtral	0705 - Pontão 1 de Zebtral	1008 - Espigueiro 1 de Frades
0175 - Pontão da Mua	0706 - Pontão 2 de Zebtral	1009 - Espigueiro 2 de Frades
0213 - Igreja de S. Martinho de Ruivães	0734 - Gravuras da Mua	1010 - Alminhas 2 de Frades
0214 - Espigueiro 1 de Ruivães	0844 - Epigrafe de Vale	1011 - Espigueiro 3 de Frades
0215 - Casa do Capitão - mor ou Casa de Dentro	0885 - Cabana 1 das Fragas do Toco	1012 - Espigueiro 4 de Frades
0216 - Casa padre Júlio Cândido César	0886 - Cabana 2 das Fragas do Toco	1013 - Moinho 1 de Frades
0217 - Capela Na Sr ^a da Conceição	0887 - Cabana 3 das Fragas do Toco	1014 - Moinho 2 de Frades
0218 - Pelourinho de Ruivães	0888 - Cabana 4 das Fragas do Toco	1015 - Espigueiro 5 de Frades
0219 - Capela Na Sr ^a dos Remédios	0889 - Cabana 5 das Fragas do Toco	1016 - Espigueiro 6 de Frades
0233 - Ponte dos Pardieiros	0938 - Mamma das Mariotas	1017 - Alminhas de Frades
0240 - Epigrafe 3 da Botica	0939 - Espigueiro 1 de Vale	1019 - Aldeia de Espindo
0290 - Laje dos Cantinhos	0940 - Espigueiro 2 de Vale	1021 - Caminho do Saltadouro
0309 - Moinho 1 de Botica	0941 - Espigueiro 3 de Vale	1022 - Ponte da Misarela
0310 - Moinho 2 de Botica	0942 - Espigueiro 4 de Vale	1046 - Letreiro da casa de Francisco Alves Escorrega
0311 - Moinho 3 de Botica	0943 - Espigueiro 5 de Vale	1047 - Espigueiro 1 da Casa do Brasileiro
0312 - Moinho 4 de Botica	0944 - Espigueiro 6 de Vale	1048 - Espigueiro 2 da Casa do Brasileiro
0313 - Moinho 5 de Botica	0945 - Espigueiro 7 de Vale	1049 - Epigrafe da Casa do Batoca
0314 - Moinho 6 de Botica	0946 - Espigueiro 8 de Vale	1050 - Espigueiro da Casa do Batoca
0380 - Moinho de Ruivães	0947 - Espigueiro 9 de Vale	1051 - Espigueiro 1 de Santa Leocádia
0392 - Espigueiro 8 de Ruivães	0948 - Casa do Corvo	1052 - Espigueiro 2 de Santa Leocádia
0393 - Espigueiro 9 de Ruivães	0949 - Capela de Na Sr ^a da Saúde	1053 - Espigueiro 3 de Santa Leocádia
0423 - Espigueiro 14 de Zebtral	0950 - Espigueiro 10 de Vale	1054 - Moinho 1 da Ribeira de Chedas
	0951 - Espigueiro 11 de Vale	
	0952 - Espigueiro 12 de Vale	

Inventário de património Ruivães



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da
Freguesia de Ruivães

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

1055 - Moinho 2 da Ribeira de Chedas	1240 - Moinho 36 do Rio da Peneda	1380 - Espigueiro 7 de Ruivães
1056 - Moinho 3 da Ribeira de Chedas	1241 - Moinho 37 do Rio da Peneda	1381 - Epígrafe do Fontanário de Ruivães
1057 - Moinho 4 da Ribeira de Chedas	1242 - Moinho 38 do Rio da Peneda	1384 - Fojo da Alagoa
1058 - Moinho 5 da Ribeira de Chedas	1243 - Moinho 39 do Rio da Peneda	1396 - Cabana da Peneda
1059 - Moinho 6 da Ribeira de Chedas	1244 - Moinho 40 do Rio da Peneda	1406 - Abrigo da Misarela
1060 - Ponte do Meio	1245 - Moinho 41 do Rio da Peneda	1432 - Espigueiro 17 de Zebrai
1061 - Moinho 7 da Ribeira de Chedas	1246 - Lagar do Rio da Peneda	1433 - Espigueiro 18 de Zebrai
1062 - Moinho 8 da Ribeira de Chedas	1247 - Moinho 42 do Rio do Saltadouro	1434 - Espigueiro 19 de Zebrai
1063 - Moinho 9 da Ribeira de Chedas	1248 - Moinho 43 do Rio do Saltadouro	1435 - Espigueiro 20 de Zebrai
1064 - Moinho 10 da Ribeira de Chedas	1249 - Moinho 44 do Rio do Saltadouro	1436 - Espigueiro 21 de Zebrai
1065 - Moinho 11 da Ribeira de Chedas	1250 - Moinho 45 do Rio do Saltadouro	1437 - Espigueiro 22 de Zebrai
1066 - Moinho 12 da Ribeira de Chedas	1251 - Moinho 46 do Rio do Saltadouro	1438 - Espigueiro 23 de Zebrai
1067 - Pontão 2 da Ribeira de Chedas	1252 - Moinho 47 do Rio do Saltadouro	1439 - Espigueiro 24 de Zebrai
1112 - Silha de Zebrai	1253 - Moinho 48 do Rio do Saltadouro	1440 - Espigueiro 25 de Zebrai
1113 - Espigueiro 1 de Espindo	1254 - Moinho 49 do Rio do Saltadouro	1441 - Espigueiro 26 de Zebrai
1114 - Capela de Santa Isabel	1255 - Moinho 50 do Rio do Saltadouro	1442 - Espigueiro 27 de Zebrai
1115 - Cruzeiro de Espindo	1256 - Moinho 51 do Rio do Saltadouro	1443 - Espigueiro 28 de Zebrai
1116 - Casa do Barroca	1257 - Moinho 52 do Rio do Saltadouro	1444 - Espigueiro 29 de Zebrai
1117 - Epígrafes da Casa de Bateira	1258 - Moinho 53 do Rio do Saltadouro	1445 - Espigueiro 30 de Zebrai
1118 - Espigueiro 3 de Espindo	1259 - Moinho 1 da Ribeira do Caldeirão	1446 - Espigueiro 31 de Zebrai
1119 - Espigueiro 2 de Espindo	1260 - Moinho 2 da Ribeira do Caldeirão	1447 - Espigueiro 32 de Zebrai
1120 - Espigueiro 5 de Espindo	1261 - Moinho 3 da Ribeira do Caldeirão	1448 - Espigueiro 33 de Zebrai
1121 - Espigueiro da Casa Bateira	1262 - Moinho 4 da Ribeira do Caldeirão	1449 - Espigueiro 34 de Zebrai
1122 - Espigueiro 6 de Espindo	1263 - Moinho 5 da Ribeira do Caldeirão	1450 - Espigueiro 35 de Zebrai
1123 - Espigueiro 7 de Espindo	1264 - Moinho 6 da Ribeira do Caldeirão	1451 - Espigueiro 36 de Zebrai
1124 - Alminhas 1 de Espindo	1265 - Moinho 7 da Ribeira do Caldeirão	1452 - Espigueiro 37 de Zebrai
1125 - Espigueiro 8 de Espindo	1266 - Moinho 8 da Ribeira do Caldeirão	1453 - Espigueiro 38 de Zebrai
1126 - Espigueiro 9 de Espindo	1267 - Moinho 10 da Ribeira do Caldeirão	1454 - Espigueiro 39 de Zebrai
1127 - Espigueiro 10 de Espindo	1268 - Moinho 9 da Ribeira do Caldeirão	1455 - Espigueiro 40 de Zebrai
1128 - Espigueiro 11 de Espindo	1269 - Moinho 11 da Ribeira do Caldeirão	1456 - Espigueiro 41 de Zebrai
1129 - Espigueiro 12 de Espindo	1270 - Moinho 12 da Ribeira do Caldeirão	1457 - Espigueiro 42 de Zebrai
1130 - Espigueiro 13 de Espindo	1271 - Moinho 13 da Ribeira do Caldeirão	1458 - Espigueiro 43 de Zebrai
1131 - Espigueiro 14 de Espindo	1272 - Moinho 14 da Ribeira do Caldeirão	1540 - Epígrafe da casa do Romano
1132 - Espigueiro 15 de Espindo	1273 - Moinho 15 da Ribeira do Caldeirão	1541 - Epígrafe da casa da Pureza
1133 - Espigueiro 16 de Espindo	1274 - Moinho 16 da Ribeira do Caldeirão	1542 - Epígrafe da casa de José Pires Pinto
1134 - Espigueiro 17 de Espindo	1275 - Moinho 17 da Ribeira do Caldeirão	1543 - Epígrafe da casa do Soares
1135 - Alminhas 2 de Espindo	1276 - Moinho 18 da Ribeira do Caldeirão	1544 - Epígrafe da casa de Domingos Oliveira
1136 - Espigueiro 18 de Espindo	1277 - Pontão do Polidro	1545 - Epígrafe da casa de João Barbado Fernandes
1137 - Espigueiro 19 de Espindo	1302 - Cabana da Chã dos Pinheiros	1546 - Epígrafe da fonte de Espindo
1138 - Espigueiro 20 de Espindo	1313 - Cabana 1 da Serradela	1550 - Espigueiro 4 de Santa Leocádia
1139 - Espigueiro 4 de Espindo	1314 - Cabana 2 da Serradela	1551 - Moinho do Rabagão
1234 - Moinho 30 do Rio da Peneda	1374 - Espigueiro 1 de Ruivães	1552 - Epígrafe 2 de Zebrai
1235 - Moinho 31 do Rio da Peneda	1375 - Espigueiro 2 de Ruivães	1561 - Cabana da Gandara
1236 - Moinho 32 do Rio da Peneda	1376 - Espigueiro 3 de Ruivães	1565 - Milário de Zebrai
1237 - Moinho 33 do Rio da Peneda	1377 - Espigueiro 4 de Ruivães	
1238 - Moinho 34 do Rio da Peneda	1378 - Espigueiro 5 de Ruivães	
1239 - Moinho 35 do Rio da Peneda	1379 - Espigueiro 6 de Ruivães	

Inventário de património

Ruiivães

Via Romana

Troço de caminho que integrava a antiga ligação viária Braga-Chaves, já de origem romana, cujo traçado no território de Vieira do Minho é bem conhecido, correndo pela margem esquerda dos rios Rabagão e Cávado e que desde 2005 foi integrado no projecto "Vias Augustas".

O troço conservado tem início no lugar de Rebordondo (freguesia de Salamonde) e vai até Ruiivães. É parcialmente lajeado e ao longo do seu traçado identificam-se uma poça, o Pontão da Ribeira de Corgo de Mendo, o Pontão da Ribeira de Chedas e a Ponte da Rês, Velha ou de Ruiivães, como é conhecida. E de referir que este caminho foi cortado pela Quinta da Cruz, em Ruiivães.

Referências bibliográficas: Baptista 1990; Capela 1987; Peixoto 1967; Pinheiro 1865

Miliário de Zebral

No interior da capela de S. Pedro, fixado no chão com cimento, conserva-se um fragmento de miliário romano, reutilizado outrora como pia baptismal.

É um fragmento de fuste cilíndrico, com cerca de 50 cm de altura e 40 de diâmetro, percebendo-se na face uma inscrição "CAESAR./NCVS./IV".

Este fragmento de miliário deve corresponder ao que Jerónimo Contador de Argote inventariou em 1732, designando erradamente o orago da capela como S. Martinho.

Referências bibliográficas: Argote 1732, 575



Inventário de património

Ruivães

Alto de S. Cristóvão

Povoado implantado a cerca de 650 metros de altitude, na bordadura Nordeste do planalto do Barroso, na margem esquerda dos rios Rabação e Cávado e sobranceiro à sua confluência.

No Outeiro de S. Cristóvão, que limita a Norte o alvéolo que se estende até ao Outeiro do Curral, conservam-se vestígios de quatro sepulturas escavadas na rocha granítica, duas completas, de forma antropomórfica bem desenhada e duas incompletas, de que restam o topo das cabeceiras. Destinadas a enterrar adultos, têm os pés orientados para nascente e a cabeça para poente.

Nos terrenos contíguos ao afloramento rochoso onde foram escavadas as sepulturas observam-se inúmeros alinhamentos de paredes arruinadas, desenhando edificações de planta rectangular e quadrada. A edificação que ostenta paredes mais espessas que as restantes é considerada pela população local como ruína de uma antiga igreja. Nas proximidades, abandonada contra um muro de divisão de propriedade, encontra-se a taça fragmentada de uma provável pia baptismal.

Por aqui passa o caminho lajeado que ainda há poucos anos ligava o lugar de Ruivães, para Sudoeste, a Botica, para Este.

Trata-se de ruínas de um povoado medieval, o qual se julga corresponder à sede de S. Martinho de Vilar de Vacas, freguesia referenciada nas Inquirições de 1258 e da qual terá evoluído a actual aldeia de S. Martinho de Ruivães. Da aldeia de S. Martinho de Vilar de Vacas pode dizer-se que era sede de um território bastante povoado no século XIII incluía as aldeias da actual freguesia de Campos, factor que terá contribuído para que mais tarde, já como Ruivães, tenha atingido o estatuto de concelho.

Referências bibliográficas: Argote 1734, 575; Barroca 1987, 152-153; Fontes 1998, VM 08; Peixoto 1967, 370; Teixeira 1940; Vieira 2000, 337, 342, 434

URL: <http://www.ipa.mih-cultura.pt>





Ponte de Rês

A Ponte da Rês, Ponte Velha ou Ponte de Ruivães, como é conhecida, situa-se sobre a Ribeira do Saltadouro, fazendo a ligação entre Salamonde e Ruivães. Integrava o traçado da antiga via que ligava Braga-Chaves.

É uma ponte com um só arco de volta perfeita, solidamente alicerçado nas margens através de arranques de paramentos divergentes, em boa cantaria granítica de aparelho pseudo-isódomo. Tem tabuleiro horizontal com guardas graníticas e pavimento lajeado, no qual se observam as marcas dos rodados dos carros.

Admitindo-se que possa ter conhecido algumas reparações, como sugere o tabuleiro horizontal, esta ponte revela características construtivas plenamente medievais, evidenciadas pelas siglas que ostenta no intradorso do arco, as quais sugerem uma cronologia em torno dos séculos XIII-XIV.

Referências bibliográficas: Fontes 1993, 56
URL: <http://www.monumentos.pt>



Ponte da Misarela

A Ponte da Misarela, célebre por ter sido palco de combates ao tempo das Invasões Francesas e também por aí se celebrarem os lendários baptismos das "Senhorinhas" e dos "Gervásios", é uma notável obra de engenharia.

Elevando-se a mais de 15 metros sobre o leito do rio Rabagão, possui um só arco que vence um vão com mais de 10 metros de largura, alicerçando-se solidamente nas escarpas graníticas das margens com as guardas também em granito, sendo as que se situam a montante, mais próximas da margem esquerda, de construção recente.

O aro do arco apresenta um cuidado aparelho de cantaria, possuindo dois paramentos de encaixes para o cimbre. Os paramentos são em alvenaria granítica irregular, compensando-se a menor qualidade construtiva com o seu maior

espessamento na ligação às margens. O tabuleiro eleva-se em cavalete assentando directamente no extradorso do arco, sendo pavimentado com lajes graníticas. As guardas são também em granito.

Referências bibliográficas: Guia de Portugal 1986, 871, 875, 879; Fontes 1993, 57
URL: <http://www.monumentos.pt>;
<http://www.ippar.pt>
Imóvel de Interesse Público. Decreto 42007 de 6 de Dezembro de 1958.





Pelourinho de Ruivães

O pelourinho de Ruivães levanta-se sobre embasamento quadrangular com três degraus. É composto por base cúbica, fuste cilíndrico e capitel onde assenta um cubo coroadado por cone truncado, tudo em granito.

Numa das faces estão gravadas as armas de Portugal Antigo. Nos quatro vértices do capitel cravaram-se quatro ganchos de ferro, com argolas.

Referências bibliográficas: Capela 2000, 69;

Chaves 1939, 97; Nóbrega 1974, 62-65

URL: <http://www.monumentos.pt;>

<http://www.ipparr.pt>

Classificado como IIP Imóvel de Interesse Público pelo Dec. N.º 23 122, DG 231, de 11 de Outubro de 1933

Igreja de Ruivães

Igreja paroquial de Ruivães, dedicada a S. Martinho. Tem nave e capela-mor retangulares, com sacristia adossada, na base da qual se incorporaram tampas sepulcrais epigráficas de época moderna. É construída em alvenaria granítica de aparelho regular, apresentando cobertura de duas águas sobre cornija, com pináculos e cruzeiras latinas de granito a coroar as empenas. A torre sineira encontra-se adossada à fachada.

No interior destaca-se o retábulo policromo, os altares laterais e os tectos pintados, na nave com a figuração da cena em que S. Martinho corta a sua capa para a dar ao pobre. Esta igreja, datável do século XVIII, veio substituir a primitiva igreja de S. Martinho de Vilar de Vacas, assim designada no século XI no Censual do Bispo D. Pedro e que corresponde hoje às ruínas de S. Cristóvão.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 454; Costa 1868-1869, 454; Costa 2000, 119, 312; Vieira 2000, 337



Laje dos Cantinhos

Num afloramento granítico sobranceiro à ribeira dos Gavões, identificam-se três lajes de superfície horizontal, parcialmente recobertas por uma camada humosa, onde se encontram gravados inúmeros motivos geométricos e esquemáticos. Predominam os quadrados, reticulados ou simples, com ou sem fossetes, os cruciformes e motivos compostos de círculos encimados por cruciformes e interior preenchido com uma espécie de estrela de cinco pontas.

Os motivos foram gravados na rocha através de técnicas mistas de martelagem, picotagem e abrasão, apresentando acabamentos pouco cuidados e traços irregulares.

O complexo de gravuras rupestres ao ar livre do Zebral apresenta-se com uma funcionalidade e sentido difícilmente

apreensíveis, não havendo dúvida que constitui uma expressão artística que

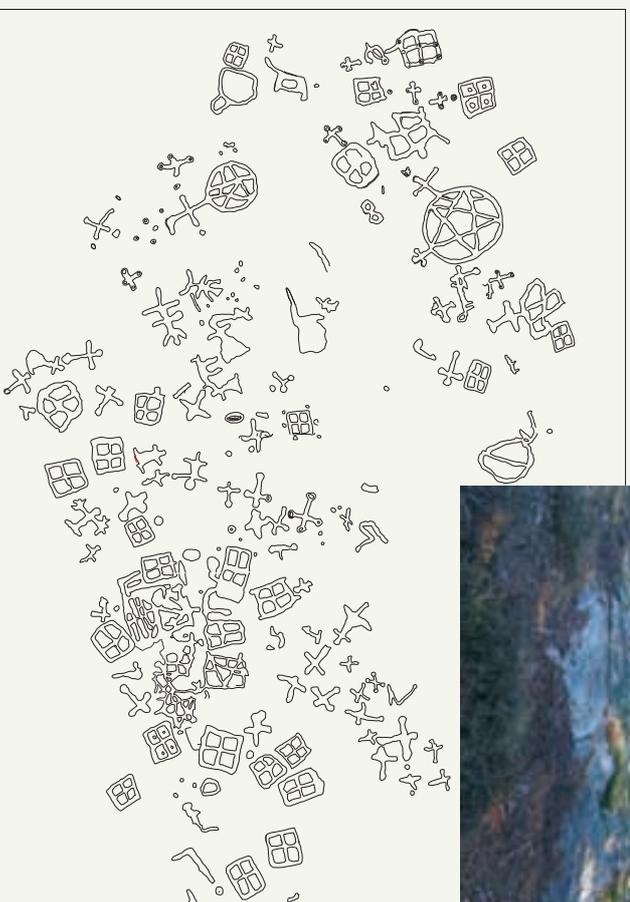
monumentaliza a paisagem, sendo comparável a diversos outros monumentos já conhecidos no Norte de Portugal, atribuindo-se-lhes uma cronologia compreendida entre a Idade do Ferro e a Idade Média.

Foi proposta a sua classificação como Imóvel de Interesse Público.

Referências bibliográficas: Fontes 1998, VM 06

URL: [http://www.ippar.pt](http://www.ipa.min-cultura.pt;http://www.ippar.pt)

Em via de classificação pelo Desp. de 28 de Fevereiro de 2000.



Gravuras da Mua

Nas proximidades da ponte da Mua, num afloramento granítico que margina o antigo caminho correspondente à via que ligava Braga a Chaves, identifica-se um extenso painel vertical gravado com motivos geométricos, cruzes, letreiros e muitas datas, a mais antiga de "1697" e as mais recentes de finais do século XIX.

O predomínio de datas e de cruzes sugere tratar-se de gravações relacionadas com verificação de limites, isto é, com delimitação de termos, prática usual desde a Idade Média.





Capela de Nossa Senhora do Amparo

Capela dedicada a N^a Sr.^a do Amparo, com nave e capela-mor retangulares. É construída em granito de aparelho pseudo-isódomo. A cobertura, sobre cornija, tem empenas coroadas por cruz sobre peanha e um campanário na fachada, também em granito e pináculos nos cunhais.

O interior é muito modesto, destacando-se uma tampa de sepultura com inscrição sulcada, onde se lê "S. DO RDO / PE / BENTO / PRA / ANO 1722".

Referências bibliográficas: Capela 2003, 454



Capela de S. Pedro

Capela construída em alvenaria granítica de aparelho misto, com planta rectangular orientada E-O. A cobertura telhada, de duas águas, assenta em cornija e é enquadrada por empenas molduradas coroadas com pináculos nos cunhais e cruz latina sobre peanha, no fecho traseiro.

Na fachada a empena é truncada por um campanário de granito em arco peraltado, com entablamento moldurado coroado por dois pináculos e um cruz latina sobre peanha.

A fachada principal tem porta em ferro encimada com cartela rectangular onde se gravou a inscrição " O PADRE (...); MANO / EL: (...) HO; FERNAN / DE (...); EM . 1883. Esta inscrição poderá corresponder ao ano de ampliação. Na fachada lateral existe uma cruz latina, gravada em baixo relevo.

No interior, modesto e quase arruinado, destaca-se o retábulo em madeira e os tectos pintados com a representação de S. Pedro e dos quatro evangelistas. Junto à porta conserva-se um fragmento de miliário, assente em cimento e que foi utilizado como pia baptismal.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 454



Inventário de património

Ruivães



Capela de Santa Teresa e S. Cristóvão

Pequena capela dedicada a Santa Teresa e S. Cristóvão. De planta rectangular, é construída em alvenaria granítica aparente de aparelho regular, com cobertura telhada de duas águas, assente em cornija granítica e enquadrada por empenas molduradas, coroadas com pináculos nos cumhais e cruz latina sobre peanha na fachada. Esta tem porta rectangular, sobrepujada por nicho e ladeada por dois pequenos óculos circulares. Registe-se que este não é o local original da capela, pois esta localizava-se nas proximidades da Ponte Velha ou Ponte da Rés, tendo sido trasladada para o sítio actual e reconstruída cerca de 1930.

Referências bibliográficas: Vieira 2000, 343



Capela de Santa Isabel

Capela com nave e capela-mor rectangulares, construída em alvenaria granítica, rebocada. A cobertura telhada, de duas águas, assenta sobre cornija e é coroada com pináculos nos cumhais e cruzes latinas sobre peanha, nas cumeadas. As janelas laterais são de capialço e as da fachada principal são em arco peraltado.

Sobre a porta da fachada colocou-se uma cartela rectangular, onde se gravou e pintou a inscrição "S./Zabél. Foi PaGO. Pé: /LOS Abitantes Oeste /LuGar. Este. Idelfcio EM / 1921", data que alude à sua reconstrução, pois a capela de Santa Isabel de Espinho já é mencionada nas Memórias Paroquiais de 1758.

Adossada à capela existe uma torre sineira de construção recente e no adro, a Oeste, o campanário antigo, construído em granito, com arco peraltado que abriga um pequeno sino, decorado com estrela de cinco pontas encimrada com cruz latina. Sob o campanário gravou-se uma outra inscrição, "P. S. A. DE / ERMELINDA. C. PE / REIRA. EM. / 1927". No interior da capela-mor elevada, revestida a azulejo, existe um pequeno retábulo de madeira dourada.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 454



Casa do Capitão-Mor ou Casa de Dentro

A Casa do Capitão-Mor, como é hoje designada, é a antiga Casa de Dentro, solar rural armoriado, com pedra de armas sobre o portal, que terá sido mandada gravar em meados do século XVIII por António José de Magalhães Laborão de Almeida, capitão-mor de Ruivães e cavaleiro professo da Ordem de Cristo.

Trata-se de uma característica casa senhorial rural, de planta em L com pátio interior e portal de aparato. É uma construção em aparelho misto de alvenaria e cantaria graníticas aparentes, que hoje apresenta já algumas transformações. Para além do brasão no portal, existe ainda uma outra pedra de armas, que integra uma tampa sepulcral guardada no interior da capela. Numas das guias graníticas que bordejam a eira, também de lajeado granítico, conserva-se uma inscrição, que não se conseguiu ler, existindo ainda outra junto a um tanque.

Tem anexa a Capela de N.ª Sr.ª da Conceição, de planta rectangular e construída em cantaria granítica aparente, com cobertura de duas águas, coroada com pináculos e cruz sobre peanha, em granito. No interior, modesto, sobressai o retábulo pollicromo e na parede lateral, a parte superior de uma tampa sepulcral com as armas do capitão-mor de Ruivães.

Referências bibliográficas: Capela 2000, 47, 69; Nóbrega 1974, 66-73; Vieira 2000, 337



Fojo da Alagôa

O fojo da Alagôa localiza-se na Encosta do Sol, na vertente que desce em frente ao parque de merendas das Casas de Serradela.

Construído em mamposteria granítica, com paredes com cerca de 1 metro de espessura e menos de 1 metro de altura nas partes conservadas, que se estendem cada uma por mais de 200 metros de comprimento, o fojo desenvolve-se numa característica planta em Y, descendo dos 800 até aos 750 metros de altitude, fechando na ribeira num poço com cerca de 8 metros de diâmetro.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 455, 456; Sarmento 1999, 459; Vieira 2000, 144-147.



Aldeia de Espindo

A aldeia de Espindo, já referenciada na documentação do século XIII, implanta-se a meio da vertente Norte da Serra da Cabreira, dominando uma ampla veiga agrícola formada por leiras em socalco, que armam a encosta desde o povoado até às ribeiras. Conserva as suas características de aldeia de montanha, com o aglomerado concentrado, onde são também visíveis bons exemplos de arquitectura vernácula.

Destaca-se um grande número de espigueiros e de moinhos, marca arquitectónica vinculada à economia agrícola da população e algumas casas de habitação, sendo grande parte delas datadas do século XIX.

Não tem igreja, apenas uma capela dedicada a Santa Isabel.

Referências bibliográficas: Campos 1997, 3

Cabana do Toco

Cabana de pastor integrada num muro em mamposteria, praticamente derrubado, correspondente a um redil de planta circular com cerca de 300 metros de perímetro. Encontra-se bem conservada, de planta circular, com cerca de 2 metros de diâmetro e 2 metros de altura máxima, com as paredes a fechar em tecto de falsa cúpula.

Construída com blocos e lajes de granito, montadas em aparelho rudimentar de mamposteria, esta edificação apresenta uma pequena porta, que abre para NE.

Referências bibliográficas: Fontes 1998, VM 24



Alminhas de Zebreal

Alminhas compostas por pequena construção de planta retangular e cobertura de duas águas, integralmente construída em periplanho granítico. A empena da fachada é rematada por pináculos e cruz latina com topos floreados. Sobre a porta, em ferro, foi gravada a data "1812".

No interior abrigam-se outras alminhas, em forma de edícula com arco sobrepujado por carranca e frontão triangular, pintados de verde, amarelo e vermelho, abrigando-se no interior do nicho três painéis, a representar a crucificação de Cristo. Na base gravou-se a data de "1846".

As alminhas foram reconstruídas em 1942.

Moinho da Ribeira de Chedas

Moinho localizado na margem esquerda da ribeira de Chedas, de planta retangular e construído em alvenaria granítica de aparelho irregular. A cobertura de duas águas é de lajes graníticas dispostas longitudinalmente e com cumeeira capeada.

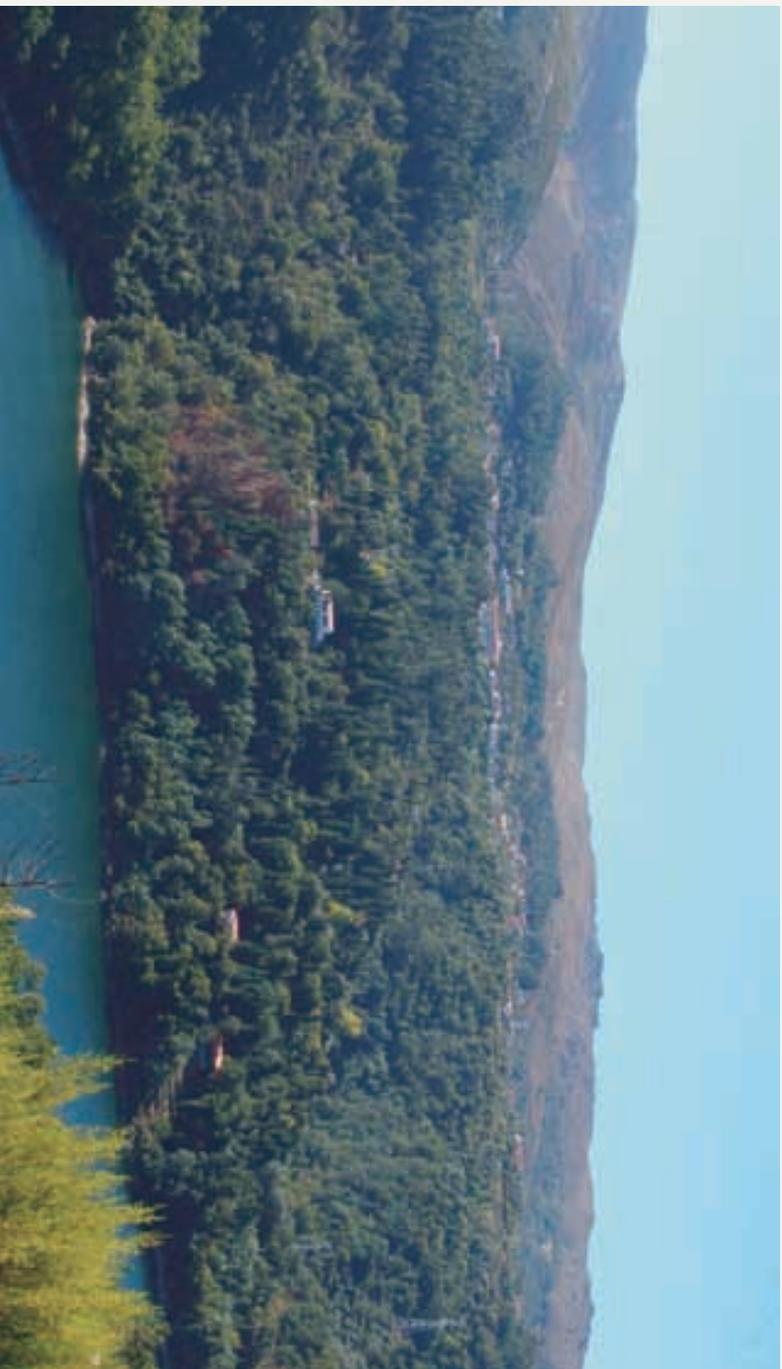
No interior conservam-se a tremôinha ou tremoia e a adelha, em madeira, assim como as mós em granito.

No exterior conserva-se o eixo do rodízio também em madeira. A água era aduzida por caleira estruturada, em granito, com cubo oblíquo.

Podendo não ser o original, este poderá ser o moinho que na documentação medieval se designa como "moinho do conde".



Salamonde



Localizada na margem esquerda do rio Cávado, a freguesia de Salamonde limita a Este com Ruivães, a Sul com Cantelães e a Oeste com Louredo.

A paróquia de São Gens de Salamonde aparece referenciada já desde 1059, tendo pertencido ao antigo concelho de Penafiel de Soás. Foi palco de confrontos aquando das «Invasões Francesas», chegando a Igreja paroquial a ser parcialmente destruída.

A festa dedicada a São Gens realiza-se a 25 de Agosto e o Sagrado Coração de Maria e Senhora de Fátima, no 1.º domingo de Agosto.

Em 2001 a freguesia de Salamonde registava 484 pessoas residentes, que se dedicam à agricultura e ao pequeno comércio, distribuídas pelos lugares de Aldeia, Fundevila, Além do Rio, Alameda, Almas e Fragas da Pena Mã.

Na freguesia de Salamonde registaram-se 4 sítios com interesse patrimonial arqueológico e 43 sítios com interesse arquitectónico.

Referências bibliográficas:

Capela 2003, 455-457; Costa 1868-1869, 140 - 142; Costa 1997, 158; Costa 2000, 118 e 307.

Inventário de património Salamonde

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- 0029 - Epígrafe da Casa do Fufo
 0033 - Epígrafe da Casa da Paulina
 Henriques
 0055 - Outeiro da Coroa
 0071 - Epígrafe da Casa do Cândido
 Ferreira
 0097 - Igreja de São. Gens de Salamonde
 0098 - Espigueiro de Alameda
 0099 - Espigueiro 1 da Aldeia
 0100 - Espigueiro de Além Rio
 0101 - Epígrafe da casa de Alcino da Veiga
 0102 - Caminho da Aldeia
 0103 - Capela das Almas
 0104 - Espigueiro 2 da Aldeia
 0105 - Espigueiro 3 da Aldeia
 0107 - Espigueiro de Almas
 0108 - Espigueiro de Rebordelos
 0177 - Mamoa dos Moinhos
 1279 - Espigueiro 1 de Fundevila
 1280 - Espigueiro 2 de Fundevila
 1281 - Espigueiro 3 de Fundevila
 1282 - Espigueiro 4 de Fundevila
 1283 - Espigueiro 5 de Fundevila
 1284 - Espigueiro 6 de Fundevila
 1285 - Espigueiro 7 de Fundevila
 1286 - Espigueiro 8 de Fundevila
 1287 - Espigueiro 10 de Fundevila
 1288 - Espigueiro 12 de Fundevila
 1289 - Espigueiro 11 de Fundevila
 1297 - Espigueiro 9 de Fundevila
 1312 - Cabana de Pena Cova
 1459 - Moinho 1 de Salamonde
 1460 - Moinho 2 de Salamonde
 1461 - Moinho 3 de Salamonde
 1462 - Moinho 4 de Salamonde
 1463 - Moinho 5 de Salamonde
 1464 - Moinho 6 de Salamonde
 1465 - Moinho 7 de Salamonde
 1466 - Moinho 8 de Salamonde
 1467 - Moinho 9 de Salamonde
 1468 - Moinho 10 de Salamonde
 1469 - Lagar de Salamonde
 1553 - Epígrafe da Casa dos Veigas

Outeiro da Coroa

Povoado implantado a cerca de 450 metros de altitude, em pequeno outeiro na vertente baixa da encosta setentrional da Serra da Cabreira, na margem esquerda do rio Cávado e sobranceiro à ribeira das Fragas de Pena Mã.

O Outeiro da Coroa, como é designado localmente, apresenta vestígios de ocupação antiga concentrados nas plataformas superiores, onde se identificam raros alinhamentos que poderão corresponder a ruínas de edifícios, fragmentos de cerâmica doméstica e de construção e, num talude de acesso recentemente rasgado para a implantação de um poste de alta tensão, estratigrafia arqueológica (lenticulas de cinzas e de barro), junto à qual se recolheu um pote de cerâmica micécea.

Segundo informação de moradora próxima, D. Irene, na encosta poente do outeiro, na abertura dos alicerces para uma casa, "há já alguns anos, foi recolhida uma mó e uma moeda". Os elementos conhecidos sugerem uma cronologia associável à romanização.



Igreja de São Gens de Salamonde

Igreja paroquial de Salamonde, dedicada a São Gens. Da primitiva igreja medieval, que já existia no século XI, como se regista no Censal do Bispo D. Pedro, não restam quaisquer vestígios. A actual edificação data de meados do século XVIII, como testemunha a data "1760" gravada sobre a porta.

Construída em alvenaria granítica de aparelho regular, tem nave e capela-mor retangulares, orientadas Este-Oeste, com coberturas independentes de duas águas, assente em cornija moldurada e enquadrada por empenas também molduradas e coroadas por pináculos nos cunhais e cruzes latinas sobre peanhas nos fechos. O arco da porta da fachada principal é moldurado,



sendo sobrepujado por frontão triangular rematado com volutas, por sua vez ladeado por duas pequenas janelas quadrangulares e encimado por um relógio eléctrico.

No interior, destaca-se o retábulo da capela-mor em madeira policroma. Os tectos abobadados, pintados, foram substituídos por painéis de madeira. Conserva ainda uma pia baptismal de gomos, em granito, com data de 1764.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 456; Costa 1868-1869, 141; Costa 1997, 158; Costa 2000, 118, 307; Craesbeek 1992, 137



Capela das Almas

Capela dedicada às "Almas", de planta rectangular e construída em alvenaria granítica de aparelho regular. A cobertura telhada, de duas águas, é coroada com pináculos e cruz latina sobrepeanha.

A porta é ladeada por dois nichos de arco peraltado que abrigam painéis de azulejo. Na padieira da porta gravou-se a data "1867". No interior, modesto, destaca-se um pequeno retábulo polícromo.



Cabana de Pena Cova

Cabana de pastor de planta circular, construída com lajes graníticas em aparelho de mamposteria e cobertura em falsa cúpula, exteriormente recoberta por torrões.

É uma característica construção de apoio ao pastoreio na serra alta, abrigando os pastores que apascentavam o gado em regime de vezeira.



Espigueiro de Fundo de Vila

Espigueiro de seis pés com mós individuais circulares, em granito. As padieiras, colunas e cápeas são também em granito. Os balaustrés, horizontais e biselados, são também em granito. A porta é em madeira, revestida a folha de zinco e a cobertura é em telha de canudo.

É o único espigueiro identificado em Vieira do Minho que apresenta balaustrés horizontais de granito, uma solução arquitectónica de influência galega.



Soengas



A freguesia de Soengas tem a particularidade de se situar no meio da freguesia de Caniçada. Está limitada a Este e Oeste pela freguesia da Caniçada. A Norte pelo rio Cávado e a Sul pela freguesia de Tabuagas.

São Martinho de Soengas aparece referenciada desde 1043 como “*Ecclesia de Sancto Martino cum villa de Sodengas*”, tendo integrado o extinto concelho de Penafiel de Soás.

A festa dedicada a São Martinho realiza-se no dia 11 de Novembro e a da Senhora do Socorro, no 3.º domingo de Junho.

Em 2001 a freguesia de Soengas registava 161 pessoas, distribuídas pelos lugares de Calvelos, Várzeas e Soengas, dedicando-se à agricultura e ao pequeno comércio.

Quanto ao património registaram-se 16 sítios com interesse arquitectónico.

Referências bibliográficas:

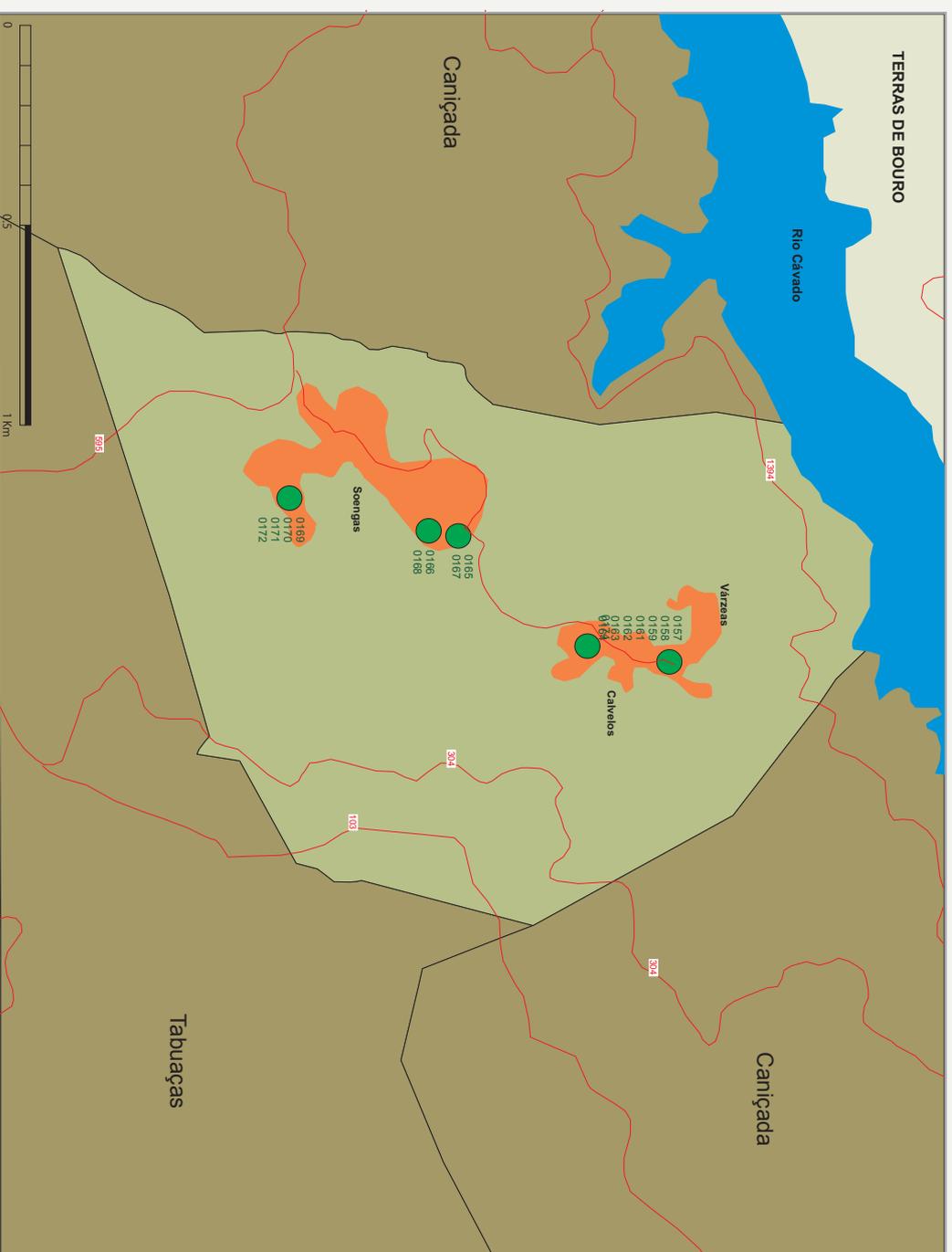
Capela 2003, 455-457; Costa 1868-1869, 140 142; Costa 1997, 158; Costa 2000, 117 e 306.

Inventário de património

Soengas

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- 0157 - Quinta de Calvelos
- 0158 - Espigueiro 1 da Quinta de Calvelos
- 0159 - Espigueiro 2 da Quinta de Calvelos
- 0161 - Moinho de Calvelos
- 0162 - Lagar de Calvelos
- 0163 - Espigueiro de Calvelos
- 0164 - Capela de Nossa Senhora do Socorro
- 0165 - Espigueiro de São Martinho
- 0166 - Alminhas de São Bento
- 0167 - Moinho de São Martinho
- 0168 - Igreja de São Martinho de Soengas
- 0169 - Casa de Soengas
- 0170 - Espigueiro da Casa de Soengas
- 0171 - Capela de Nossa Senhora da Abadia
- 0172 - Moinho da Casa de Soengas
- 0174 - Espigueiro 3 da Quinta de Calvelos



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da
Freguesia de Soengas

Inventário de património

Soengas



Igreja de São Martinho de Soengas

Igreja paroquial de Soengas, dedicada a São Martinho. Com nave e capela-mor retangulares, é construída em alvenaria granítica de aparelho regular. A cobertura, de duas águas, é coroada com pináculos sobre os cumhais. A empena da fachada tem pináculos sobre os cumhais e remata com campanário de arco peraltado que abriga um sino, coroado com cruz latina sobre peanha e ladeada também por dois pináculos, em granito.

No interior destaca-se a sanefa que emoldura o arco triunfal, em talha dourada ricamente esculpura. Os altares laterais e mor apresentam retábulos de madeira pintada de traço simples. Os tectos abobadados são revestidos com caixotões pintados. Na parede sul da nave distingue-se um arco moldurado de um altar colateral, hoje entaipado e na parede norte o púlpito com balaustrada de madeira.

A Igreja de São Martinho e a vila de Soengas aparecem referenciadas num documento de 1043. No Censual do Bispo D. Pedro, dos finais do século XI, regista-se pela primeira vez a paróquia de São Martinho de Soengas.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 457; Costa 1868-1868, 142; Costa 1997, 158, 306; Costa 2000, 117; Craesbeck 1992, 139; Vieira 2000, 313-314



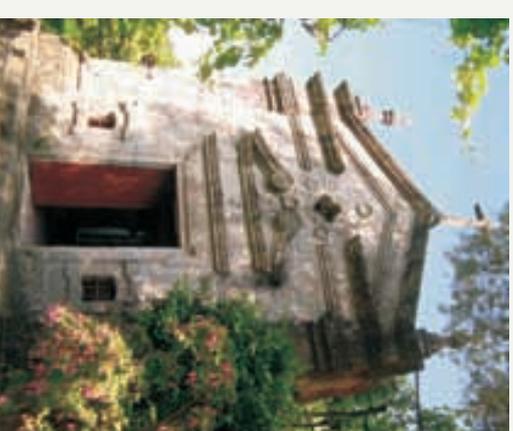
Capela de Nossa Senhora da Abadia

Capela dedicada a Nossa Senhora da Abadia. Construída em alvenaria granítica aparente, de aparelho regular, tem planta rectangular e cobertura de duas águas, sobre cornija granítica.

A fachada principal revela um elaborado desenho arquitectónico, onde parecem cruzar-se influências maneiristas e barrocas, sendo animada pelas molduras salientes dos vãos da porta, janelas laterais e óculo circular, a par do pinçadoro moldurado e da empena que aparenta um frontão triangular interrompido pelo óculo. Pináculos sobre os cumhais e cruz latina ao centro completam a decoração da fachada.

No interior, modesto, destaca-se um pequeno retábulo policromo e o púlpito de madeira entalhada.

Referências bibliográficas: Vieira 2000, 314



Soutelo



A freguesia de Soutelo localiza-se na parte Oeste do concelho, confrontando a Norte com a freguesia de Tabuaças, a Este e Sudeste com a freguesia de Anissó e a Sul e Oeste com o concelho de Póvoa de Lanhoso.

Santo Adrião de Soutelo está referenciada desde 1059, como "*Villa Sautello (...)* et *villa Nizola*" e a partir de 1220 como "*Sancto Adriano de Sautello*".

É em Soutelo que se localiza o Santuário de Nossa Senhora da Lapa, que se festeja no 2.º domingo de Julho.

Em 2001 a freguesia de Soutelo registava 215 pessoas, com uma população

activa maioritariamente dedicada à agricultura e ao pequeno comércio, distribuídos pelos lugares de Igreja, Soutelo, Outeiro, Mó e Passos.

Em relação ao património registaram-se 24 sítios com interesse. 23 são valores arquitectónico e apenas 1 de interesse arqueológico.

Referências bibliográficas:

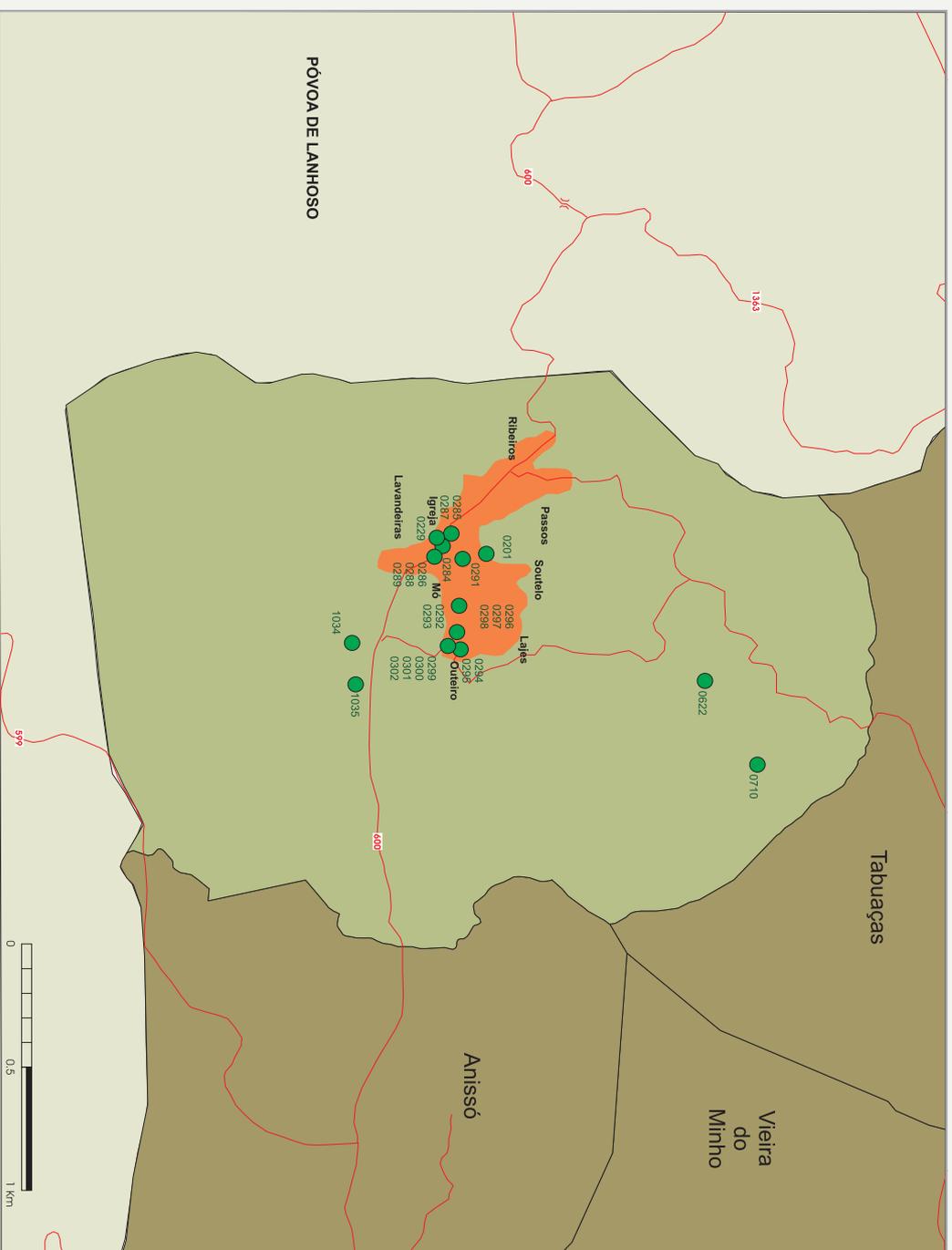
Capela 2003, 458-459; Costa 1868-1869, 142 - 144; Costa 1997, 158.

Inventário de património

Soutelo

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- 0201 - Espigueiro 1 da Casa da Lavandeira
- 0229 - Espigueiro 2 da Casa da Lavandeira
- 0284 - Igreja de Santo Adrião de Soutelo
- 0285 - Cruzeiro da Igreja
- 0286 - Espigueiro 1 da Igreja
- 0287 - Espigueiro 2 da Igreja
- 0288 - Espigueiro 3 da Igreja
- 0289 - Espigueiro 4 da Igreja
- 0291 - Casa da Lavandeira
- 0292 - Casa da Capela
- 0293 - Capela da Casa da Capela
- 0294 - Casa da Calçada
- 0295 - Espigueiro da Casa da Calçada
- 0296 - Espigueiro de Ribeiro
- 0297 - Espigueiro da Mó
- 0298 - Espigueiro de Passos
- 0299 - Espigueiro 1 de Outeiro
- 0300 - Espigueiro 2 de Outeiro
- 0301 - Espigueiro 1 da Casa do Carvalho
- 0302 - Espigueiro 2 da Casa do Carvalho
- 0622 - Santuário de Nossa Senhora da Lapa
- 0710 - Abrigo da Pala dos Lobos
- 1034 - Moinho 1 da ribeira da Arcela
- 1035 - Moinho 2 da ribeira da Arcela



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da
freguesia de Soutelo

Inventário de património

Soutelo

Santuário Nossa Senhora da Lapa

Santuário dedicado a Nossa Senhora da Lapa, com peregrinação no 2º domingo de Julho. No limite poente da cumeeada do monte de Penamourinha, João Gonçalves e sua mulher Margarida da Silva mandaram edificar, em 1694, a capela da Senhora da Lapa, aproveitando os afloramentos graníticos do local.

O pequeno templo corresponde a uma cavidade sob rochas, a “lapa”, encerrada com parede de cantaria granítica, formando uma fachada de desenho arquitectónico simples, onde se distinguem os vãos moldurados das janelas e da porta, sendo esta sobrepujada por um nicho onde se abriga uma pequena imagem de Nossa Senhora, com uma cartela na base onde se gravou a data 1694.

Uma porta em grade, colocada em 1898, dá acesso ao interior, onde se sobrepõem diversas soluções decorativas, destacando-se várias inscrições gravadas no tecto rochoso e o quadro encaixilhado com a história do santuário, escrita pelo padre José Maria Machado em 1851. O recinto do santuário, que se distribui por dois patamares, incorpora um coreto, instalações de apoio à romaria e fontes. Esta capela está referenciada nas “Memórias Paroquiais” de 1758.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 458; Vieira 2000, 367-372



Igreja de Santo Adrião de Soutelo

Igreja paroquial de Soutelo, dedicada a Santo Adrião. Tem nave e capela-mor rectangulares, com sacristia adossada e coberturas de duas águas, independentes. É construída em alvenaria granítica de aparelho regular, coroando-se as empenas com pináculos e cruzeiros latinas, também em granito.

A fachada principal é animada por óculo que sobrepuja frontão triangular sobre a porta, em cuja padieira se gravou a data de 1722, entre duas rosetas hexafoliadas. Na padieira da porta lateral também se gravou a data de 1722.

No interior destaca-se o magnífico retábulo em talha dourada da capela-mor e a talha do arco triunfal, assim como os tectos pintados. Numa das paredes conserva-se uma inscrição: “OS FRVITOS DESTE BENEFO/ ESTAM OBRIGADOS OAZEI / TE DO SMO SACRAM STº POBRE / VE APÇO DEIO DEIVNHODE/1724”.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 458; Costa 1868-1868, 144; Costa 1997, 158; Costa 2000, 116.



Tabuaças



A freguesia de Tabuaças situa-se a Oeste do concelho, confrontando a Norte com as freguesias de Camicada e Soengas, a Nordeste com a freguesia de Eira Vedra, a Este e Sudeste com a freguesia de Vieira do Minho, a Sul com as freguesias de Anissó e Soutelo e finalmente a Oeste com o concelho de Póvoa de Lanhoso.

A igreja de São Julião de Tabuaças referencia-se já desde 1074. São Simão de Real, actual lugar da freguesia de Tabuaças, foi durante parte da Idade Média uma paróquia autónoma. A festa dedicada a São Julião realiza-se a 9 de Janeiro, a de Santo

Adrião, em Agosto e a Festa do Senhor, em Setembro.

Em 2001 a freguesia de Tabuaças registava 901 pessoas, distribuídas pelos lugares de Pousaduros, Cerdelrnhas, Real, Postemeão e Pepim, que se dedicam à agricultura, ao comércio e à transformação de madeira.

Em relação ao património registaram-se 45 valores, dos quais 41 com interesse arquitectónico e 4 de interesse arqueológico.

Referências Bibliográficas:

Capela 2003, 459-460; Costa 1868-1869, 138; Costa 1997, 261; Costa 2000,

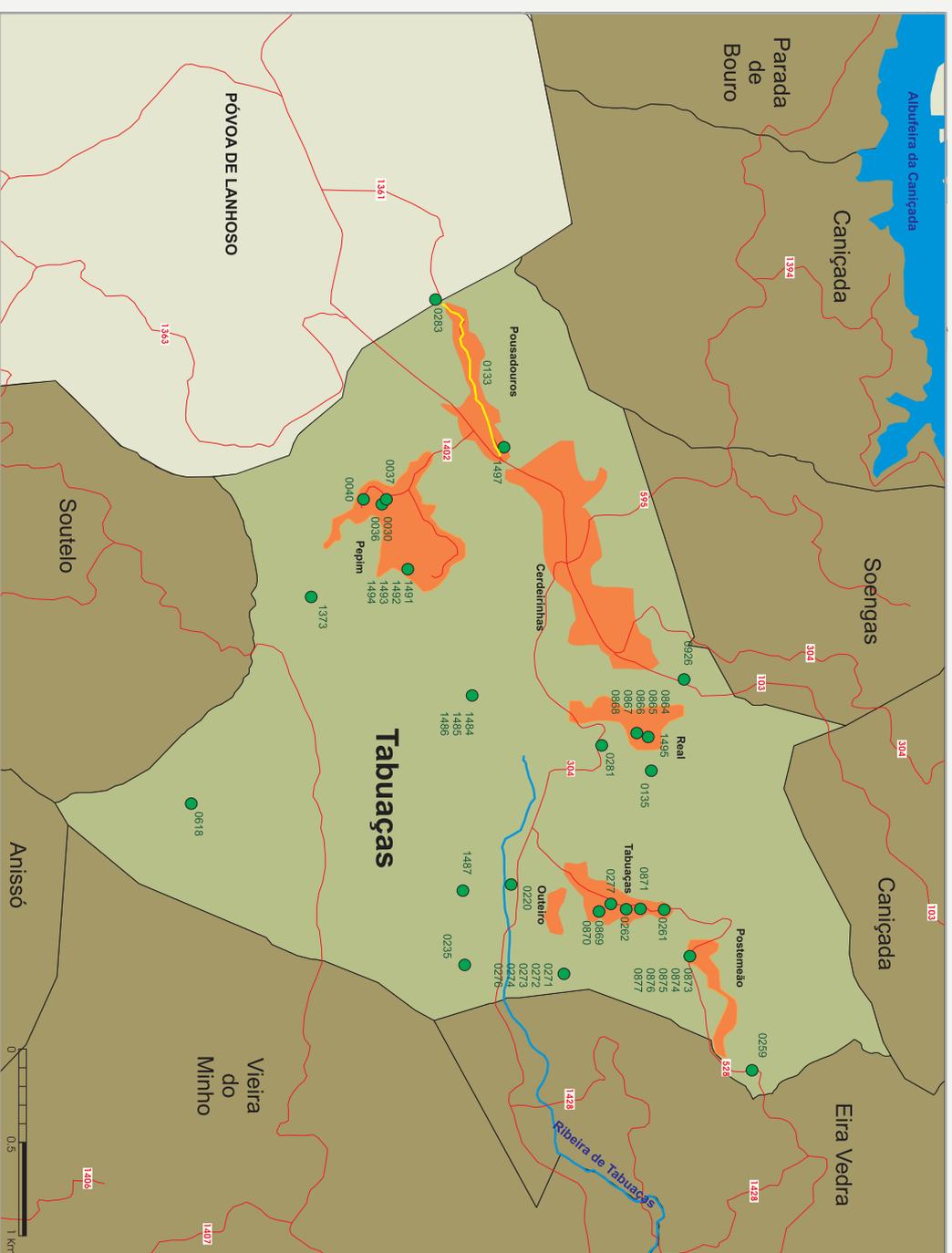
119-120 e 308.

Inventário de património Tabuaças

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

0030 - Espigueiro 1 de Pepim	1497 - Espigueiro da Casa do Pousadouro
0036 - Capela de Santo Adrião	
0037 - Cruzeiro de Pepim	
0040 - Alminhas de Pepim	
0133 - Caminho do Pousadouro	
0135 - Coutada da Capelinha	
0220 - Alminhas de Atafona	
0235 - Castro de Atafona	
0259 - Moinho da Terrafeita	
0261 - Espigueiro da Casa da Coutada	
0262 - Igreja de São Julião de Tabuaças	
0271 - Quinta do Poço	
0272 - Espigueiro da Quinta do Poço	
0273 - Casa dos Vieiras	
0274 - Espigueiro da Casa dos Vieiras	
0276 - Espigueiro do Outeiro	
0277 - Espigueiro da Igreja	
0281 - Espigueiro 1 de Real	
0283 - Capela de São Gonçalo	
0618 - Abrigo do Castro	
0864 - Capela de Santo António	
0865 - Espigueiro 2 de Real	
0866 - Espigueiro 1 da Casa do Mercado	
0867 - Espigueiro 2 da Casa do Mercado	
0868 - Espigueiro 3 de Real	
0869 - Espigueiro 1 de Tabuaças	
0870 - Casa da Torre	
0871 - Capela do Calvário	
0873 - Capela da Soledade	
0874 - Epigrafe da Casa da Quinta da Capela	
0875 - Espigueiro da Casa da Quinta da Capela	
0876 - Epigrafe da Casa do Rebelo	
0877 - Espigueiro da Casa do Rebelo	
0926 - Alminhas da Cruz de Real	
1373 - Espigueiro 2 de Pepim	
1484 - Moinho 1 da Ribeira de Tabuaças	
1485 - Moinho 2 da Ribeira de Tabuaças	
1486 - Moinho 3 da Ribeira de Tabuaças	
1487 - Moinho 4 da Ribeira de Tabuaças	
1491 - Espigueiro 4 de Pepim	
1492 - Espigueiro 5 de Pepim	
1493 - Espigueiro da Casa de Crelo	
1494 - Espigueiro da Casa da Eira	
1495 - Capela da Casa de Crelo	

Inventário de património Tabuaças



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da
Freguesia de Tabuaças

Inventário de património Tabuaças

Castro de Atafona

Pequeno povoado fortificado sobranceiro à ribeira de Tabuaças, na sua margem direita, dominando o pequeno vale interior encaixado na bordadura noroeste do amplo alvéolo que configura a cabeceira do rio Ave.

No lugar de Atafona, a população nomeia como "Castro" o outeiro que se eleva a cerca 521 metros de altitude, percebendo-se bem duas espessas linhas de muralhas que armam as vertentes em duas plataformas principais, a superior de menor área e com caos de blocos.

À superfície recolheram-se fragmentos de cerâmica doméstica de tipologia "castreja".



Igreja de São Julião de Tabuaças

Antiga Igreja paroquial de Tabuaças, dedicada a São Julião. De nave e capela-mor retangulares e sacristia adossada, com coberturas independentes, apresenta distintas soluções construtivas.

A nave é de cantaria granítica aparente de aparelho isódomo, correspondendo a uma reconstrução do século XVII, enquanto a capela-mor é de alvenaria granítica rebocada, sendo uma reconstrução ampliada do século XIX. As empenas são coroadas com pináculos e cruzeiros latinos e no topo da fachada por um campanário em forma de arco peraltado de alvenaria granítica, também encimado por cruz latina e pináculos. A porta principal, retangular, remata em frontão triangular com volutas e é sobrepujada por pequeno óculo quadrilobado.

No interior, destacam-se os tectos pintados: na nave São Julião e na capela-mor os quatro evangelistas e a representação da Última Ceia. Os altares são em madeira policroma de traça simples.

Na fachada norte, conserva-se uma inscrição alusiva à obrigação dos abades de pagarem iluminação do Santíssimo Sacramento, "MEMORIADAOBRIGACAMQVE /TEMOS SR.dosABB?DESTAYGR.A/DEDAREMO AZEITENECESS.ºPALAMPADADADOSSMOSSA CRA/MTOPORHYMBREVEAPO.DE31DEIV/LHO DE1694COFIRMADDOAYDFRºDE31IDY1709º"

Na sacristia conserva-se uma pia baptismal em granito, antiga. Antes desta Igreja seiscentista, existia uma mais antiga e certamente medieval edificação, pois a Paróquia de São Julião de Tabuaças já aparece registada no Censual do Bispo D. Pedro, no século XI. A actual Igreja paroquial é uma construção nova, do século XX, "deslocalizada" para o lugar de Cerdeirinhas.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 459; Costa 1868-1869, 138; Costa 1997, 260; Costa 2000, 119, 308; Craesbeck 1992, 184



Capela de São Gonçalo

Capela dedicada a São Gonçalo. De planta rectangular, é construída em cantaria granítica aparente de bom aparelho pseudo-isódomo, com vãos de janelas e de portas moldurados.

A porta principal é ladeada por duas janelas com pingadouros arqueados, centrados com concha. A porta, também com pingadouro, é coroada com frontão interrompido com volutas e sobrepujada por vão quadrilobado. Já sem cobertura, conserva pináculos e cruzes latinas sobre peanha, em granito, a coroar as empenas molduradas.

No interior, despido, destaca-se a capela-mor elevada, com arco-cego na parede traseira para acolher o retábulo, o friso moldurado das paredes laterais e a bacia esculpida do púlpito.



Inventário de património

Tabuaças

Capela de Santo António

Capela dedicada a Santo António, no lugar de Real. De planta oval cortada pela fachada, é construída em alvenaria granítica aparente de aparelho regular e cobertura composta, coroada com pináculos e cruz de metal.

A fachada, desenhada em forma de edícula com frontão triangular moldurado, tem uma porta de moldura simples e é encimada por óculo circular envolto por motivo tipo roseta.

O interior, modesto, tem uma imagem de Santo António. A capela tem ainda um pequeno adro de planta sub-circular.

Na Idade Média, Real é referenciada como paróquia, uma vez sob invocação de São Jorge, de São Simão e ainda de Nossa Senhora do Rosário. Esta capela já aparece referida nas “Memórias Paroquiais” de 1758. Referências bibliográficas: Costa 2000, 119; Vieira 2000, 377



Capela de Santo Adrião

Capela dedicada a Santo Adrião, de planta rectangular orientada Este-Oeste, com alpendre coberto na frontaria e sacristia anexa no lado norte.

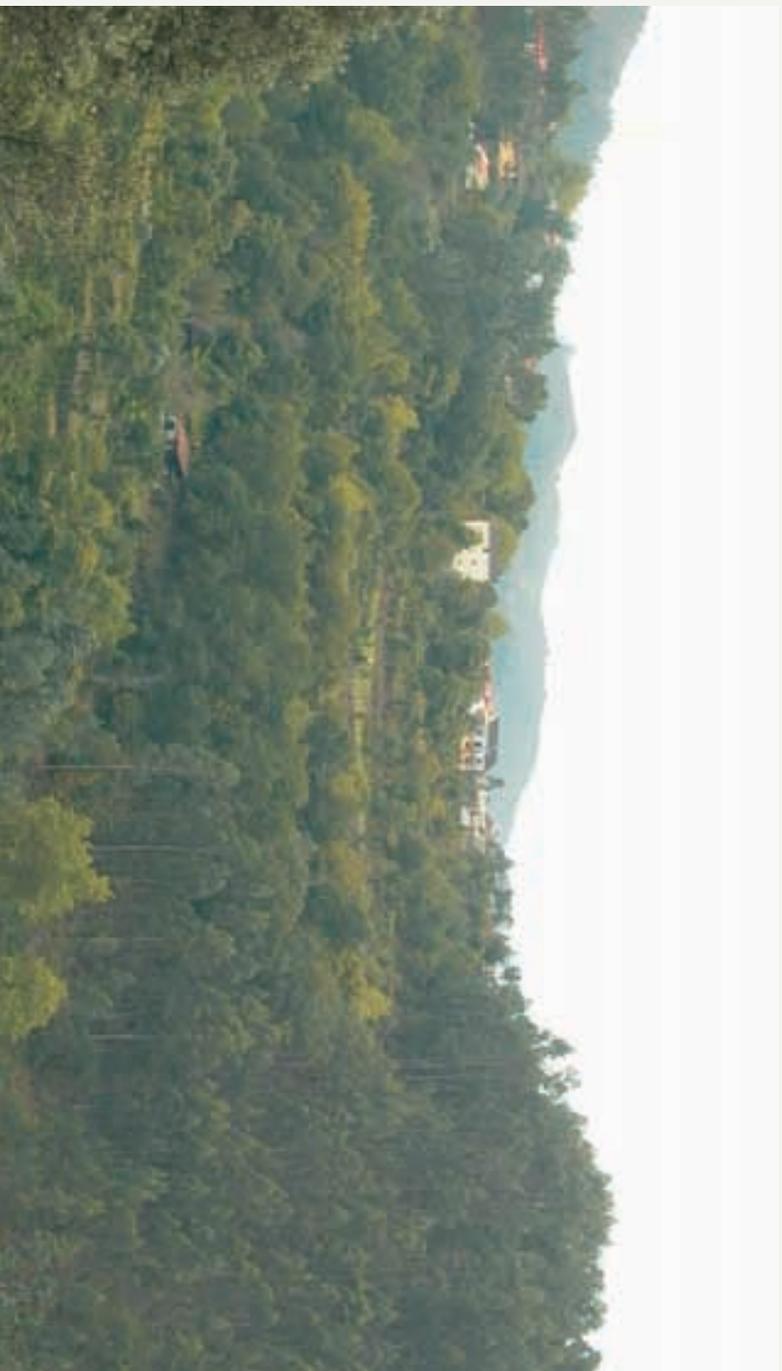
É construída em alvenaria granítica aparente, de aparelho regular, com coberturas telhadas independentes. As empenas são coroadas com cruzeiras latinas sobre peanha e sobre o cunhal setentrional da fachada, lateralmente, ergue-se o campanário, composto por um arco granítico moldurado, rematado com uma flor-de-lis também em granito, que é originário da Capela de São Gonçalo, situada no lugar do Pousadouro.

O interior é muito modesto. Já aparece mencionada nas “Memórias Paroquiais” de 1758.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 459; Craesbeek 1992, 184; Vieira 2000, 376



Ventosa



Localizada na margem esquerda do rio Cávado, a freguesia de Ventosa faz fronteira a Norte e Este com a freguesia de Cova, a Sul com Eira Vedra e com Caniçada a Sul e Oeste.

Referenciada como paróquia no Censual do Bispo D. Pedro, no século XI, Ventosa pertenceu ao antigo concelho de Penafeil de Soas. Dedicada a São Martinho, festeja o dia de São Brás no dia 3 de Fevereiro e o de Nossa Senhora de Fátima no 2.º domingo de Outubro.

Em 2001, a freguesia de Ventosa registava 408 residentes, distribuídos pelos

lugares de Bouças, Paredes, Penedo, Currelo, Foz, Quintã, Revolta e Ponte, com uma população activa dedicada à agricultura e ao pequeno comércio.

Em relação ao património registaram-se 27 sítios, dos quais 21 com interesse arquitectónico e 6 com interesse arqueológico.

Referências Bibliográficas:

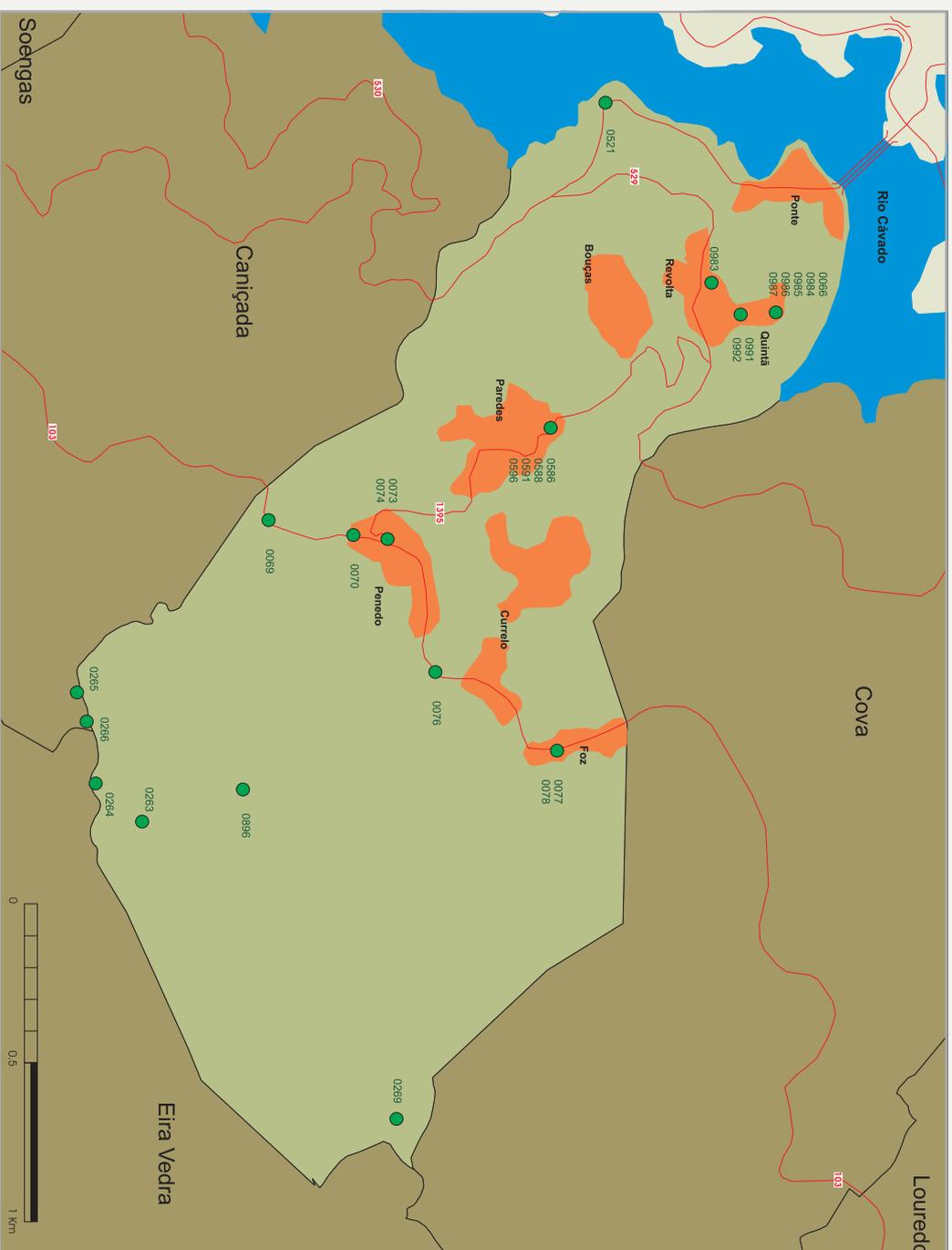
Capela 2003, 460 - 461; Costa 1868-1869, 140 142; Costa 2000, 117 e 306.

Inventário de património

Ventosa

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

- 0066 - Espigueiro 4 de Eirós
- 0069 - Caminho do Penedo
- 0070 - Capela de São Brás
- 0073 - Espigueiro 1 de Ventosa
- 0074 - Espigueiro 2 de Ventosa
- 0076 - Molho de Penedo
- 0077 - Espigueiro 1 da Foz
- 0078 - Fonte da Foz
- 0263 - Mamoá 1 da Lama dos Eidos
- 0264 - Mamoá 2 da Lama dos Eidos
- 0265 - Mamoá 3 da Lama dos Eidos
- 0266 - Mamoá 4 da Lama dos Eidos
- 0269 - Mamoá 1 de Penedo Covo
- 0521 - Espigueiro de Negral
- 0586 - Alminhas de Ventosa
- 0588 - Molho de Ventosa
- 0591 - Cruzeiro de Ventosa
- 0596 - Igreja de São Martinho de Ventosa
- 0896 - Fossas de Lama dos Eidos
- 0983 - Espigueiro 1 de Eirós
- 0984 - Espigueiro 2 de Eirós
- 0985 - Espigueiro 3 de Eirós
- 0986 - Epígrafe da Casa de Eirós
- 0987 - Espigueiro 5 de Eirós
- 0991 - Espigueiro 1 de Quintãs
- 0992 - Espigueiro 2 de Quintãs



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da
freguesia de Ventosa

Inventário de património

Ventosa

Neocrópole da Lama dos Eidos

Dispersas pela Chã da Lama dos Eidos, identificam-se um conjunto de 6 monumentos tipo “ma moa”, correspondentes a estruturas tumulares de câmara sepulcral sob *tumulus*, datáveis dos 2.º milénio - 1.º milénio a.C. e genericamente enquadráveis dentro do fenómeno megalítico.

Todas apresentam a característica calote ou elevação de planta circular composta por terra e calhaus, com depressão central mais ou menos accentuada e alguns topos de esteios visíveis. Nas suas proximidades recolhem-se fragmentos de cerâmica manual.

Em trabalhos recentes de florestação, dois destes monumentos foram inadvertidamente arrasados.

Referências bibliográficas: Fontes 1998, VM 21



Igreja de São Martinho de Ventosa

Igreja paroquial de Ventosa, dedicada a São Martinho. De nave e capela-mor retangulares, orientadas Este-Oeste, é construída em alvenaria granítica, rebocada, com as molduras das janelas e das portas e os cunhais salientes. A cobertura, de duas águas independentes, é em telha de aba e canudo, coroada com pináculos sobre os cunhais e cruzes latinas sobre peanha, nas empenas.

No interior, destaca-se o retábulo da capela-mor elevada, em talha dourada e um magnífico tecto de calxotes de madeira dourada, com painéis onde se pintaram os apóstolos. No painel granítico, junto às escadas da capela-mor, gravou-se a data de 1717.

A igreja está mencionada nas “Memórias Paroquiais” de 1758. Trata-se portanto de uma reconstrução setecentista da antiga igreja medieval, pois a paróquia de São Martinho de Ventosa (então chamada da Ribeira de Soaz), já é mencionada no Censal do Bispo D. Pedro, do século XI. Referências bibliográficas: Capela 2003, 460; Costa 1868-1868, 141; Costa 2000, 117, 306.



Capela de São Brás

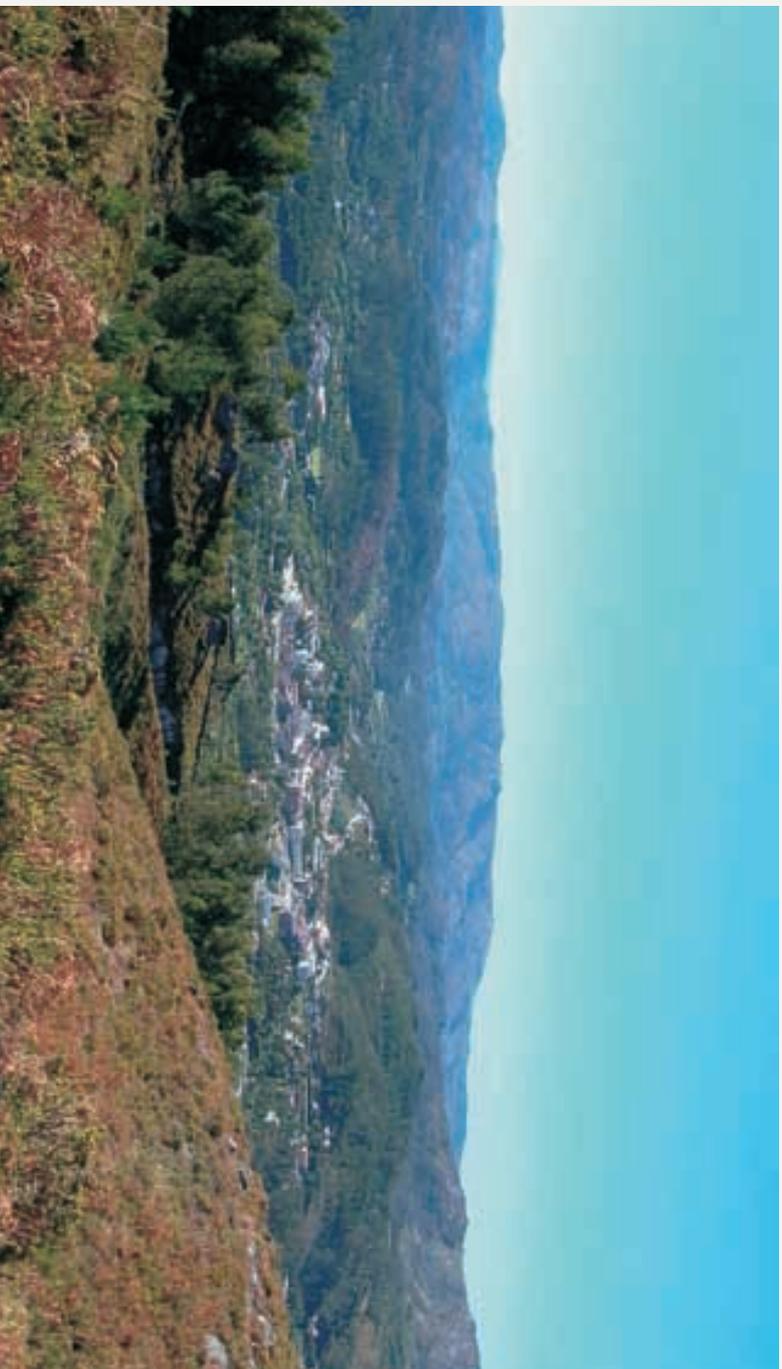
Capela de planta rectangular, construída em alvenaria granítica aparente de aparelho irregular, devendo originalmente os alçados ser rebocados, como sugerem as garnições molduradas dos vãos e dos cunhais. A cobertura, telhada, de duas águas, é coroada com pináculos sobre os cunhais e cruzes latinas sobre peanha, em granito, nas empenas.

Na fachada encosta um alpendre de três águas, encimado com óculo circular e que abriga a porta ladeada por duas pequenas janelas. Na fachada lateral conserva-se um campanário de arco peraltado, em granito.

No interior, modesto, destaca-se o retábulo em madeira policroma e marmorizados que abriga a imagem de São Brás, proveniente da Capela de São Pedro de Cella.



Vieira do Minho



A freguesia de Vieira do Minho, sede concelhia, localiza-se no centro sudoeste do concelho, sendo limitada a Norte pelas freguesias de Eira Vedra e Cantelães, a Este pela freguesia de Mosteiro, a Sul por Anísso e a Oeste por Tabuaças.

Tem origem no lugar de Brancelhe, antigo lugar de Mosteiro designado na documentação medieval como *Barunzel*, então pertencente a São João de Vieira (Mosteiro). Foi elevada a freguesia pelo Decreto 22.593, de 29 de Maio de 1933.

A festa da freguesia é dedicada a Nossa Senhora da Conceição e realiza-se no 15 de

Agosto e a Feira da Ladra realiza-se no 1.º Sábado de Outubro.

Com uma população residente a crescer, em 2001 Vieira do Minho registava 2289 pessoas, distribuídas pelos lugares de Sanguinhedo, Azevedo, Coqueira, Cubos e Vila, dedicando-se a maior parte da população activa à agricultura, ao pequeno comércio e à indústria.

Em relação ao património registaram-se 59 sítios com interesse arquitectónico.

Referências Bibliográficas:

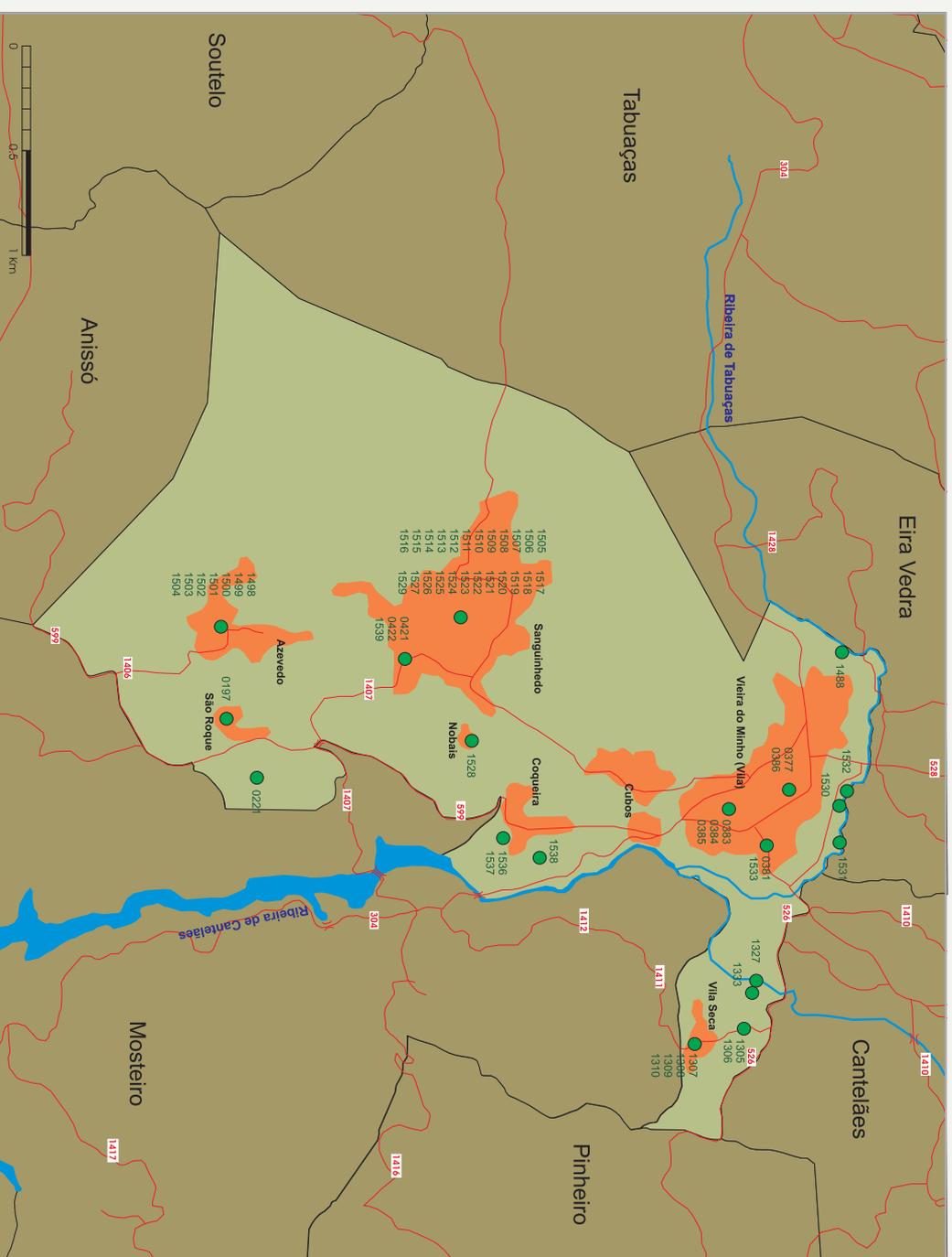
Capela 2003, 461; Costa 1997, 355.

Inventário de património

Vieira do Minho

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

0197 - Alminhas da Quinta das Portas	1525 - Espigueiro 22 de Sanguinhedo
0221 - Capela de São Roque	1526 - Espigueiro 23 de Sanguinhedo
0377 - Casa de Laje	1527 - Espigueiro 24 de Sanguinhedo
0381 - Espigueiro 1 da Vila	1528 - Espigueiro 1 de Nobais
0383 - Casa de Lamas	1529 - Espigueiro 16 de Sanguinhedo
0384 - Capela da Casa de Lamas	1530 - Moinho 7 da Ribeira de Tabuaças
0385 - Espigueiro da Casa de Lamas	1531 - Moinho 8 da Ribeira de Tabuaças
0386 - Capela da Casa da Laje	1532 - Espigueiro 2 da Vila
0421 - Capela de Santo António	1533 - Espigueiro 3 da Vila
0422 - Cruzeiro de Sanguinhedo	1536 - Casa da Cuqueira
1305 - Espigueiro 1 de Vila Seca	1537 - Espigueiro da Casa da Cuqueira
1306 - Espigueiro 2 de Vila Seca	1538 - Capela de Nossa Senhora da
1307 - Espigueiro 3 de Vila Seca	Conceição
1308 - Espigueiro 4 de Vila Seca	1539 - Epigrafas da Capela de Santo
1309 - Espigueiro 5 de Vila Seca	António
1310 - Espigueiro 6 de Vila Seca	
1327 - Espigueiro 7 de Vila Seca	
1333 - Moinho 13 da Ribeira de Cantelães	
1488 - Moinho 6 da Ribeira de Tabuaças	
1498 - Espigueiro 1 da Casa do Mercador	
1499 - Espigueiro 2 da Casa do Mercador	
1500 - Espigueiro 3 da Casa do Mercador	
1501 - Espigueiro 1 de Azevedo	
1502 - Espigueiro da Casa de Lourenço	
1503 - Espigueiro 2 de Azevedo	
1504 - Espigueiro 3 de Azevedo	
1505 - Espigueiro 1 de Sanguinhedo	
1506 - Espigueiro 3 de Sanguinhedo	
1507 - Espigueiro 4 de Sanguinhedo	
1508 - Espigueiro 5 de Sanguinhedo	
1509 - Espigueiro 6 de Sanguinhedo	
1510 - Espigueiro 7 de Sanguinhedo	
1511 - Espigueiro 8 de Sanguinhedo	
1512 - Moinho Sanguinhedo	
1513 - Espigueiro 9 de Sanguinhedo	
1514 - Espigueiro 10 de Sanguinhedo	
1515 - Espigueiro 11 de Sanguinhedo	
1516 - Espigueiro 12 de Sanguinhedo	
1517 - Espigueiro 13 de Sanguinhedo	
1518 - Espigueiro 14 de Sanguinhedo	
1519 - Espigueiro 15 de Sanguinhedo	
1520 - Espigueiro 17 de Sanguinhedo	
1521 - Espigueiro 18 de Sanguinhedo	
1522 - Espigueiro 19 de Sanguinhedo	
1523 - Espigueiro 20 de Sanguinhedo	
1524 - Espigueiro 21 de Sanguinhedo	



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da
Freguesia de Vieira do Minho

Inventário de património

Vieira do Minho

Casa de Lamas

A Casa de Lamas, datada dos inícios da década de 1760, foi mandada construir por Alexandre José de Lemos, que recebeu carta de brasão em 1779. Construída em cantaria granítica de excelente aparelho, a Casa de Lamas é de grandes dimensões, compo-se de vários corpos que foram sucessivamente acrescentados.

Para além da parte habitacional, onde se observa uma escadaria e a pedra de armas na fachada principal, com vãos e empenas molduradas de traça claramente barroca, no pátio interior destaca-se uma ampla varanda suportada por uma arcada composta por sete arcos de volta inteira. Junto ao pátio desenvolve-se outro eirado, mais ligado à exploração agrícola, junto ao qual se construiu um espigueiro.

Adossada à fachada principal encontra-se uma capela, dedicada a Santo António. De planta rectangular, é construída em alvenaria granítica, de aparelho regular. A fachada tem os cunhais e molduras das janelas e portas salientes. A cobertura telhada, sobre entablamento de granito, de duas águas, é coroada com pináculos nos cunhais e cruzeiros latinas sobre peanha, em granito, nas empenas. A porta é ladeada por dois vãos quadrilobados, encimada com frontão curvo, centrado com um painel, em granito. Sobre o frontão conserva-se vão quadrilobado, decorado.

Referências bibliográficas: Azevedo 1969, 149; Capela 2000, 65, 67; Guia de Portugal 1986, 867; Nobrega 1974, 16-29; Sloop 2000, 251-253; Vieira 2000, 72-74

URL: <http://www.monumentos.pt>;
<http://www.ippart.pt>

Em vas de classificação pelo Desp. de 12 de Março de 1975



Inventário de património

Vieira do Minho

Casa da Laje

A Casa da Laje terá sido mandada construir por António Joaquim Vieira Rebelo, monteiro-mor de Vieira, com carta de brasão de armas passada em 1802. A pedra de armas foi colocada ao centro da fachada do edifício, de planta em L e construído em alvenaria granítica, rebocada, com as molduras das janelas, portas e cunhais salientes. As empenas da fachada e da capela anexa desenham perfis sinuosos, introduzindo alguma sensação de movimento na massa construída, de inspiração barroca. A cobertura telhada, de várias águas, é coroada com urnas sobre os

cunhais e sobre o frontão curvo.

No piso térreo rasgaram-se quatro óculos circulares, centrado com a porta principal, que é sobreposta por uma varanda de bacia granítica e grade de ferro forjado, servida por duas portas com padieira moldurada.

Anexa à Casa da Laje, localiza-se a capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição que foi transferida para o local actual em 1808, como se pode verificar pela data gravada sobre a porta principal. De planta rectangular, é construída em alvenaria granítica, de aparelho regular, rebocada e pintada. A fachada tem os cunhais e molduras das janelas e portas

salientes. A cobertura telhada, sobre empena-frontão de granito, é coroada com pináculos e cruzeiros latinas sobre peanha, em granito.

No interior, que não se observou, conserva-se um retábulo de estilo neoclássico e o tecto pintado a representar Nossa Senhora da Conceição.

Referências bibliográficas: Capela 2000, 68; Guia de Portugal 1986, 867; Nóbrega 1974: 30-39; Stoop 2000, 247-248





Capela de Nossa Senhora da Conceição

Capela de planta rectangular, construída em alvenaria granítica, de aparelho regular, com cobertura sobre cornija de granito, telhada, de duas águas, coroada com pináculos e cruzeiros sobre penha, nas empenas. A porta da fachada principal é em arco quase perfeito, de feição ainda medieval e a porta lateral é rectangular.

No interior, modesto, destaca-se o retábulo em madeira policroma que abriga a Imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Referências bibliográficas: Capela 2003, 448; Craesbeek 1992, 138



Capela de Santo António

Capela de planta rectangular, construída em alvenaria granítica, de aparelho regular, com cunhais, molduras das portas e janelas salientes, a fim de receberem reboco. A cobertura telhada, de duas águas independentes, é coroada com pináculos sobre os cunhais e cruzeiros sobre penha, nas empenas. A fachada é animada por frontão de lanços, encimado por óculo de forma oval.

No interior, muito modesto, destaca-se o retábulo em madeira dourada e o tecto pintado, onde está representado Santo António.

No adro da capela encontram-se duas inscrições gravadas em lajes de granito, incrustadas no muro que separa o adro traseiro da estrada. Numa das lajes lê-se "BVLIA DE EDICTO / PAPA XIII CONCEDEUSE = / IAM TODOS OS ALTARES / DA CAPELLA DE SANTO / ANTONIO PERVELLIGIA = / DOS TODOS OS DIAS AOS CONE = / ?? ANO 1751". Na segunda laje, percebe-se a gravação de seis linhas, mas apenas se conseguem perceber algumas letras.

Referências bibliográficas: Craesbeek 1992, 183



Capela de São Roque

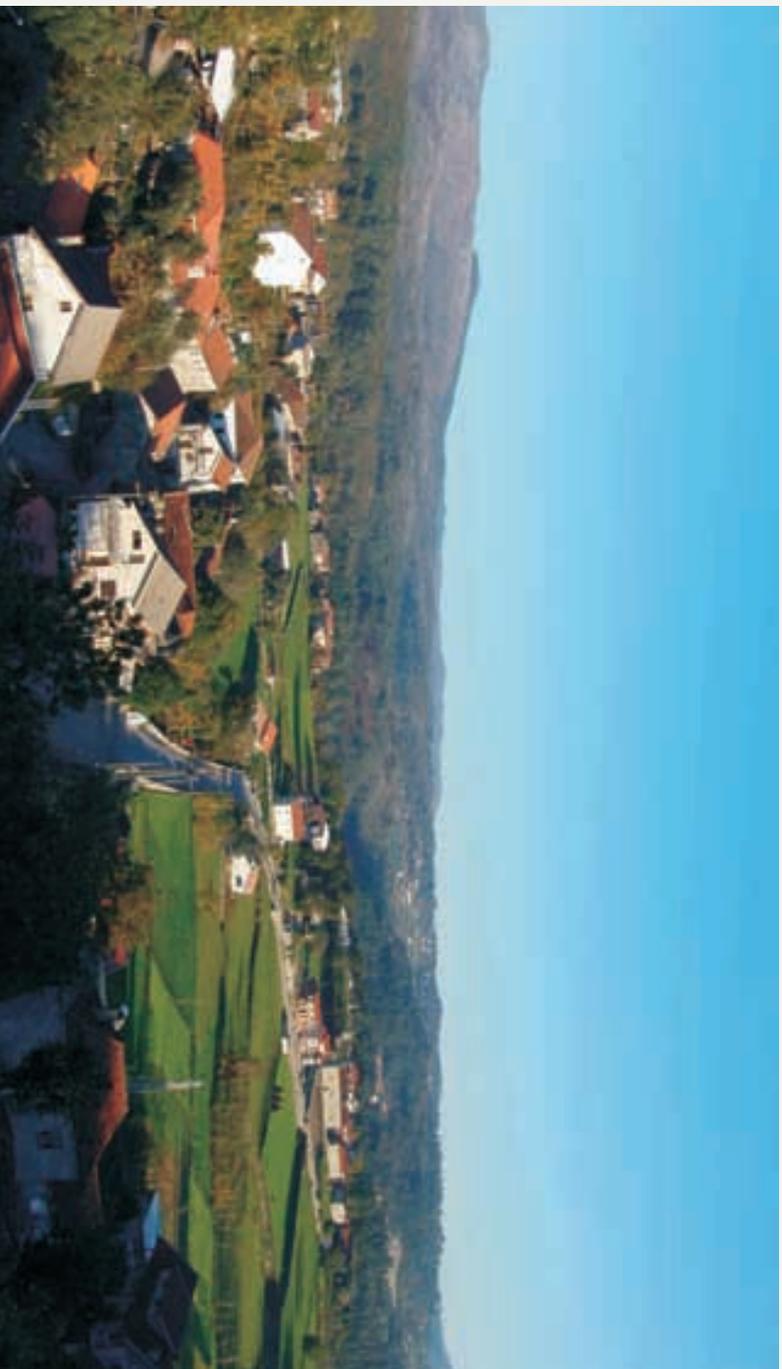
Capela de planta rectangular construída em alvenaria granítica de aparelho regular. A cobertura, sobre cornija de granito, de duas águas, é coroada com cruzeiros latinas sobre as empenas. Na fachada lateral conserva-se um pequeno campanário de arco peraltado.

No interior, muito modesto, existe um retábulo e um altar de madeira policroma. Uma grade de madeira divide o espaço interior da capela, criando uma separação tipo nave / capela-mor.

Referências bibliográficas: Craesbeek 1992, 182, 183



Vilar Chão



Localizada na margem direita do rio Ave, limitada a Norte pela freguesia de Ruivães, a Este pela freguesia de Anjos, a Sul por Rossas e a Oeste pelas freguesias de Mosteiro e Pinheiro, a freguesia de São Paio de Vilar Chão remonta ao século XI, já se nomeando em documento de 1059.

Festeja o dia de Nossa Senhora de Fátima em Maio e a Festa do Senhor no último domingo de Agosto.

Em 2001, a freguesia de Vilar Chão registava 291 residentes, distribuídos pelos lugares de Abelheira, Lage, Balteira e Ameã, com uma população activa que se dedica à

agricultura e ao pequeno comércio.

Em relação ao património, na freguesia registaram-se 8 sítios de interesse arqueológico e 54 sítios de interesse arquitectónico, fazendo um total de 62 valores patrimoniais.

Referencias Bibliográficas:

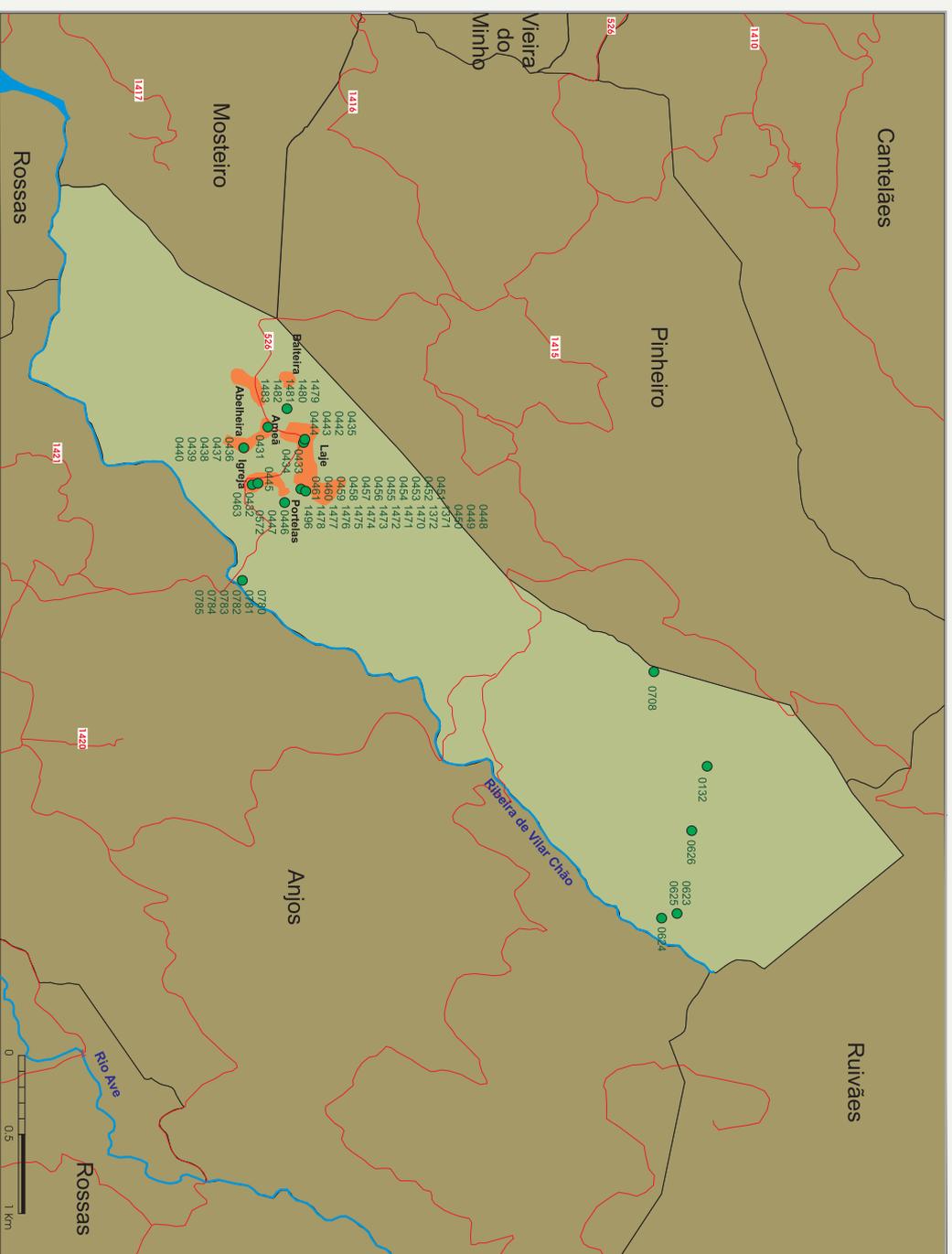
Capela 2003, 461 - 462; Costa 1997, 158; Costa 2000, 122.

Inventário de património

Vilar Chão

Lista dos sítios arqueológicos e arquitectónicos

0132 - Aldeia de Arandosa	1470 - Espigueiro 14 de Laje
0431 - Alminhas de Vilar Chão	1471 - Espigueiro 15 de Laje
0432 - Igreja de São Paio de Vilar Chão	1472 - Espigueiro 16 de Laje
0433 - Casa de Ameã	1473 - Espigueiro 17 de Laje
0434 - Espigueiro da Casa de Ameã	1474 - Espigueiro 18 de Laje
0435 - Espigueiro 1 de Ameã	1475 - Espigueiro 19 de Laje
0436 - Espigueiro 1 da Abelheira	1476 - Espigueiro 20 de Laje
0437 - Epígrafes da Casa do Inácio	1477 - Espigueiro 21 de Laje
0438 - Espigueiro 1 da Casa do Inácio	1478 - Espigueiro 4 de Ameã
0439 - Espigueiro 2 da Casa do Inácio	1479 - Espigueiro 1 de Balteiro
0440 - Espigueiro 3 da Casa do Inácio	1480 - Espigueiro 2 de Balteiro
0442 - Espigueiro 2 de Ameã	1481 - Espigueiro 3 de Balteiro
0443 - Lugar de Vilar Chão	1482 - Epígrafe da Casa de Balteiro
0444 - Espigueiro 3 de Ameã	1483 - Espigueiro da Casa de Balteiro
0445 - Cruzeiro da Igreja	1496 - Epígrafe da Casa do Novais
0446 - Espigueiro 1 de Portela	
0447 - Espigueiro 2 de Portela	
0448 - Espigueiro 1 de Laje	
0449 - Espigueiro 2 de Laje	
0450 - Espigueiro 3 de Laje	
0451 - Espigueiro 4 de Laje	
0452 - Espigueiro 5 de Laje	
0453 - Espigueiro 6 de Laje	
0454 - Espigueiro 7 de Laje	
0455 - Espigueiro 8 de Laje	
0456 - Espigueiro 9 de Laje	
0457 - Espigueiro 10 de Laje	
0458 - Espigueiro 11 de Laje	
0459 - Espigueiro 12 de Laje	
0460 - Espigueiro 13 de Laje	
0461 - Epígrafe da Casa de Infesta	
0463 - Espigueiro da Igreja	
0572 - Espigueiro 3 de Portela	
0623 - Cabana 1 de Cougoeirras de Baixo	
0624 - Abrigo da Pala Cova	
0625 - Cabana 2 de Cougoeirras de Baixo	
0626 - Cabana do Saltadouro	
0708 - Calçada de Arandosa	
0780 - Ponte da Pertega	
0781 - Moinho 3 das Azenhas da Ponte	
0782 - Moinho 2 das Azenhas da Ponte	
0783 - Moinho 4 das Azenhas da Ponte	
0784 - Moinho 1 das Azenhas da Ponte	
0785 - Moinho 5 das Azenhas da Ponte	
1371 - Epígrafe da Casa do Luís Batoca	
1372 - Epígrafe da Casa da Laje	



Localização dos sítios arqueológicos e arquitectónicos da freguesia de Vilar Chão

Inventário de património

Vilar Chão

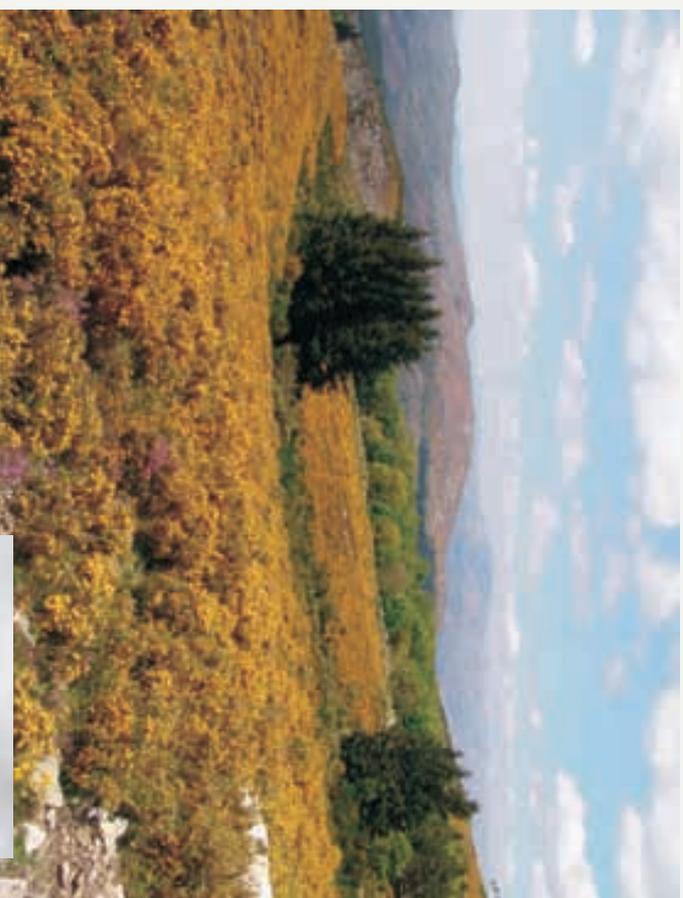
Aldeia de Arandosa

A Chã da Arandosa é uma ampla e bem irrigada chã da vertente meridional da Serra da Cabreira, a cerca de 900 metros de altitude. Neste local encontram-se restos de inúmeras edificações de planta rectangular com cerca de 4 metros de lado, dispostas em bandas contínuas ao longo de um eixo principal orientado Nordeste-Sudoeste, que deverá corresponder a um arruamento.

Cobrem uma área superior a 500 m². Conserva-se a parte inferior das paredes, formadas por grandes lajes graníticas simplesmente encostadas e fincadas no solo, aproveitando por vezes os próprios afloramentos naturais da rocha. Muitas outras lajes e blocos encontram-se tombados ao longo das paredes, onde se identificam ainda alguns vãos correspondentes às entradas. Não parece conservar-se sedimentação antrópica significativa nem se recolhe qualquer tipo de espólio. Nas proximidades identifica-se um esteio/padieira com gravuras.

Com base em sítios semelhantes existentes nas serras Amarela e da Peneda e valorizando a circunstância da implantação se fazer junto de bolsas de solos agricultáveis, neste caso acompanhada de socialcos, considera-se que este núcleo de construções tipo "pardieiros" ou "colmaços" serviriam uma exploração agrícola sazonal do sítio, funcionando como arrecadação e/ou abrigo episódico, bem como currais, também em regime de ocupação temporária. Pode, assim, classificar-se o sítio como "branda agro-pastoril", admitindo-se a sua ocupação durante a Idade Média.

Referências bibliográficas: Fontes 1999, VM 13, 16; Teixeira 1947, 50, 53; Vieira 2000, 53.



Igreja de Vilar Chão

Igreja paroquial de Vilar Chão, dedicada a São Paio. De nave e capela-mor retangulares, com sacristia adossada, é construída em alvenaria granítica de aparelho misto. A cobertura, de duas águas independentes, é em telha de aba e canudo, coroada com pináculos e cruzeiros latinas sobre peanha.

A fachada principal é animada pela empena moldurada em arco canopial e pelos vãos retangulares da porta com pingadouro e da janela que a sobrepuja. Na padieira da porta da sacristia gravou-se, em inscrição sulcada e pintada, a data "MDCCXII".

No interior, modesto, destacam-se os retábulos policromados e marmoreados da capela-mor e da nave.

A actual igreja é uma reedificação do século XVIII, devendo ter substituído uma anterior, pois a paróquia de São Paio de Vilar Chão já aparece registada no Censual do Bispo D. Pedro, no século XI.

Referências bibliográficas: Costa 1868-1869, 138; Costa 1997, 158; Costa 2000, 122, 309; Craesbeek 1992, 185; Vieira 2000, 411-412.



Cabana de Saltadouro

Cabana de pastor de planta circular, construída com esteios monolíticos, lajes e blocos graníticos, em aparelho de mamposteria e cobertura em falsa cúpula. Tem cerca de 3 metros de diâmetro e cerca de 2,5 metros de altura. A entrada está orientada a Sul.

Esta cabana distingue-se de todas as outras pelo facto de as suas paredes integrarem grandes esteios verticais, dando-lhe uma configuração megalítica, tipo dólmen.

Referências bibliográficas: Fontes, 1998, VM

14



Inventário de património

Vilar Chão



Ponte da Partega

Ponte sobre a ribeira de Vilar Chão, com um arco de cantaria granítica contido por paramentos de mamposteria grosseira, que ligam as margens através de um tabuleiro com cerca de 10 metros de comprimento e 2,40 metros de largura, ligeiramente em cavalete e pavimentado com lajes graníticas. As guardas, também em granito, foram parcialmente derrubadas pelas últimas cheias. Não aparece referida nas "Memórias Paroquiais", pelo que será posterior a 1758.



Casa de Ameã

Embora parcialmente arruinada e já com algumas aduelas, é uma casa de lavrador com a tradicional planta em "U" e pátio interior, para onde abre uma ampla varanda alpendrada, com o telhado suportado por belas colunas prismáticas.

Construída em alvenaria granítica de aparelho regular, apresenta na fachada virada à rua janelas com padieira arqueada e com mísulas-floreiras. Nas padieiras do portal e da porta lateral gravaram-se as inscrições sulcadas "MAI ? 1671 IHS" e "ESTA MANDO / FACER MANOEL / LUIS ANO 1735"



Alminhas de Vilar Chão

Alminhas compostas por painel granítico esculpido, encostado a uma coluna prismática sobre plinto cúbico e com capitel coríntio.

O painel, em forma de losango composto, é moldurado e remata inferiormente em volutas. No campo interior rebaixado esculpiram-se cinco rostos entre chamus, evocando as almas do purgatório.

Na face do plinto, por baixo da porta da cavidade das esmolas, foi gravada a inscrição "DEVOÇON / JOAMLVIS / ANO 1772".



- ALARCÃO, J. de (1988) *Roman Portugal, II*. Warmminster: Arts & Phillips Ltd.
- ALARCÃO, J. de (1995) Aglomerados Urbanos Secundários Romanos de Entre Douro e Minho. *Biblos*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 71, p. 387-401.
- ALARCÃO, J. de (2004) Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia II, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 7, número 2.
- ALMEIDA, C. A. Ferreira de (1968) *Vias Medievais Entre Douro e Minho*. Dissertação para Licenciatura em História. Faculdade de Letras do Porto. Porto p. 28, 29, 195, 196.
- ALMEIDA, C. A. Ferreira de (1970) Uma Cabeça Romana de Bronze. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Série História*, 1. Porto, p. 77-82.
- ALMEIDA, C. A. Ferreira de (1978a) *Arquitectura Românica de Entre Douro e Minho*. Dissertação de doutoramento em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, vol II, p. 206, 214.
- ALMEIDA, C. A. Ferreira de (1978b) *Castelologia Medieval de Entre Douro e Minho. Desde as Origens a 1220*. Trabalho complementar para prestação de provas de doutoramento em História de Arte. Porto, p. 35.
- ALVES, J. (2001), *Bicentenário da Capela e Confraria de Nª Sr.ª da Begonha*. Município de Vieira do Minho.
- ARGOTE, Frei Jerónimo Contador d' (1732) *Memórias para a história eclesiástica do Arcebispado de Braga. Título I. Da Geografia do Arcebispado Primaz de Braga, e da Geografia Antiga da Provincia Bracarense*. Tomo Primeiro, Lisboa.
- ARGOTE, Frei Jerónimo Contador (1734) *Memórias para a história eclesiástica do Arcebispado de Braga. Título I. Da Geografia do Arcebispado Primaz de Braga, e da Geografia Antiga da Provincia Bracarense*. Tomo Segundo, Lisboa.
- AZEVEDO, C. (1988) *Solares Portugueses*. Introdução ao Estudo da Casa Nobre. Livros Horizonte. Lisboa, p. 149.
- BAPTISTA, A. Martinho (1983/84) *Arte Rupestre no Norte de Portugal: Uma Perspectiva*. *Portugalia*, Actas do colóquio *Inter Universitário de Arqueologia do Noroeste, Homenagem a Rui de Serpa Pinto. Nova Série, Instituto de Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, vol IV/V, p. 71-82.*
- BAPTISTA, J. Dias (1990) *Via Prima (A Via Imperial Romana de Braga/Astorga). Aqua Flaviae*. *Chaves*. 3, p. 135-182.
- BAPTISTA, J. Luiz Meireles (2001) *Povoamento Pré-Histórico e Paleoeologia nas Serras de Média Altitude do Norte de Portugal (Projecto Praxis / PCSH / P / HAR /59/96)*.
- BARRADAS A. Lerenó, (1956) *Vias romanas das regiões de Chaves e Bragança. Revista de Guimarães*. Guimarães. 66:1-2, p. 159-241.
- BARROCA, Mário Jorge (1987) *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre Douro e Minho (Séculos V-XV)*. Trabalho apresentado no âmbito das provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. p. 152-153.
- BARROCA, M. Jorge; Reali, M. Luís (1992) *As caixas - Relicário de São Torcato Guimarães (Séculos X XIII)*, *Arqueologia Medieval*. Edições Afrontamento. p. 154-156.
- CAMPOS, A.J.T. de (1998) *Serra da Cabreira, Centro de Interpretação e Animação da Serra da Cabreira*. Vieira do Minho. [CD-ROM]
- CAMPOS, A.J.T. de (1997) *Guia das Aldeias da Serra da Cabreira*. Centro de Interpretação e Animação da Serra da Cabreira. Vieira do Minho
- CAPELA, J. Viriato e BORRALHEIRO, R. (2000) *Vieira do Minho nas Memórias Paroquiais de 1758*. Edição da Câmara Municipal de Vieira do Minho e Vieira Cultura e Turismo. E.M.
- CAPELA, J. Viriato (2003) *As Freguesias do Distrito de Braga nas Memórias Paroquiais de 1758. A construção do imaginário minhoto setecentista*. Edição integrada no Projecto *A Descrição do Território Português do Século XVIII, apoiada pela F.C.T (Fundação para a Ciência e Tecnologia) e pelo Mestrado de História das Instituições e cultura Moderna e Contemporânea (Universidade do Minho)*, p. 441 -462.
- CAPELA, Martins (1987) *Milários do Conventus Bracaraugustanus em Portugal, (2ª ed., com introd. José V. Capela)*. Câmara Municipal de Terras de Bouro. Terras de Bouro.
- CARTA MILITAR DE PORTUGAL: FOLHAS 43, 44, 57, 58, 71, 72 Série M 888 [Material cartográfico] / Instituto Geográfico do Exército. Escala 1:25000. Lisboa: IGE, 1997
- CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: FOLHA 5-B [Material cartográfico] Instituto geológico e Mineiro. - Escala 1.50 000. Lisboa: SGP, 1975.
- CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: FOLHAS 6-A [Material cartográfico] Instituto geológico e Mineiro. - Escala 1.50 000. Lisboa: SGP, 1983.
- CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: FOLHAS 5-D, 6-C [Material cartográfico] Instituto geológico e Mineiro. - Escala 1.50 000. Lisboa: IGM, 2000.
- Catálogo dos Imóveis Classificados, Monumentos Nacionais e Imóveis de Interesse Público (1973). Ministério da Educação Nacional, Secretaria de Estado da Instrução e Cultura, Junta Nacional da Educação e Direcção Geral dos Assuntos Culturais. Lisboa. 30
- CHAVES, L. (1939) *Os Pelourinhos*. Elementos para o seu Catálogo Geral. Edições José Fernandes Júnior. Lisboa. p. 93-97.
- Collegam dos Documentos, e Memórias da Academia real da Historia Portuguesa (1724). Ordenada pelo Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, secretario da mesma Academia. Na officina de Pascoal da Sylva. Lisboa.
- Collegam dos Documentos, e Memórias da Academia Real da Historia Portuguesa (1725). Ordenada pelo Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva,

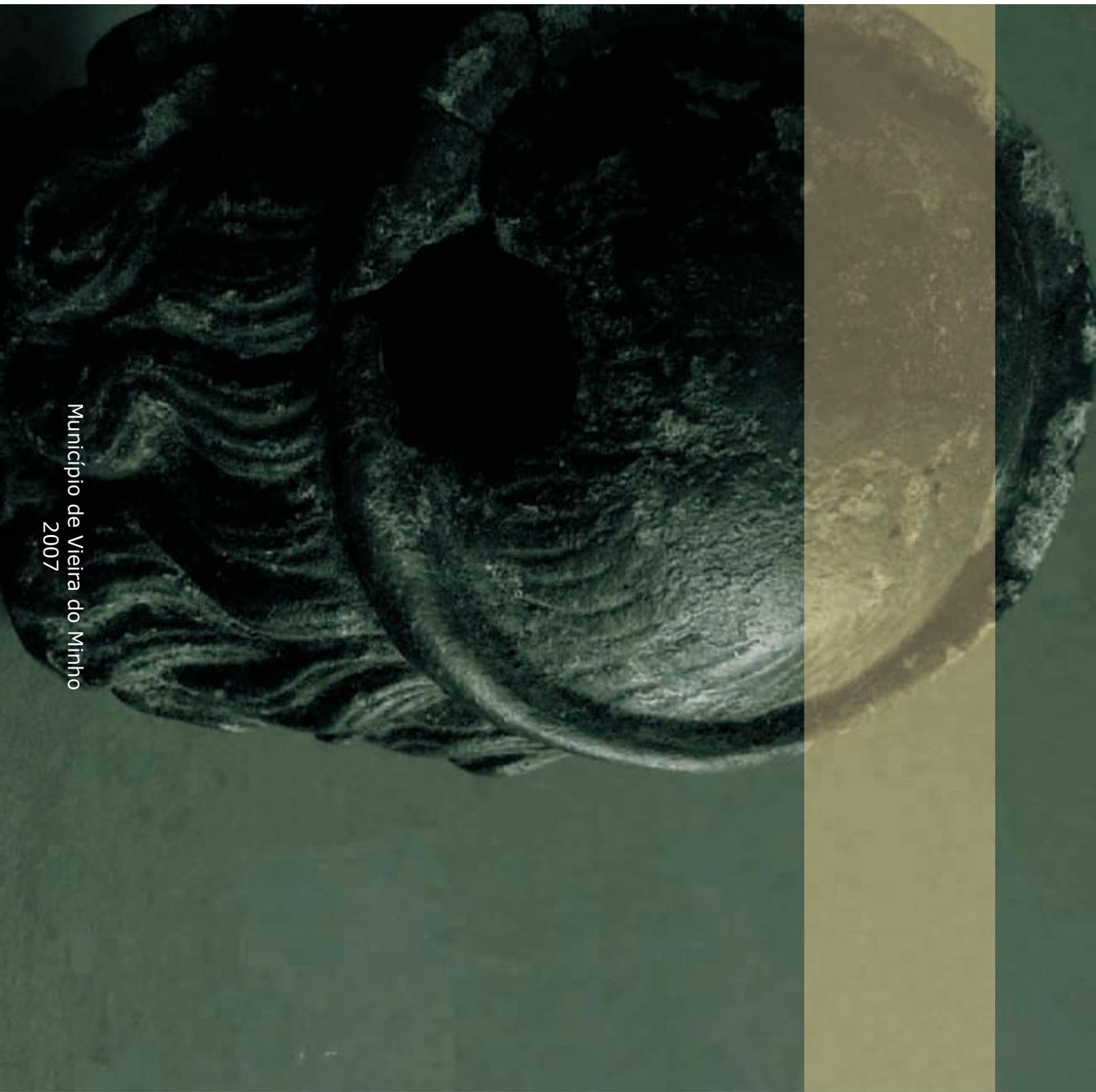
Bibliografia

- secretário da mesma Academia. Na officina de Pascoal da Sylva. Lisboa.
- COSTA, A. Carvalho da, (1868-1869) *Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica do Famoso Reino de Portugal...*, 3 vols., 2.ª ed., Braga. Tip. Domingos Gonçalves Gouveia, (1.ª ed. Lisboa, 1706), p. 136-138, 140-142, 454.
- COSTA, Pe. Avelino de Jesus da (1965) - *Liber Fidei. Sanctae Bracarensis Ecclesiae. Tomo I*, doc 97. Junta Distrital de Braga. Braga.
- COSTA, Pe. Avelino de Jesus da (1990) - *Liber Fidei. Sanctae Bracarensis Ecclesiae. Tomo III*, doc 614, 698, 702, 846. Junta Distrital de Braga. Braga.
- O Bispo D. Pedro e a Organização da Arquidiocese de Braga, (2ª edição refundida e ampliada). Edição da Irmandade de S. Bento da Porta Aberta. Braga. vol I, p. 110-111, 116-123, 128, 217, 303, 306-309, 312, 363, 385.
- COSTA, Pe. Avelino de Jesus da (2000) - *O Bispo D. Pedro e a Organização da Arquidiocese de Braga, 2ª edição refundida e ampliada. Edição da Irmandade de S. Bento da Porta Aberta. Braga. vol II*, p. 156-159, 240-241, 244-245, 260-263, 336-237, 340-341, 352-355, 384-387, 462-465, 482-483.
- CRAESBECK, F. Xavier da Serra (1992) *Memórias Ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho no ano de 1726. Edições Carvalhos de Basto, Lda, Ponte de Lima. vol. II*, p. 130-144, 180-189, 236-237.
- CUNHA, Pe A. Ribeiro da (1975) *Trepando aos Montes. O Distrito de Braga, 2ª Série, I (1-4), Boletim Cultural de Etnografia e História. Junta Distrital, Braga. p. 507-508, 509-512, 533-535.*
- DEVY-VARETA, Nicole (1993) - *A Floresta no Espaço e no Tempo em Portugal. A arborização da Serra da Cabreira (1919-1975), dissertação de doutoramento (polycopiada), Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto.*
- Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura (1964 1976)*, Editorial Verbo. Lisboa.
- FERNANDES, A. Gonçalves (2005) *Monografia e Toponímia de Rossas. Junta de Freguesia de Rossas e Município de Vieira do Minho.*
- FERREIRA, N. [et. al.] (2000) *Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da Folha 5-D, Braga. Lisboa: Instituto Geológico e Mineiro.*
- FONTEs, L. F. de Oliveira (1993) *Itinerários do Românico. Região de Turismo do Verde Minho - Costa Verde. Braga. p. 54-59.*
- FONTEs, L. F. de Oliveira (1998) - *Inventário de Sítios e Achados Arqueológicos da Vertente Alta da Serra da Cabreira. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Braga. Polycopiado.*
- FONTEs, L. 1999 *Arqueossítios da Serra da Cabreira [CD-ROM]. Vieira do Minho: CIASC.*
- FREITAS, B. J. de (1890). *Memórias de Braga, Tomo I. Braga.*
- Guia de Portugal Entre Douro e Minho, 4º volume, 3ª edição. Organização de Sant'Anna Dionísio. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.*
- GONÇALVES, Pe. Artur Jorge (2004) *Nossa Senhora da Orada. Monografia da Orada de Pinheiro. Vieira do Minho.*
- GOUVEIA, H. (1993) *Vieira do Minho, Roteiro III Páginas Verdes. Vieira do Minho, Câmara Municipal de Vieira do Minho.*
- HÉRVAS, J. M. Roldán (1975) - *Iteneraria Hispania, Fuentes Antiguas de las Vías Romanas en la Península Ibérica, Departamento de Historia Antigua. Universidad de Valladolid. Departamento de Historia Antigua Universidad de Granada. p. 19-101*
- HUBNER, E. (1892) *Corpus Inscriptionum Latinarum, II, Berlin 1869, 1892 (suplemento).*
- (INQ. 1220) - *Portugaliae Monumenta Historica. Inquisitionis, II, Academia das Ciências, Lisboa, 1888, pp 55-59, 63, 144-148, 152-154, 196-198, 201, 245-248, 251-252.*
- (INQ. 1258) *Portugaliae Monumenta Historica. Inquisitionis, I, II Academia das Ciências. Lisboa, 1888, vol I, p. 665-666, 675-679.*
- (Idem) vol II, p. 1495-1496, 1498, 1503-1509, 1511, 5110.
- JORGE, V. Oliveira (1982) *Megalitismo do Norte de Portugal. O Distrito do Porto. Os Monumentos e a sua Problemática no Contexto Europeu. Dissertação de doutoramento em Pré-história e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. vol I, p 445-446.*
- JORGE, S. Oliveira (1986) *Povoados da Pré-História Recente da Região de Chaves-V.ª p.ª de Aguiar, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto. Porto. vol 1-B, p 874.*
- LEMOS, F. Sande (2000) *A Via Romana entre Bracara Augusta e Asturica Augusta, por Aquae Flaviae (contributo para o seu estudo). Revista de Guimarães. Guimarães, 110, p. 15-48*
- LOPES, F. (Coord) (1993) *Património arquitectónico e arqueológico. Lisboa. IPPAR.*
- MEDEIROS, A. Cândido de [et. al.] (1975) *Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da Folha 5-B, Ponte da Barca. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.*
- MONTALVÃO A. (1971) *Notas sobre vias romanas em terras flavienses. Bragança.*
- NOBREGA, A. Vaz-Osório da (1974) *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga, Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso. Junta Distrital de Braga. vol. IV,*
- NORONHA, Fernando e RIBEIRO, Maria Luísa (1983) *Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da Folha 6-A, Montalegre. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.*
- OLIVEIRA, E. Pires de (2005) *A Freguesia de Anissó (Vieira do Minho), Junta de Freguesia de Anissó. Vieira do Minho.*
- OLIVEIRA, E. Veiga de; GALHANO, F. (1994) - *Arquitectura Tradicional Portuguesa. 2ª Edição, Publicações Dom Quixote. Lisboa.*
- OLIVEIRA, E. V.; GALHANO, F.; PEREIRA, B. (1994) - *Construções primitivas em Portugal. 3ª Edição, Publicações Dom Quixote. Lisboa.*

- PEIXOTO, Rocha (1967) *Estudos de Etnografia e Arqueologia, Edição da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, vol.1, p. 166-167, 232, 235, 239, 324, 340, 347, 370, 381.*
- PINHEIRO, J. Henriques (1895) *Estudo da Estrada Militar Romana de Braga a Astorga. Porto: Imprensa Civilização. Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios, Município de Vieira do Minho (2006). Divisão de Desenvolvimento e Ambiente / Gabinete Técnico Florestal. Câmara Municipal de Vieira do Minho.*
- RIBEIRO, M. A. [et. al.] (2000) *Carta Geológica de Portugal, Notícia Explicativa da Folha 6-C, Cabeceiras de Basto. Lisboa: Instituto Geológico e Mineiro.*
- RUIZ ZAPATA et al., B. Ruiz Zapata, A.I. Correia, S. Daveau e M. Lecompte (1993) - *Datos preliminares sobre la evolución de la vegetación en las sierras del Noroeste de Portugal durante el Holoceno, Actas da 3ª Reunião do Quaternário Ibérico, (Coimbra, 27 de Set. a 1 de Out. de 1993), Universidade de Coimbra, Coimbra, p.97-104*
- SANCHES, Maria de Jesus (1981) *Recipientes Cerâmicos da Pré-História recente do Norte de Portugal, Arqueologia, n.º 3, Junho de 1981. p 88-91.*
- SANTANA, Olinda (1995) *O Foral Manuelino da terra de Rossas, Cadernos do Pelourinho 1. Junta de Freguesia de Rossas. Vieira do Minho.*
- SARMENTO, F. Martins (1999) *Antiqua. Apontamentos de arqueologia. Leitura e organização de António Amaro das Neves. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento. p 35, 148-149, 435, 459, 463.*
- SARMENTO, F. Martins (1933) - *Dispersos Colectânea de Artigos Publicados, Desde 1876 a 1899, Sobre Arqueologia, Ethnologia, Mitologia, Epigrafia e Arte Pré-Histórica. Coimbra: Imprensa da Universidade Coimbra. p. 225-226, 254-267.*
- SILVA, A. Coelho Ferreira da (1986) - *A Cultura Castreja do Noroeste de Portugal. Paços de Ferreira. Câmara Municipal de Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Cidadania de Sanfins. p 79-80.*
- SILVA, D. M. da (1958) - *Monografia do Concelho de Amares. Braga: Câmara Municipal de Amares.*
- SILVA, J. Henrique Pais da e CALADO, Margarida (2005) *Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura. Lisboa: Editorial Presença.*
- SOARES, A. (2000) [coord.] *Atlas de Fauna e Flora da Serra da Cabreira. Vieira do Minho: CIASC.*
- STOOP, Anne (2000) *Palácios e Casas Senhoriais do Minho. Lisboa: Civilização Editora. p 247, 248, 251, 253, 277, 279.*
- TEIXEIRA, C. (1940) - *Por Terras de Vieira.*
- TEIXEIRA, C. (1947) *Ruínas de povoados antigos na Serra da Cabreira. Revista de Guimarães. Publicações da Sociedade Martins Sarmento. LVII, p. 108-111.*
- TEIXEIRA, C. (1948) *Nota sobre algumas construções megalíticas minhotas. Revista de Guimarães. Publicações da Sociedade Martins Sarmento. LVIII, p 51-54.*
- TEIXEIRA, C. (1955-56) - *Subsídios para o Estudo da Arqueologia Bracarense. Bracara Augusta. Revista Cultural da Câmara Municipal de Braga. Braga. 6-7 (1-4) 21*
- TEIXEIRA, L. M. (1985) *Dicionário Ilustrado de Belas Artes. Lisboa: Editorial Presença.*
- Tesouros Artísticos de Portugal (1976). Selecções do Reader's Digest. Lisboa. 572*
- TRANOY, Alain (1981) - *La Galice Romaine. Recherches sur le nor-ouest de la péninsule ibérique dans l' Antiquité. Publications de Centre Pierre Paris, Collection de La Masion des Pays Ibériques Paris*
- VIEIRA, J. C. Alves (2000) *Vieira do Minho, Notícia Histórica e Descritiva. Introdução de Luís Jácome. Braga: "O Jornal de Vieira". Edição Fac-Símile da edição de 1925.*
- VV. AA. 2002 *Rota do Património Industrial do Vale do Ave. Adrave Agência de Desenvolvimento Regional do Vale do Ave, S. A., Vila Nova de Famalicão.*
- Disponível em WWW:
 URL: <http://www.ipa.min-cultura.pt>
 URL: <http://www.ippar.pt>
 URL: <http://www.monumentos.pt>



Município de Vieira do Minho
2007



Município de Vieira do Minho
2007